

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Douglas Alves Graciano

**A MARGEM DA IMAGEM: UMA ANÁLISE DA (IN)VISIBILIDADE TRANS NO  
*INSTAGRAM***

Bauru

2018

Douglas Alves Graciano

**A MARGEM DA IMAGEM: UMA ANÁLISE DA (IN)VISIBILIDADE TRANS NO  
*INSTAGRAM***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Laan Mendes de Barros.

Bauru

2018

Graciano, Douglas Alves.

A margem da imagem: uma análise da (in)visibilidade trans no *Instagram* / Douglas Alves Graciano, 2018  
124 f. : il.

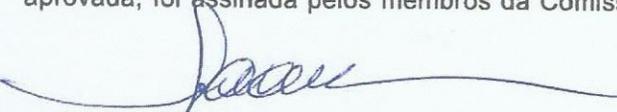
Orientadora: Laan Mendes de Barros

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018

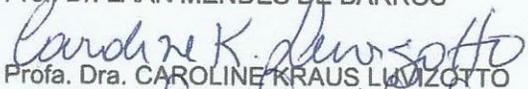
1. Redes sociais. 2. Mdiatização. 3. *Instagram*.  
4. Imagem fotográfica. 5. TransexualidadeI.  
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de  
Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE DOUGLAS ALVES GRACIANO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.**

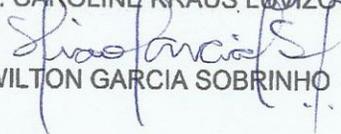
Aos 30 dias do mês de agosto do ano de 2018, às 13:30 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. LAAN MENDES DE BARROS - Orientador(a) do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP/Campus de Bauru, Prof. Dr. WILTON GARCIA SOBRINHO do(a) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura / UNIVERSIDADE DE SOROCABA, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de DOUGLAS ALVES GRACIANO, intitulada **A margem da imagem: uma análise da (in)visibilidade trans no Instagram**. Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: Aprovado . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. LAAN MENDES DE BARROS



Profa. Dra. CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO



Prof. Dr. WILTON GARCIA SOBRINHO

Douglas Alves Graciano

**A MARGEM DA IMAGEM: UMA ANÁLISE DA (IN)VISIBILIDADE TRANS NO  
*INSTAGRAM***

Área de Concentração: Comunicação Midiática

Linha de Pesquisa: Produção de Sentido na Comunicação Midiática

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Laan Mendes de Barros

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Caroline Kraus Luvizotto

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Prof. Dr. Wilton Garcia Sobrinho

Instituição: Universidade de Sorocaba

Resultado:

Bauru, 30 /08/ 2018

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Prof. Dr. Laan Mendes de Barros, por compartilhar seu conhecimento e por acreditar e confiar no meu trabalho.

Aos meus pais, Neuza e José Graciano, que sempre me apoiaram em todas as etapas e em especial ao meu pai, mesmo não estando presente nesse momento, faz parte de todo o processo. Às minhas irmãs, Lucilene e Geisi. Às minhas sobrinhas e sobrinho; Brenda, Rebeca e Guilherme.

Aos meus amigos, que compartilharam comigo direto e indiretamente com essa pesquisa: Mariana, Leandro, Natália, Fernanda, Victor, Lívia, Arthur, Bruno, Leonardo, Denise, Leticia, Mariana Barros, Bibiana, Gislene, Mayara, Franciele, Vivian, Caique, Aline, Vanderléia e outros no decorrer dessa jornada.

Ao todo corpo docente, alunos e funcionário da Escola Estadual João Batista de Aquino, na qual eu leciono.

Obrigado.

## **Não Recomendado**

Uma foto, uma foto  
Estampada numa grande avenida  
Uma foto, uma foto  
Publicada no jornal pela manhã  
Uma foto, uma foto  
Na denúncia de perigo na televisão

A placa de censura no meu rosto diz:  
Não recomendado à sociedade  
A tarja de conforto no meu corpo diz:  
Não recomendado à sociedade

Pervertido, mal amado, menino malvado, muito  
cuidado!  
Má influência, péssima aparência, menino  
indecente, viado!

A placa de censura no meu rosto diz:  
Não recomendado à sociedade  
A tarja de conforto no meu corpo diz:  
Não recomendado à sociedade

Não olhe nos seus olhos  
Não creia no seu coração  
Não beba do seu copo  
Não tenha compaixão  
Diga não à aberração

A placa de censura no meu rosto diz:  
Não recomendado à sociedade  
A tarja de conforto no meu corpo diz:  
Não recomendado à sociedade

(Caio Prado)

GRACIANO, Douglas Alves. **A margem da imagem: uma análise da (in)visibilidade trans no *Instagram***. 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) – FAAC – UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Laan Mendes de Barros. Bauru, 2018.

## **RESUMO**

As imagens fotográficas presentes nos meios de comunicação e, em especial, nas redes sociais, como o aplicativo *Instagram*, estão presentes nas relações sociais dos indivíduos de forma cada vez mais intensa e extensa. Isso se deve às transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico que têm facilitado o acesso e proporcionado mudanças nas interações entre indivíduo e sociedade. Nessa perspectiva, a proposta deste trabalho foi uma análise do *Instagram* para dar visibilidade a pessoas transexuais por meio da fotografia no aplicativo. Assim, através da observação analítica de três perfis, estudamos as dinâmicas de percepção, identificação e interpretação das imagens fotográficas veiculadas na internet por parte de enunciadores trans, que se manifestam e afirmam sua identidade como homens e mulheres transexuais, ou mesmo como pessoas que não se identificam com nenhum dos gêneros. Analisamos como a fotografia é representada e qual sua importância para dar visibilidade para esses indivíduos no contexto que estão inseridos, quais expressões e significado que passaram ao registrar momentos de sua vida pessoal. Na sociedade hodierna, as redes sociais tornaram-se mecanismo de influência para os indivíduos consumirem e interagirem no espaço virtual.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Redes sociais, mídiatização, *Instagram*, imagem fotográfica, transexualidade

GRACIANO, Douglas Alves. **The margin of the image: an analysis of trans (in) visibility on Instagram**. 2018. Dissertation (MSc Academic in Communication) - FAAC - UNESP, under the guidance of Prof. Dr. Laan Mendes de Barros. Bauru, 2018.

## **ABSTRACT**

The photographic images found in the media, especially in social networks, such as Instagram, are increasingly taking a more significant part in people's social relations. One can attribute this phenomenon to the transformation resulted from technological developments that have facilitated access and led to changes in the interactions between individuals and society. In this perspective, the purpose of this work is to analyze the importance of Instagram in giving visibility to transgender people. Through analytical observation of three Instagram profiles, the perception dynamics, identification and interpretation of pictures presented within this social media will be discussed. The focus will be placed in images posted by individuals who manifest themselves as transgender man or women, as well as those who do not identify themselves with either gender. This work will analyze how these pictures are represented, the role they play in making these individuals visible and what expressions and meaning they portray when recording moments of their personal life. In today's society social networks have become a mechanism of influence for individuals to consume and interact within a virtual space.

## **KEYWORDS**

Social Networks, Mediated Society, Photographic Image, Transsexuality

## Índice de Figuras

Figura 1 - <i>Print Screen</i> da página de Thammy Miranda .....	74
Figura 2 - <i>Print Screen</i> da página de Linike.....	74
Figura 3 - <i>Print Screen</i> da página de LeaT.....	75
Figura 4 - <i>Print Screen</i> da página de Liniker .....	78
Figura 5 - <i>Print Screen</i> da página de Thammy Miranda .....	78
Figura 6 - <i>Print Screen</i> da página de Lea T.....	79
Figura 7 - <i>Print Screen</i> da página de Thammy Miranda .....	82
Figura 8 - <i>Print Screen</i> da página de Liniker .....	82
Figura 9 - <i>Print Screen</i> da página de Lea T.....	83
Figura 10 - <i>Print Screen</i> da página de Lea T.....	85
Figura 11 - <i>Print Screen</i> da página de Thammy Miranda .....	85
Figura 12 - <i>Print Screen</i> da página de Liniker .....	86
Figura 13 - <i>Print Screen</i> de Thammy Miranda.....	93
Figura 14 - Coletânea de manchetes com diferentes narrativas sobre Thammy Miranda.....	93
Figura 15 - <i>Print Screen</i> das páginas de <i>Instagram</i> .....	95
Figura 16 - <i>Print Screen</i> da página de Thammy Miranda .....	97
Figura 17 - <i>Print Screen</i> da página de Liniker .....	97
Figura 18 - <i>Print Screen</i> da página de Lea T.....	98
Figura 19 - <i>Print Screen</i> da página de Lea T.....	99
Figura 20 - <i>Print Screen</i> da página de Thammy Miranda .....	101
Figura 21 - <i>Print Screen</i> da página de Thammy Miranda.....	101
Figura 22 - <i>Print Screen</i> da página de Lea T.....	103
Figura 23 - <i>Print Screen</i> da busca pela #liniker.....	104
Figura 24 - <i>Print Screen</i> da página de Thammy Miranda.....	105
Figura 25 - <i>Print Screen</i> da página de Liniker.....	107
Figura 26 - <i>Print Screen</i> da página de Lea T.....	108

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	17
OS PROCESSOS DA COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE .....	17
1.1 Sociedade e Mídia: Mediações e Miatização.....	17
1.2 Sociedade Miatizada e Tecnologia da Comunicação .....	22
1.3 Comunicações Digitais e Internet .....	29
CAPÍTULO II.....	34
ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE.....	34
2.1 Uma reflexão sobre Sexo, Sexualidade e Gênero.....	34
2.2 Transexualidade .....	39
CAPÍTULO III .....	48
UMA REFLEXÃO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA TRANSEXUALIDADE NA COMUNICAÇÃO.....	48
3.1 A Representação Trans nas Redes Sociais .....	48
3.2 As Mudanças Sociais em Relação à Transexualidade.....	53
3.3 A Transexualidade nas Organizações Sociais e Miatáticas.....	58
3.4 A Veiculação da Transexualidade na Mídia .....	62
CAPÍTULO IV .....	68
A IMAGEM TRANS NA TRANSPOSIÇÃO DA INVISIBILIDADE: ESTUDOS DE CASO .....	68
4.1 Metodologia .....	68
4.2 A imagem fotográfica no <i>Instagram</i> .....	70
4.3 A Linguagem Fotográfica .....	76
4.4 Uma Análise da (In)visibilidade Trans no <i>Instagram</i> .....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	117

## INTRODUÇÃO

Os aparatos comunicacionais como, por exemplo, o computador, a televisão, os celulares, entre outros possuem um papel fundamental nas transformações que ocorrem e vêm ocorrendo nas relações sociais entre os indivíduos. É visível que as novas tecnologias têm facilitado o acesso aos meios de comunicação e, conseqüentemente, ao acesso às informações.

Desde os anos 1990, após a revolução digital, ocorreram mudanças significativas na comunicação móvel, tal como na internet e na mídia audiovisual (televisão, computador, celular). Esse fator contribui para que os indivíduos tenham um maior acesso a esses objetos tecnológicos (JENKINS, 2009).

A sociedade está em mudanças constantes, tanto em hábitos, modo de agir, rotinas. Isso é tão frequente que algo que hoje pode ser novo em um tempo muito rápido torna-se obsoleto. A velha concepção de entender o passado para compreender o presente e prever o futuro não deixa de ser verídica.

Essas mudanças impedem a sociedade de estacionar. Ela está se modernizando, ultrapassando as datas de vencimento, rejeitando as novas identidades que estão sendo formadas. A solução é começar de novo, buscando sempre formas de bem estar (BAUMAN, 2001).

A imagem fotográfica também se modificou. Surgiu na década de 1830, com a utilização de papéis fotossensíveis e a exposição de Deguerre em 1839 foi precursora. Desde então, foi ganhando espaço no campo da arte e comunicação, com mudanças em seu processo histórico, sobretudo devido à evolução da câmera fotográfica, inclusive em aparelhos móveis - o que facilitou o acesso à imagem.

Com isso, houve o aperfeiçoamento contínuo dos aparelhos fotográficos em relação às tecnologias digitais, modificando a maneira com que ocorre a produção, circulação e consumo de imagens e as relações sociais entre os indivíduos.

Atualmente, a popularização de aparelhos como *tablets* e *smartphones* impulsionaram ainda mais o uso da fotografia para as mais diversas finalidades. Além da facilidade de ter um aparelho fotográfico à mão, também há compartilhamento de imagens via internet com certa instantaneidade, fazendo com que a fotografia seja pertencente à cultura contemporânea.

Acredita-se assim que, desde seus primórdios, a imagem fotográfica teve sua apropriação relacionada às diversas esferas da sociedade. A fotografia pode estar vinculada a

expressões artísticas, testemunhos jornalísticos, documentação para uso científico, retratação de situações sócio-históricas e também arquivos pessoais, filmes.

O uso da imagem fotográfica nas relações sociais é crescente. Denota-se, portanto, que acontece maior visibilidade inclusive para indivíduos que geralmente não têm acesso aos espaços na sociedade. Para Ulrich Beck (1997), as mudanças que ocorrem na sociedade precisam ser dotadas de conflitos e interesses para que haja uma pacificação através da socialização.

Nesse contexto, os aplicativos, tornaram-se parte da vida dos indivíduos e, com isso, têm influenciado sua atuação política, bem como de seus representantes. Deste modo, em uma sociedade midiaticizada, a internet e os meios digitais são sistemas que influenciam transformações tanto negativas como positivas diante de suas práticas culturais, sociais e políticas.

As redes sociais permitem analisar como se situam as relações, as influências e apropriações nesse espaço. Nesse caso, as transformações sociais também permitem que minorias como os LGBTQs<sup>1</sup> tenham igualmente acesso a dados e informações.

Na presente pesquisa, as minorias são entendidas como grupos de pessoas que têm seus direitos negados pela sociedade. Priorizar-se-á os transexuais, uma vez que têm atuando consideravelmente nas redes sociais emergentes. Assim, muitas vezes um grupo minoritário apropria-se do espaço virtual para potencializar e reivindicar participações e envolvimento nos aspectos da estrutura social. Mesmo que esse espaço seja complexo, pois ele pode também ser usado para disseminar ódio e preconceito (RECUERO, 2009).

Recuero (2009, p. 108) destaca que a visibilidade é formada “enquanto valor porque proporciona que os nós sejam mais visíveis na rede. Com isso, um determinado nó pode ampliar os valores que são obtidos através dessas conexões, tais como o suporte social e as informações”. Com a crescente forma de ocupar espaços nessas novas redes, é possível notar que os indivíduos buscam destacar as suas aspirações e reivindicações.

As ligações sociais que compõem as ações dos indivíduos são estabelecidas por relações pessoais, profissionais e de informação. Para Recuero (2009, p. 24), “uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Essas redes sociais, que estão interligadas nas relações sociais, são condicionadas devido ao aumento da utilização dessas tecnologias.

---

<sup>1</sup> No movimento social tem feito uso LBTTT ou LGBTQI que vem ganhando força ao incluir os estudos da teoria *queer* e político.

Ao relacionar imagem fotográfica e os processos de interação e socialização nos meios de comunicação, vários modos distintos para que essa dinâmica ocorra acabam surgindo. Destarte, podemos interagir com diversas culturas diante das redes sociais e através dessa interação nos tornamos aptos a nos socializar com os membros dessas.

Uma das ferramentas que tem se tornado popular na sociedade são aplicativos em telefones celulares. O aplicativo voltado à fotografia mais usado no Brasil, de acordo com Juliana Espanhol (2013), é o *Instagram*, que foi lançado pela empresa norte-americana *Apple*, para celulares *Iphone* em 2010.

O aplicativo está disponível para outros celulares do sistema *Android* desde 2012. É gratuito e oferece facilidade no processo de edição e compartilhamento de fotos, além disso, o aplicativo passou a permitir postagem de vídeos de até 15 segundos – o que agrega uma funcionalidade extra que inicialmente era voltada para publicação somente de imagens.

O usuário do *Instagram* deve fazer um cadastro na plataforma e criar um perfil, seja de cunho pessoal ou comercial, sendo a classificação indicada para maiores de 13 anos e a empresa se compromete a apagar qualquer postagem que seja considerada ofensiva. Com o perfil ativo, o usuário pode publicar imagens de acordo com as técnicas que são oferecidas, comentar e curtir postagens de outros, pois o aplicativo oferece opções diversas (ESPANHOL, 2013, p. 25).

No *Instagram* evidencia-se um mundo virtual com uso de fotografias na qual ocorrem práticas sociais que estabelece devido às interações que ele proporciona. Seguir uma pessoa significa acessar as atualizações dela e, no caso de perfis públicos, não é necessário ser seguidor para curtir ou comentar uma publicação. O usuário pode manter um perfil privado, em que ele próprio selecionará os seguidores que terão acesso ao conteúdo postado.

A reprodução da imagem fotográfica no aplicativo é uma forma de interagir e socializar com outros indivíduos e, assim, contribuir para uma maior visibilidade, sendo necessário ter um maior número de acesso desta imagem. Entretanto, são diversas as formas de relações sociais que podem se estabelecer pelo aplicativo, sejam relações construídas mediante um perfil empresarial (comércio) como em um perfil individual que pode ser usado também para divulgação de trabalhos.

Outra novidade que aconteceu em 2016 foi *Instagram Stories*, permiti que usuários publiquem vídeos e fotos que ficam disponíveis durante 24 horas, além da função de transmissão ao vivo. Nessa nova versão, é possível editar essas imagens e vídeos como, por exemplo: desenhar, escrever, colocar filtros, localização, enfeitar com figuras que são disponíveis, incluir horário e a temperatura atual do local do indivíduo. Outra alternativa que

está disponível é a comunicação entre as pessoas a partir de mensagem privada (a função *direct*).

Algumas relações estabelecidas estão relacionadas ao comércio de produtos de empresas ou pessoas que utilizam o *Instagram* para fazer a divulgação da marca e consequentemente de seus produtos. Sendo assim, criam interações de divulgação ou de venda, com o intuito de novos consumidores e alcançar o maior número possível de seguidores para maior alcance.

Em um perfil individual ocorre o compartilhamento de arquivos pessoais, que são divulgação de fotos de assuntos variados como, por exemplo, fotos de comidas, viagens, trabalhos, festas. Nessas postagens, alguns indivíduos criam uma identidade no âmbito dessas redes sociais por meio das fotografias publicadas.

Tomando por base a teoria de Simmel (1979) e partindo para as relações sociais, os meios de comunicação, no que se refere ao uso da imagem fotográfica no *Instagram*, contribuem significativamente. As práticas sociais dos indivíduos se configuram de acordo com sua interação e socialização.

Além disso, o aplicativo proporciona para alguns usuários uma possível competição, uma vez que almejam terem maior visibilidade que o outro em suas postagens. A ideia de receber curtidas na publicação está vinculada ao números de visualizações. A principal forma de interagir é o curtir por meio de um duplo clique sobre a imagem ou pressionando um símbolo de coração e, assim, entende-se que gostaram de uma publicação (ESPANHOL, 2013, p. 20).

Há uma necessidade em se buscar destaque para ter um maior número de curtidas. Para essa maior visibilidade da imagem, existe como alternativa o uso de *hashtags*, simbolizada pelo sinal “#”, uma ferramenta que funciona como palavra-chave para facilitar o acesso à imagem.

A proposta do presente trabalho baseia-se em analisar as dinâmicas sociais proporcionadas pelos novos meios de comunicação, mais especificamente o aplicativo *Instagram* que emergiu recentemente. Com isso, o papel das redes sociais facilita as interações socioculturais e a intenção do trabalho é buscar pela repercussão dessas ferramentas.

Entende-se que a imagem considerada como espelho do mundo, já que pode representar diversos significados com apenas um clique e tudo que antes ficava na imaginação, passa a ter cores e formas reais. Os relacionamentos individuais, modo de pensar

e agir têm influência da tecnologia, ou seja, o comportamento humano está inserido em um ambiente midiático.

As redes sociais evidenciam as relações que são construídas virtualmente e questionam a existência de diversos grupos diante das experiências trocadas. Assim, a presente pesquisa prima pela análise do uso da fotografia ao possibilitar uma visibilidade às pessoas transexuais. Tem-se a pretensão de ampliar o debate existente acerca dos estudos sobre mídia e identidade de gênero na sociedade contemporânea.

Segundo Laan Barros (2017, p.119), a imagem como representação visual apresenta em várias linguagens e “está presente em diferentes suportes, que envolvem técnicas e tecnologias diversas”. Ocupa-se, assim, um papel relevante na manutenção e construção de uma visão estereotipada e negativa da figura de uma pessoa trans. Portanto, em alguns casos, as imagens nas redes sociais são usadas de forma violenta para disseminar ódio entre os indivíduos nesse espaço. Muitas vezes, ultrapassam para o espaço físico, ou o reverso. Esse comportamento e manifestações são decorrentes de discursos de ódio, muitas vezes presentes em comentários com insultos, discriminação, assédio contra um indivíduo ou grupo.

Na sociedade contemporânea, as concepções de sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual têm levantado discussões tanto pelo movimento LGBTQs quanto pelo âmbito da educação - seja em universidades como em instituições escolares da educação básica. E esses debates ocorrem já que os processos de comunicação possibilitam um maior alcance (KOEHLER, 2013).

Nos estudos de Berenice Bento (2008), a autora aponta que a transexualidade é uma identidade de gênero na qual uma pessoa que nasceu biologicamente no corpo masculino e feminino se reconhece com o gênero oposto de seu nascimento. A transexualidade é um tema que tem gerado discussões nos diversos meios de comunicação, como na internet, na televisão, no rádio, no jornal e na revista.

As abordagens e discussões que se referem às questões de gênero e de sexualidade são pouco exploradas e inviabilizadas pela mídia e nas universidades brasileiras. Ainda com essas repercussões em torno do tema, as pessoas LGBTQs em grande parte são retratadas de maneiras exóticas e sensacionalistas na mídia e não com uma perspectiva esclarecedora (BERNARDES, 2014).

Essa temática permite trazer à tona uma reflexão sobre diversas questões no que concerne às relações de gênero. Segundo Bernardes (2014), as plataformas de comunicação têm concebido um número vasto de interpretações, de como que a internet estabelece novas modalidades de apreensão da realidade. As questões de gênero são apresentadas de “forma

muito evidente e acionam rapidamente a geração de valor, deixando claro que, nesse terreno, as tensões são muitas e podem apresentar-se até mesmo na forma de violência enunciativa” (BERNARDES, 2014, p.2).

O estudo da transexualidade nas novas plataformas de comunicação, como o *Instagram*, torna-se importante para compreender como são estabelecidas as relações sociais a partir das mediações das imagens no aplicativo. Os usuários, ao se apropriarem do aplicativo, preconizam construir relações mediante as funcionalidades que são oferecidas nessa plataforma. Com a publicação de uma foto ou vídeo, por exemplo, esses usuários têm a possibilidade de comentar, opinar, criticar e /ou compartilhar.

Diante do exposto, a presente pesquisa depreende, a partir de debates teóricos que analisam as práticas sociais e relações do indivíduo, sobre as participações dos transexuais nas comunicações da contemporaneidade. Nesse sentido, tem-se a preocupação de discutir como ocorre o processo de visibilidade relacionado à imagem fotográfica a partir das interações, diante do aplicativo supracitado.

O trabalho também visa contribuir para discussões acerca do campo da comunicação através de diversas expressões de gênero e suas representações. É preciso, pois, posicionamento político resistente aos discursos de discriminação das pessoas transexuais, já que diante dos meios digitais ocorre uma contribuição para dar visibilidade e legitimidade às identidades de gênero.

Os debates teóricos, que analisam o uso da fotografia, ocorrem a respeito de como representa um meio de comunicação importante e como são construídos significados a partir dela. A compreensão da imagem fotográfica norteia aspectos pertinentes às informações e como são construídas as linguagens que o usuário do aplicativo *Instagram* quer transmitir aos seus seguidores ao publicar uma imagem.

Nesse sentido, a pesquisa dessa dissertação desenvolve-se a partir de uma revisão bibliográfica sobre a teoria da comunicação, o conceito de gênero e de sexualidade, com o objetivo geral de compreender de que modo ocorrem os processos de comunicação em uma sociedade midiaticizada. Como no *Instagram* o uso da fotografia constrói narrativas diante do seu uso, desdobra-se em empreender discussões acerca das articulações entre mediações e midiaticização em uma perspectiva das interações dos indivíduos na sociedade contemporânea.

Buscando trazer uma reflexão dos meios de comunicação para expandir e explorar uma questão que é pouco discutida na sociedade, opta-se por analisar três perfis de pessoas transexuais, Lea T, Thammy Miranda e Liniker. Uma vez que, por meio das mídias sociais,

começaram a ter visibilidade. Torna-se, portanto, um canal importante e que possui uma infinidade de intenções e modos de interações.

Foram observadas publicações das postagens feitas pelo perfil *Instagram* da modelo internacional e estilista transexual Lea T, que possuía em 2016 (no início desse trabalho), 117 mil seguidores e atualmente em torno de 120 mil. Além do ator, empresário e ex-modelo transexual, Thammy Miranda, que possuía 864 mil seguidores e atualmente possui 986 mil. E do/a cantor/a e compositor/a Liniker, que possuía 357 mil seguidores e atualmente tem em torno de 409 mil - não se identifica com qualquer gênero (ao menos no período em que esta pesquisa foi desenhada). Também foram analisados os signos da linguagem visual utilizados na construção da identidade do usuário, pois a fotografia possui tanto uma perspectiva estética quanto um valor informativo.

Assim sendo, esta dissertação se organizou em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Os processos da comunicação na sociedade”, inicialmente discutimos acerca da noção de sociedade midiaticizada, como ocorre a interação e circulação de informações. Objetiva-se compreender o funcionamento do processo de comunicação no que se refere ao uso do aplicativo *Instagram* por pessoas transexuais e de que modo tais usos reverberam positiva ou negativamente na visibilidade dessas personalidades. Desse modo, nossa discussão acontece na esfera da análise das formas de relacionamento no espaço virtual.

No segundo capítulo, “Abordagem teórica sobre os estudos de gênero, sexo e sexualidade”, com a finalidade de nos aprofundarmos nos estudos de gênero, desenvolveu-se uma revisão bibliográfica do tema, fundamentada nas investigações feitas por Judith Butler (2003) e Berenice Bento (2008). Nesse caso, a partir de um processo histórico, reflete-se acerca da construção das identidades de gênero e da luta das pessoas transexuais para ter uma identidade respeitada e reconhecida.

Na sequência, no capítulo três, “Uma reflexão sobre a transexualidade na comunicação”, refletiu-se sobre as redes sociais como um espaço para as pessoas transexuais construírem suas relações diante das múltiplas facetas da comunicação. Autores/as da sociologia e da antropologia dialogam com as teorias da comunicação e, com isso, questiona-se sobre as dificuldades de ter um reconhecimento na sociedade e como ocorreu e ocorre o processo de conquistas diante das dificuldades que são postas para as pessoas transexuais.

Por fim, no capítulo quatro, “A imagem trans na transposição da invisibilidade: estudos de caso”, confirma-se, por meio de aspectos relevantes como o gênero, no campo da comunicação, uma vez que a internet e o uso das redes sociais são refletidos diante do consumo e na produção e distribuição de informações fomentadas pela tecnologia. Interessa-

nos a imagem fotográfica no *Instagram* e suas funcionalidades para que seus usuários tenham visibilidade nesse espaço virtual. Analisamos dois perfis de pessoas trans e uma pessoa que não se identifica com nenhum gênero.

Assim, diante das funções que são estabelecidas no aplicativo *Instagram*, compreenderem o processo da visibilidade ao usar os conceitos de John B. Thompson. Levando em consideração o significado da linguagem visual e a relevância da fotografia para a transmissão de informação, levantam debates à luz de Ivan Lima, Roland Barthes, Martín-Barbero e outros teóricos da comunicação.

Tendo em vista que a identidade se constrói na diferença, a pesquisa tem ainda o propósito de analisar como as interações ocorrem nas comunidades virtuais através da imagem fotográfica no aplicativo. Sabemos que existem valores diante dos processos e é fundamental discutir as representações de uma minoria tanto para que as pessoas transexuais tenham visibilidade quanto para a temática.

## CAPÍTULO I

### OS PROCESSOS DA COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE

#### 1.1 Sociedade e Mídia: Mediações e Mdiatização

A comunicação tem se tornado uma estratégia para o desenvolvimento ou bloqueio de nossas sociedades, visto que o processo de comunicação não é uma experiência individual, mas coletiva. Compartilhamos, interagimos e buscamos produzir sentido através dela e essa produção de sentido ocorre através da leitura com a experiência estética.

Nas reflexões de Fausto Neto (2006), considera-se a utilização de tecnologias transformadas em meios de comunicação, tanto no dispositivo midiático quanto nas mídias digitais. Os discursos mdiatizados geram sentidos e oferecem argumentos críticos na produção de significados, visando causar efeitos de sentido na relação entre produtores e receptores de mensagens. Com isso, a utilização do *Instagram*, contribui para entender a sociedade mdiatizada, uma vez que as interações sociais nesse aplicativo são mediadas pela fotografia e o sentido se dá pela circulação de informação que está vinculada com a imagem.

Em seus estudos, Braga (2012) analisa que um dos fatores que propicia a interação social é no processo de mdiatização, de maneira que quando ocorre interação, acontece também à circulação da informação ou notícia. Nesse sentido, a interação aconteceria em fluxos de processos e suas consequências encontram-se na análise dos círculos.

Na prática social encontramos, então, sobretudo circuitos. Cada setor ou processo de sociedade participa de circuitos múltiplos. Com a mdiatização crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos (BRAGA, 2012, p.44).

A partir do desenvolvimento entre produção e recepção no contexto da circulação, Braga (2012, p. 39) destaca que “mais um passo deve ser proposto: indo além das relações diretas entre produtor e receptor, importa o fato de que este último faz seguir adiante as reações ao que recebe”. Isso ocorre devido à circulação dos produtos produzidos pela mídia, como notícias, informações, imagens e vídeos.

Na sociedade midiaticizada, a comunicação é um elemento fundamental. Como aponta Barros (2012, p. 85), “a sociedade midiaticizada tem na comunicação um elemento estruturante; não na perspectiva de um agendamento cego de pautas sociais, mas como dimensão contemporânea da esfera pública”.

Em relação à teoria estruturalista, a comunicação tem a narrativa como elemento para construção dos processos sociais, pois está presente nas sociedades de inúmeras formas, como, por exemplo, na escrita, na imagem, em sinais.

Entretanto, na sociedade em midiaticização, já não se podem apreender os processos sociais segundo essa inclusão de um campo especial através da cessão de mediações pelos outros campos ao campo midiático. Em nossa aproximação do conceito, resistimos à perspectiva de que a midiaticização da sociedade seja simplesmente decorrente da “ação dos meios”, seja pela incidência da indústria cultural ou como decorrência direta da inovação tecnológica, ou da ação dos ambientes institucionais / profissionais que, em torno de tais processos, caracterizam o “campo dos media” (BRAGA, 2012, p. 42).

As articulações entre os conceitos apresentados estão relacionados às práticas e no âmbito da experiência da vida dos indivíduos em sociedade, que são marcadas por esses sentidos, de modo que a ideia de interação esteja presente nas relações sociais. Assim, na sociedade midiática, a midiaticização ocorre através de “uma nova forma de sociabilidade, decorrente de uma lógica midiática, ‘mediação’ traz já de algum tempo o sentido das interações sociais, que nos dias de hoje se dão essencialmente – mas não exclusivamente – por intermédio da mídia” (BARROS, 2012, p. 88).

As formas de construir as relações entre os indivíduos dentro desse espaço acontecem de diversas formas. Por exemplo, em uma imagem publicada no *Instagram*, que proporciona sentido diante da interpretação que está sendo construída pelo indivíduo, seja produtor ou receptor. Barthes (1976) destaca que os sistemas simbólicos, como na fotografia, é uma forma de alcançar sentido e interpretação diante dos códigos implícitos sem os recursos do estruturalismo.

Sendo assim, na corrente estruturalista, o autor encontra delineamentos de como ocorrem as interpretações, pois nessa corrente há uma relação entre o poder, o discurso e a representação na formação das narrativas que serão estabelecidas.

A narração não pode, com efeito, receber sua significação no mundo que a usa, acima do nível irracional, começa o mundo, isto é outros sistemas (sociais, econômicos, ideológicos), cujos termos não são mais apenas as narrativas, mas elementos em outras substâncias (fato históricos, determinações, comportamentos etc.) (BARTHES, 1976, p. 52).

Na teoria estruturalista, Roland Barthes (1976) explana sobre as diversas narrativas presentes no mundo, apresentando-as por meio de: uma linguagem fixa ou móvel, gesto, presente em diversas formas, quase infinitas, como por exemplo, no cinema, na pintura e em quadrinhos. Sendo que as narrativas encontram-se presente em todas as sociedades e em todos os aspectos culturais e sociais. Visto isso, a linguagem é um aspecto central na cultura humana, pois a vida humana é construída por linguagens. Nos meios de comunicação, a linguagem cria-se novas dinâmicas ao se relacionar com outras formas de linguagem como a linguagem fixa ou móvel.

Ricoeur (1978), em sua teoria da interpretação, assume como base o reconhecimento da linguagem e dos símbolos que ocupam na existência dos indivíduos, uma vez que o autor adota o tratamento da linguagem como discurso, como ocorre o funcionamento e suas relações em diversos contextos.

A linguagem e os símbolos ocupam um espaço central em nossa existência, sendo que esse lugar contribui para a formação de uma teoria geral da linguagem. Assim, na perspectiva do autor, as mediações simbólicas vão:

revelar-se indispensáveis, para a compreensão do humano, com a mediação dos símbolos e da linguagem. Tanto o acesso à experiência do mundo quanto a sua própria experiência, são mediados pelos sistemas simbólicos, sejam os da perspectiva teoria que se adota, sejam os da cultura que se vive (RICOEUR, 1978, p.18).

Alguns conceitos da semiótica são pertinentes para este trabalho, embora o referencial metodológico não esteja preso a ela, tais conceitos contribuem para a construção das linguagens e suas interpretações. A semiótica é uma ciência que procura discutir os significados à medida que busca estudar as linguagens e suas interpretações. Dessa forma, possibilita analisar como são construídas essas interpretações diante de cada signo (SANTELLA, 1983).

Os signos são representações aos quais atribuímos significado, valor ou sentido. Assim, são os ícones (fotografia, desenhos, figuras), símbolos (logotipos, marcas) e os índices (quando indica significados). Enquanto expressões da linguagem, considera-se, por exemplo, que em uma publicação feita no *Instagram*, atribuímos significados a partir do contexto que ela está inserida e do mecanismo que sua narrativa utiliza para influenciar a interpretação.

Nessa perspectiva, de acordo com Diana Luz Pessoa de Barros (2005), a semiótica propõe duas concepções: a primeira relaciona a transformação do sujeito, pois sua ação busca os valores que são ligados ao objeto; a segunda, ligada à ruptura de contratos entre destinador e destinatário que se estabelece devido à comunicação entre os sujeitos que estão envolvidos.

Barros (2005, p. 23) aponta que quando a comunicação midiática gera interações sociais, utiliza-se de estratégias para alcançar seu objetivo e elabora estratégias em relações aos objetos midiáticos para as narrativas. Assim, se constata ao afirmar que: “a comunicação hierárquica de enunciado de fazer e enunciado de estado define o programa narrativo, a unidade operatória elementar da organização narrativa de um texto”.

Sendo assim, o nível narrativo ocorre devido ao percurso gerativo de sentido, pois é necessário que ocorra interação entre os sujeitos que estão presentes no desenvolvimento dessas narrativas. Na organização narrativa, o percurso do sujeito não é o único tipo encontrado (BARROS, 2005).

Os percursos são estabelecidos pelas ligações dos programas narrativos, em que caracteriza o percurso pela lógica da performance do sujeito. Barros (2005) destaca que o percurso destinador – manipulador está na narrativa, “a fonte de valores do sujeito, seu destinatário: tanto determina que valores sejam visados pelo sujeito quanto dota o sujeito dos valores modais necessários à execução da ação” (BARROS, 2005, p. 30).

Tomando por base esses levantamentos, constata-se que é necessário desenvolver um discurso linguístico diante do sistema semiótico, como destacado por Barthes (1976). O que direciona uma narrativa é uso da linguagem, pois não pode haver uma narrativa sem o narrador, assim ela torna-se o objeto da comunicação.

Na corrente estruturalista, a forma de articulação entre a linguagem e a narrativa, ocorre quando coloca um determinado tempo na história, pois existe uma estrutura atrás da narrativa e encontrar o foco será objeto do analista. A narrativa é notável mesmo quando particularmente parece insignificante, isto é, possui significado e os estudos se estabelecem de forma dedutiva, assim como a linguística (BARTHES, 1976).

Lévi-Strauss (2007) propôs uma análise da sociedade em que se dissolve a distinção entre sociedade e cultura com um novo modelo de análise sociocultural que privilegia a

linguagem. O autor concebeu a etnografia como forma de psicologia e afirmou que a cultura deriva do inconsciente individual.

Assim, para Lévi-Strauss, a estrutura social se forma através de códigos, ou seja, um sistema de signos dotados de valores posicionais transmitidos através da linguagem. Ao pensar na linguagem do *Instagram* é construído através da imagem, a cultura como um fator determinante para compreendê-la e que está contida na leitura visual. Uma publicação feita no *Instagram*, ao produzir uma imagem, terá sua linguagem e interpretação a partir do contexto cultural.

A condição humana compreende de acordo com a linguagem e os sistemas comunicacionais possibilitam uma apropriação desses significados. A cultura é um fator determinante para o autor, pois a sociedade se desenvolve diante desses aspectos culturais.

Nessa perspectiva, Martín-Barbero (1997) destaca que:

Vimos de um estudo de comunicação que por muito tempo pagou seu direito de inclusão no âmbito das legitimidades teóricas com a subordinação a certas disciplinas, como a psicologia e a cibernética, que agora se apressa em livrar-se dessa condição pagando um custo muito mais alto: o esvaziamento de sua especificidade histórica, em troca de uma concepção radicalmente instrumental, como a que espera que as transformações sociais e culturais sejam efeito da mera implantação de inovações tecnológicas (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.285).

Partindo do contexto de que as transformações ocorrem devido às inovações tecnológicas, como propõe Martín-Barbero (1997), para uma análise estrutural é preciso entender as comunidades primitivas. Estas são influenciadas pelos meios, entendendo a essência e as estruturas dessas comunidades, desenvolvendo o estudo das narrativas literárias, televisivas, históricas.

Como ocorre o funcionamento tecnológico e de que forma se organiza para utilização social e cultural.

Basicamente, a proposta que está sendo gestada a partir deste diálogo com os textos de Barbero é a articulação de uma teoria social da modernidade periférica e sua desigualdade de classe e de teorias acerca do consumo/ usos da mídia com uma metodologia para a pesquisa de recepção, a qual inclui a etnografia, o estudo de caso indiciário e o modelo codificação/decodificação (RONSINI, 2011, p. 2).

Nessa perspectiva, vale trazer os apontamentos sobre midiatização e mediações e as relações constitutivas que abordam cultura e política, feitas por Silva (2012, p.112). O autor

afirma que “quando passamos à ideia de midiaticização, vamos nos ver frente à centralidade dada novamente às mídias, em configuração bastante longínqua daquela centralidade dos meios enfrenta pelas mediações de Martín-Barbero”. Assim, o estado de midiaticização e de que modo às mídias contribuem para formação de um consumo cultural.

As mediações convertem em modelo teórico a partir do Ofício Cartográfico, criando um novo olhar das mediações de acordo com a comunicação. Consequentemente, os direcionamentos das mediações sociais e culturais dos meios de comunicação passam por mudanças (BRAGA, 2012).

Nota-se que na corrente estruturalista o discurso linguístico se desenvolve diante do sistema semiótico. Assim, na comunicação a narrativa é um objeto da comunicação. Barthes (1976, p. 49) destaca que “propriamente dita (ou código do narrador) só conhece, como também a língua, dois sistemas de signos: pessoal e apessoal; estes dois sistemas não beneficiam forçosamente marcas linguísticas ligadas à pessoa (eu) e à não- pessoa (ele)”.

Nos estudos das mediações, destaca-se a sociabilidade no que “concerne às relações sociais, ao indivíduo/sujeito e seus múltiplos pertencimentos identitários com base em referentes individuais, de gênero, etnia e geração que são estruturados a partir de uma posição de classe” (RONSINI, 2011, p. 13).

Percebe-se, assim que, no estruturalismo, é necessário entender a essência e o arcabouço que a comunicação representa em uma narrativa para encontrar o objeto de análise, sendo a narrativa uma estrutura que busca uma significação.

Na sociedade midiaticizada, as tecnologias são relevantes, pois elas geram e inovam os dispositivos interacionais. Dessa forma, nas mediações um fator importante são as relações midiáticas haja vista que as midiaticizações são os principais objetos de estudos da linguagem.

## **1.2 Sociedade Midiaticizada e Tecnologia da Comunicação**

De acordo com Sodré (2002), a mídia é um *bios* virtual, pois é uma nova qualificação da vida e as tecnologias de informações possuem diversas formas com velocidade e fluidez. Devido à revolução da informação, a circulação das coisas no mundo e novos canais entre os indivíduos foram acelerados. Nesse momento atual, as tecnologias atingem todas as esferas da vida social do indivíduo, configurando o surgimento de relações, estilo de vida, seja no trabalho ou lazer.

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação, as relações dos indivíduos são mediadas pelos meios, como a rede social *Instagram*. As práticas dos indivíduos dentro desse

espaço acarretam visibilidade, pois passam a pertencer a um contexto de uma sociedade midiaticizada.

A tecnologia acelera o processo de informação caracterizado por produtos como som, filme, imagem – o que torna a sociedade mais visível no sentido de apropriação dos elementos que permeiam as relações estabelecidas entre grupos sociais urbanos no contexto pós-moderno. Além disso, os produtos na sociedade compreendem o processo de hibridação dos meios pelos quais são transmitidas essas apropriações culturais diante da perspectiva de globalização.

Mesmo do ponto de vista estritamente material, *mutação tecnológica* parece-nos expressão mais adequada do que “revolução”, já que não se trata exatamente de descobertas linearmente inovadoras, e sim da maturação tecnológica do avanço científico, que resulta em hibridação e rotinização de processos de trabalho e recursos técnicos já existentes sob outras formas (telefonía, televisão, computação) há algum tempo. Hibridizam-se igualmente as velhas formações discursivas (texto, som, imagem), dando margem ao aparecimento do que se tem chamado de hipertexto ou hipermedia (SODRÉ, 2002, p. 13).

Tendo em consideração as reflexões feitas no presente momento, as transformações sociais estão relacionadas às tecnologias, uma vez que desenvolveram novas práticas, ocupações e mudanças no processo de construção de informação. O desenvolvimento tecnológico reconfigurou as relações dos indivíduos e estabeleceram modelos de comunicação.

A sociedade da informação estruturada pela tecnologia e seus suportes, pois utiliza dela para se propagar. Para Sodré (2002), a revolução da informação ocorre devido à rápida transmissão de dados e a circulação de coisas no mundo, pela forma como foram estabelecidas dentro de um sistema virtual tecnológico.

As transformações são advento das novas tecnologias, como o aplicativo *Instagram*, que surgiu decorrente a essas transformações. Estas não mudam somente os processos de circulação, mas também toda a estrutura da sociedade e as mudanças estão atreladas ao desenvolvimento da comunicação e interação social e na organização da sociedade moderna.

Na contemporaneidade, dá-se progressivamente primazia ao quarto modelo, em que a rede tecnológica praticamente confunde-se com o processo comunicacional e em que o resultado do processo, no âmbito da grande mídia, é a imagem – mercadoria. Mas não se recusam os modelos anteriores. Podem todos coexistir sincronicamente, num mesmo espaço social, desde

que se integrem num mesmo plano tecnológico e econômico. Assim, a convergência do computador com a televisão pode ascender, mas no interior do modelo neoliberal para o setor da mídia e das telecomunicações (SODRÉ, 2002, p.19).

A mídia na sociedade tem uma função importante, pois produz inicialmente uma interação na sociedade e gera mensagens que circulam nos processos de midiaticização. Nesse sentido, a midiaticização diz respeito aos setores da sociedade instalados como um processo interacional de referência. Compreende-se, dessa maneira, que a mídia assume um papel ativo de gerar mensagens, a sociedade fica na posição de recebedora delas e as interações desenvolvem novos objetos e funções às tecnologias (BRAGA, 2012).

O processo de midiaticização pode ocorrer por consequência das relações da mídia com a sociedade, pois tudo passa pela mídia. Ela constrói produtos midiáticos e a ideia de interação está ligada ao conceito de midiaticização.

Sendo assim, midiaticização é um processo que integra o desenvolvimento da sociedade e consiste na virtualização das relações humanas, estando presente na articulação dos funcionamentos institucionais e estabelecendo pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação. Faz-se necessário entender o termo “‘midiaticização’, devido à sua diferença com ‘mediação’ que, por sua vez, distingue-se sutilmente da ‘interação’, um dos níveis operativos do processo mediador” (SODRÉ, 2002, p.21).

As tecnologias de comunicação, como o computador e o celular, em uma sociedade midiaticizada causam um reflexo na vida dos indivíduos, de forma que os discursos midiáticos (espaço físico onde ocorre o contato entre informação e o receptor) ou nas mídias digitais (computadores, celulares, jogos eletrônicos), geram sentidos entre os produtores e receptores de mensagem. Portanto, as tecnologias, os dispositivos e as linguagens são produtores de um novo conceito de comunicação, uma vez que a midiaticização é constituída a partir de formas e operações sociotécnicas (ARAUJO, 2013).

Dessa forma, a comunicação em sua complexidade caracteriza pela interatividade e produção de sentido. Assim, a midiaticização, como espaço próprio e relativamente autônomo é constituída por um novo processo de racionalidade que forma estratégias de produção de sentido e se encontra presente nas mediações.

Essa reconfiguração da comunicação definida por Sodré (2002, p.25) como “a midiaticização ser pensada como tecnologia de sociabilidade ou novo *bios*, uma espécie de *quarto âmbito* existencial, em que predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a ‘tecnocultura’)”.

Na sociedade midiaticizada, os processos de interações sofrem mudanças, devido ao modo como a informação será transmitida e recebida. Silva (2012, p.119), destaca que o *bios* midiático tem “proximidade com o argumento de Braga sobre a midiaticização como ‘processo interacional de referência’; que o autor considera como hegemônico nos dias de hoje, frente aos ‘moldes interacionais anteriores’, como a oralidade e a escrita”.

O *bios* midiático, destacado por Sodré (2002), está presente na mídia considerada tradicional e de mercado (televisão, rádio, cinema, telefone), sendo a tecnologia da sociabilidade. Essa concepção que caracteriza as novas relações sociais que são formadas e as transformações nos ambientes interativos. Diante da tecnologia, foi elaborado como mecanismo da sociabilidade na qual a ideia de um quarto *bios* está inscrita no imaginário da sociedade, uma vez que ela é representada em ficções escritas ou cinematográficas.

É que a tecnocultura – essa constituída por mercado e meios de comunicação, a do quarto *bios* – implica uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Implica, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas ou com o que se tem convencionado designar como verdade, ou seja, outra condição antropológica (SODRÉ, 2002, p. 27).

Esse novo gênero comunicacional proposto por Sodré (2002), não se limita somente às relações sociais, mas se estendem às esferas econômicas e políticas, atingindo os setores da sociedade. Para explicar essas transformações que ocorrem a partir do *bios* midiático, o autor usa o termo “tecnocultura” que é a cultura a partir da tecnologia e sua “tecnointeração”.

O *bios* midiático, em todo o campo comunicacional, possui processos que são destacados e apresentados por Silva (2012, p.119) como “hegemônico na contemporaneidade, nos levando a pensar em anterioridades, em processos interacionais outros que, como ‘moldes interacionais anteriores’, sobrevivem apenas circunscritos a ‘espaços restritos’”.

Nessa perspectiva, podemos citar como exemplo o aplicativo *Instagram*, ao permitir que o usuário publique fotos, vídeos curtos que podem ser editados conforme sua funcionalidade e transmitidos para milhões de pessoas em tempo real.

Ser “imagem” (signo icônico) pública significa torna-se interpretante vivo ou núcleo politípico de uma determinada conjuntura de valores, significa torna-se “médium”. Mas significa também se realizar com forma acabada e abstrata da relação humana mediada pelo mercado, ou seja, existir como indivíduo “irreal”, mero suporte para signos que se dispõem a representar uma realidade instituída exclusivamente como mercadoria (SODRÉ, 2002, p.38).

Ao compreender as características do *bios* midiático, pode-se relacioná-los aos novos canais de comunicação que possibilitam que os indivíduos interajam, consumam e construam significados em um ambiente de influências. Sodré (2002, p. 44) ressalta ainda que o “relacionamento das tecnologias comunicacionais com o aparelho perceptivo dos indivíduos conforma o sentido de nossa presença no território que habitamos, no nosso espaço humano de realização”.

A sociedade midiática constrói no imaginário do indivíduo aquilo que impõe para ele consuma. Nota-se, portanto, um jogo de interesse entre interação e consumo. A midiaticização abrange esse funcionamento da sociedade, dita como vai ocorrer a apropriação, interação e o consumo, tornando a sociedade midiaticizada uma relação de produtor e receptor.

É destacado por Sodré (2002, p.51) que no quarto *bios* “aristotélico” ocorre uma encenação entre a mídia e uma nova moralidade ligada à ordem de consumo. Neste caso, a mídia também é levada a encenar e admitir que exista no outro um valor social. Isso ocorre porque “com a internet, mais do que encenação, há uma verdadeira virtualização do mundo, com possibilidades de caos e acaso”.

Essas mudanças feitas pelos processos midiáticos nas práticas sociais dos indivíduos constroem um novo ambiente, de modo que podem afetar seu funcionamento. Quando produz e dissemina conteúdos, a mídia será afetada. Um exemplo disso é uma publicação feita no *Instagram*, seja uma fotografia, um vídeo, ou um *gif*, que podem ser compartilhados, comentados, curtidos ou publicados novamente por outros usuários e, assim, não há o controle da divulgação do conteúdo.

A ação da mídia permite esses dispositivos contribuem para facilitar a circulação dos diversos discursos midiáticos, mesmo em situações adversas ao ambiente na qual é produzido. Além disso, a midiaticização desperta nos indivíduos o desejo de consumo, uma vez que é influenciado e moldado nos aspectos culturais e econômicos.

Somos atingidos por diversos mecanismos utilizados pela mídia para influenciar o consumo. Sodré (2002, p.59), define o consumo como a estesia midiática ao afirmar que “é preciso levar em conta que o veloz empilhamento dos objetos industriais postos no mercado leva à saturação de seu valor de uso, isto é, ao limite de sua existência como pura e simples utilidade”,.

O fato de que a comunicação media todas as esferas, seja na política como na cultura, é inegável. Nesse sentido, a formação de hábitos e novos rituais de consumo, Sodré (2002, p.59) explica que a ideologia do consumo em um primeiro momento seduz a consciência,

“não com objetos ou bens materiais, mas com imagem, ‘imagem consumida do consumo’, isto é, a ideia do consumo enquanto modo novo de territorialização dos indivíduos”.

As imagens que são constituídas geram interfaces de produção e consumo gerando sentido às narrativas que são formadas através da interação em rede. Sodré (2002, p.73) aponta que “a produção/reprodução imagística da realidade não se define, portanto, como mera instrumentalidade, e sim como princípio (ontológico) de geração de real próprio”. Com isso, a socialização realizada pela mídia, influencia o modo de agir e pensar do sujeito na sociedade moderna.

As tecnologias comunicacionais inserem no indivíduo uma necessidade de consumo em seus diferentes canais, fazendo-se necessário consumir para que ocorra o processo de interação e socialização entre os indivíduos e o meio em que estão inseridos. No caso do *Instagram*, a exposição de imagem torna-se mercadoria no processo das práticas sociais dos indivíduos. Ao publicar uma fotografia, os usuários do aplicativo podem consumir de diversas formas, como, por exemplo, interagindo na fotografia e dando visibilidade para a publicação ou sendo influenciado a consumir produtos feitos por usuários ou marcas que buscam vender.

O consumo é um aspecto cultural moderno que tende a acentuar a necessidade individual de consumo de bens materiais ou imateriais por meio da internet que disponibiliza uma variedade de produtos. No campo digital, possibilita aos seus consumidores que explorem os serviços que são diversos e presentes nas ofertas e produtos de forma interativa (FURTADO, 2014).

As tecnologias permitem o desenvolvimento de processos de interação em diversos campos na sociedade, seja virtualmente ou não, sendo fundamental em uma sociedade midiaticizada. Os campos sociais passam a desenvolver práticas e reflexões a fim de ter vantagem com esses processos. Em suas análises, Braga (2012, p.37) constata que “os processos de internacionalidade midiaticizante estimulam os modos pelos quais a sociedade se comunica e, em consequência, tentativamente se organiza”. Estas reflexões são importantes para nossa pesquisa, pela maneira como tratam o desenvolvimento da interação dentro do processo comunicacional.

Dessa forma, as tecnologias modificam as relações sociais e o cenário de consumo na sociedade contemporânea. Na concepção de Sodré (2002), os aparelhos digitais têm uma tendência na tecnologia moderna, pela compressão numérica, a terem seus dados convertidos, misturados e transmitidos.

As mídias digitais são exemplos de uma midiaticização reformulada. Encontra-se com facilidade uma variedade de aplicativos de produtos e serviços disponibilizados para o

consumo dos seus usuários. Os indivíduos consomem no espaço virtual ou fora dele e criam um espaço de individualização.

As tecnologias têm produzido interações em dimensões virtuais de uma ordem externas aos indivíduos. Quanto a isso, Sodré (2002) afirma que:

A (dimensão) virtual, artificial ou espectral, são variedades de técnicas de modelização e visualização de dados, que permite tanto a) a apresentação do real pelo virtual, isto é, a simulação da realidade física ou real - histórica, de modo a poder ser restituído visualmente, quando b) a interpretação do real pelo virtual, ou seja, um mecanismo heurístico que permite a construção de modelos científicos (SODRÉ, 2002, p. 121).

Desse modo, os espaços virtuais permitem novas formas de comunicação. Os usuários do *Instagram*, por exemplo, necessitam estar conectados à internet, para ocorrer sua participação e as ferramentas disponíveis para o processo de interação são variadas, como as curtidas. Quanto maior for o número de curtidas na imagem publicada, maior será a visibilidade. Com isso, os espaços digitais estão sempre se reformulando.

A realidade virtual é uma simulação audiovisual ampliada e intensificada a tal grau que se pode aventar a hipótese de um desdobramento no campo da consciência graças a uma metaforização sinestésica que organiza tecnicamente a percepção (o digitalismo e a gestão informacional tornam-se pressupostos da atividade perceptiva) e cria artificialmente – por desdobramento do atual e incorporação da imagem virtual – um espaço “mental” para os análogos do Primeiro Mundo primeiro (o real-histórico) (SODRÉ, 2002, p.129).

As redes sociais virtuais vêm mudando os modos de criações identitárias e de configurações sociais na sociedade contemporânea dentro e fora do ambiente virtual. Sendo assim, ressalta-se que as redes sociais viabilizam os surgimentos de diferentes estilos de consumo, principalmente fundamentados na vida online. O papel da etnografia virtual é dado pela investigação voltada a entender como as pessoas fazem uso da internet e, além disso, como seu funcionamento pode criar e ressignificar práticas socioculturais.

Dessa maneira, a sociedade midiaticizada trouxe uma nova dinâmica à vida social dos indivíduos, transformando as formas interacionais dentro e fora do espaço virtual. O uso das tecnologias faz parte das relações sociais, vêm aumentando significativamente e, com a criação de novos dispositivos tecnológicos, podem-se observar as interações mediadas por imagens, na vida dos indivíduos.

### 1.3 Comunicações Digitais e Internet

A cultura digital representa as transformações na esfera social e comunicacional. Os recursos tecnológicos constituem novos conceitos de conhecimento, em que essas ferramentas digitais os produzem e reproduzem nas práticas sociais dos indivíduos (PRADO; CAMINATI; NOVAES, 2005). Isto quer dizer que os meios de comunicações influenciam o comportamento das pessoas e as incentivam a consumir produtos ou informações conforme suas necessidades.

Com o surgimento da internet, constituíram-se novas representações das práticas sociais na comunicação, cujo espaço é muito amplo e complexo diante de sua estrutura. Neste trabalho de pesquisa, entende-se que o espaço na internet é chamado de *online* e *off-line*. *Online* se refere à situação em que o indivíduo está conectado e fazendo uso do espaço, já o *off-line* diz respeito ao momento em que o indivíduo não faz o uso do espaço, ainda que mantenha algum dispositivo conectado à rede.

Considerando tais premissas, apoia-se em estudos sobre a *Web 2.0*, compreendendo-se que o termo designa a evolução do potencial interativo da internet. Isto é, amplia a forma de produzir e compartilhar informações *online*.

A *Web 2.0* pode ser entendida como as novas plataformas *online*, na qual a informação pode chegar ao público de forma ágil, pois permite produzir grande volume de conteúdo e esses conteúdos estão ao alcance do público. As interações sociais são condicionadas pela tecnologia e sua dinâmica, como aponta Primo (2006, p.2), “não é apenas uma forma de programação de sites dinâmicos; interações sociais online não são descoladas das interações ‘*off-line*’, mas tampouco podem ser equiparadas — como se o contexto digital fosse um fator desprezível, um canal puro”.

Com o surgimento da *Web 2.0* em meados de 2004, as organizações entre os públicos sofreram mudanças na sua estrutura, pois os indivíduos tiveram mais acesso aos meios de comunicação. Com isso, o mundo *online* tornou parte da vida dos indivíduos, permite liberdade de expressão, considerando os aspectos tecnológicos e de conteúdo, as interações e os relacionamentos (PRIMO, 2006).

A internet possibilitou certa autonomia na produção e reprodução de informações dos usuários à medida que houve uma série de mudanças em relação às informações, tornou possível a transmissão delas sob variadas formas de voz, dados ou imagens em escala global (DORNELLES, 2004).

Atualmente, a internet tem um papel importante na vida dos indivíduos que possuem acesso à rede, pois estamos vivendo em uma nova era da informação e proporciona essa experiência com grande velocidade. Embora o acesso pelas diferentes classes sociais no Brasil sofra variações, é comum encontrar indivíduos que estabeleçam algum tipo de interação social por meio de um computador conectado à internet.

Trata-se, pois, de um campo propício para trocas e cooperações diante de suas apropriações de elementos e simbologias variadas. Possui potencial para transformar esses elementos passíveis de serem utilizados fora do ambiente virtual em dinâmicas, tribos variadas, a qual um determinado usuário possa pertencer, evidenciando as relações.

Nesses aspectos, o virtual explicado por Lévy (1999, p.47) como uma palavra que “significa a irrealidade - enquanto a ‘realidade’ pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. A expressão ‘realidade virtual’ soa como oxímoro, um passe de mágica misterioso”. O virtual é uma modalidade importante para compreender a realidade e possui um lugar significativo no processo de atualização das características diferentes das estruturas sociais.

Destarte, a internet agrega sentido social, devido ao surgimento de um expoente no âmbito das relações sociais virtualizadas. Na sociedade hodierna torna-se possível observar mecanismos de comunicação e sociabilidade, sendo que essas formas, como as interações que ocorrem mediados por um computador ou um celular, foram incorporadas às práticas sociais já naturalizadas em suas vivências.

Para Pierre Lévy (1999), as redes de comunicação têm gerado impactos nas relações sociais, principalmente pelo seu crescimento e é resultado do progresso das novas tecnologias, virtualização da informação e mutação global. Nessa perspectiva, o autor define esse campo da comunicação como:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela obriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p.17).

O ciberespaço é uma tradução das transformações que ocorreram na sociedade e essas transformações a condiciona por suas técnicas (depende do contexto, do seu uso, ponto de

vista e da perspectiva para explorar a virtualidade). Permitem, tanto culturalmente como socialmente, os relacionamentos interpessoais. Nem todas as possibilidades são necessariamente aproveitadas, mas são integradas em conjuntos culturais diferentes. Ou seja, o ciberespaço é um espaço de comunicação que está ligado pela interconexão mundial de computadores e de suas memórias (LÉVY, 1999).

Nesta interação, que ocorre nesse campo, é destacada a participação ativa dos indivíduos devido ao mecanismo de informação. No ciberespaço essas participações estão ligadas ao status da internet como forma de comunicar, interpretar e reinterpretar elementos da virtualidade.

Com o desenvolvimento do ciberespaço, a inteligência coletiva (mídia tradicional) ainda se faz presente, uma vez que o crescimento do ciberespaço não determina o desenvolvimento da inteligência coletiva. Contudo, seu desenvolvimento será de forma mais eficaz, já que um dos seus efeitos é acelerar o ritmo da alteração tecnossocial. Assim, com a conexão e as transformações nas relações sociais, problematiza-se o papel dos novos canais tecnológicos (LÉVY, 1999).

Nesta vertente, quando o indivíduo interage com o mundo virtual, ocorre um processo de exploração e atualização simultaneamente. Tais interações, quando enriquecem ou modificam o modelo, transformam o mundo virtual e conduzem a um vetor de inteligência e criação coletiva (LÉVY, 1999).

As tecnologias de comunicação surgem como mecanismo para criação não somente de sociabilidade no ciberespaço, mas também para a construção de um simulacro virtual, assim, não ocorre uma separação entre a realidade virtual e os contextos sociais reais que se estabelecem. A cibercultura é um campo propício para potencializar o que é inerente à dinâmica cultural.

As mídias digitais como os celulares e seus aplicativos fizeram com que a comunicação, além de transmitir informações, estabelecesse interação entre os indivíduos em diversas funções. Além disso, elas ampliam os potenciais que são poucos explorados, no sentido de disseminar informações em alta velocidade pelo mundo e facilitar a comunicação rapidamente independentemente da distância.

De acordo com Castells (1999), as relações que são estabelecidas pela internet são passíveis de superar as barreiras impostas geograficamente, sendo que essas redes de sociabilidade não se esgotam nos limites impostos pela distância. A localidade se desconecta de seus significados históricos, culturais e geográficos e se reintegra às redes funcionais ou de colagens de imagens, induzindo a substituição de “lugar” por “espaços virtuais”.

As redes sociais ou mídias sociais como *Facebook*, *Instagram*, *canais do Youtube*, *sites* e *blogs* têm possibilitado e facilitado aos usuários expressarem suas opiniões e, dessa forma, produzir discursos e debates. Assim, ocorre a criação de um espaço de apropriação de conteúdo (espaços virtuais), na qual com uma simples ação de curtir, comentar ou compartilhar um *post*, uma foto ou um vídeo pode-se expressar diversas formas de posicionamentos políticos, seja um discurso de ódio ou pacificador, instalando-se assim um discurso digital de forma rápida.

A fotografia está no âmbito das práticas sociais e na formação de identidade coletiva e com o passar do tempo vem sofrendo transformações diante de seu uso. A fotografia associada a um produto cultural pode contribuir para representação de determinado modo de comportamento do meio em que o indivíduo está inserido, com isso a fotografia torna-se uma fonte histórica que transmite informações.

Ao fazer uso da fotografia no aplicativo *Instagram*, evidencia-se um mundo virtual que se relaciona fora dele. Essas mídias sociais têm proporcionado uma maior visibilidade para indivíduos que não têm espaço e voz na sociedade, como por exemplo, as pessoas transexuais. Dessa forma, o uso da fotografia e das mídias digitais podem ampliar e potencializar debates e estudos sobre mídia e identidade de gênero na sociedade.

Martin-Barbero (2009) propõe um modelo de mediações comunicativas da cultura, pois a cultura é uma forma de entender os fenômenos e os processos sociais em sociedade. A comunicação abarca os processos produtivos da sociedade, seja na forma de se expressão, como na ação. As contribuições das teorias da comunicação permitem abranger diversas áreas em nossa cultura. Assim, permite uma reconfigurar o modo de atuação dos indivíduos, quebrando barreiras do espaço físico.

Vale apresentar que a visão das teorias da comunicação compreende que nossa cultura apresenta uma dicotomia entre as formas de expressão sexual e de gênero na mídia, pois as representações das pessoas transexuais foram restritas. Geralmente, quando são abordadas pela mídia, o fazem de maneira estereotipada e preconceituosa. Com isso, nos permite repensar o uso da internet quanto ao seu consumo e a distribuição de informações fomentadas pela tecnologia.

Os campos sociais são afetados pela midiaticização, pois ocorre uma ação da mídia sobre os campos mesmo que de formas diferentes. As interações no espaço midiático é o fio condutor na produção, circulação e recepção de sentido. Como no aplicativo *Instagram*, as interações que ocorrem nesse ambiente virtual, à imagem fotográfica busca produzir sentido diante de suas publicações. Essa configuração comunicativa pode oferecer espaço e

visibilidade para indivíduos e em especial às pessoas transexuais, o que potencializaria mudanças com os desenvolvimentos da abordagem pelas mídias.

## **CAPÍTULO II**

### **ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE**

#### **2.1 Uma reflexão sobre Sexo, Sexualidade e Gênero**

A sexualidade é um dos aspectos centrais da nossa personalidade e através dela que nos relacionamos com outros indivíduos. Nesses termos, vamos obter prazer e nos reproduzir conforme as relações que vão ocorrendo entre as pessoas, no que se refere ao conjunto de fenômeno da vida social. Assim, é necessário ter uma visão ampla da sexualidade para compreender as diversas formas de se relacionar com o outro.

As discussões sobre gênero, sexo e sexualidade são importantes na dimensão humana, visto que abrangem fatores biológicos, psicológicos e sociais. O sexo em si uma categoria tomada em seu gênero, então o gênero não pode ser definido e interpretado pela cultura do sexo (BUTLER, 2003).

Pode-se destacar a diferença entre sexo e sexualidade da seguinte forma: o sexo está relacionado ao aspecto biológico e a sexualidade às dimensões culturais, sociais, políticas que determinam as expressões sexuais. Essas diferenças contribuem para a compreensão dos estudos de gênero.

Cabe aqui apresentar o guia sobre os termos analisados por Jaqueline G. Jesus (2012). Segundo a autora, sexo é um fator biológico em que as características são orgânicas em nível hormonal; enquanto gênero como construção social particular do indivíduo que independe do sexo. As expressões de gênero dizem respeito sobre como a pessoa apresenta-se diante do seu comportamento influenciado pela cultura em que está vivendo.

Dessa forma, Jaqueline (2012) aponta que as diferenças culturais na construção de gênero são importantes, já que o mesmo é construído nessas diferenças. Nesse sentido,

pontua ainda que a definição do que ser homem ou mulher na sociedade não serão os cromossomos ou a genitália, mas a autopercepção e a forma como essas pessoas se expressam socialmente (JESUS, 2012).

Sobre esse tema, Berenice Bento (2008) destaca que “aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero”. O sexo não representa uma descrição estática, ele se torna favorável em relação à matéria corpórea, uma vez que “o corpo é um texto socialmente construído, um arquivo vivo do processo de (re) produção sexual” (BENTO, 2008, p.38).

Inclusive nas ideias de Butler (2003) encontra-se a assertiva de que as diferenças da humanidade estão dentro de nós mesmos, não sobre os sentimentos que pairam sobre nós, como pensamos, agimos e sentimos, existem diferenças nas representações corpóreas de cada um.

Determinar as operações políticas que produzem e ocultam o que se qualifica como sujeito jurídico do feminismo é precisamente a tarefa da *genealogia feminista* da categoria das mulheres. Ao longo do esforço de questionar a noção de “mulheres” como sujeito do feminismo, a invocação não problematizada dessa categoria pode *obstar* à possibilidade do feminismo como política representacional (BUTLER, 2003, p.23).

Segundo Judith Butler (2003), a forma de como é representada a noção de mulher, possibilita questionar essas representações que determinam as relações de exclusão e quando a identidade feminista está fundamentada. Isso ocorre diante de uma afirmação fundamentada pelo campo do poder que é sua formação como sujeito.

O conceito de gênero surgiu, inicialmente, na luta feminista na década de 1960 pelas sufragistas inglesas. Uma política de gênero que pautava estabelecer direitos às mulheres. Quando se buscava desconstruir o senso comum de que as mulheres são submissas e frágeis, ou seja, podemos compreender que o feminismo propõe a reflexão acerca das relações pré-concebidas sobre as noções de feminino e masculino.

Nos anos 60, a luta feminista trabalhava por uma posição política da mulher na sociedade com direitos sociais, educação, trabalho e respeito igualitário. Assim, surgia a problemática de gênero que buscava compreender qual o papel da mulher na sociedade (SALIH, 2012).

Dessa forma, o conceito de gênero vai responder às questões que permeiam as relações das construções da identidade de gênero dos indivíduos, sendo que se estabelece diante das

percepções sociais das diferenças biológicas entre os sexos em uma determinada organização social.

Essas determinações tratam gênero e sexo como sinônimo, refletindo os aspectos da vida humana. No entanto, é preciso sublinhar que sexo é diferente de gênero, ter o sexo biologicamente masculino ou feminino não torna o indivíduo homem ou mulher (MUNIZ; SILVA, 2007).

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos apareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em números de dois (BUTLER, 2003, p. 24).

Butler (2003) enfatiza as diferenças entre os conceitos de gênero e sexo, acrescentando que: “se o gênero ou sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como pressuposto de qualquer análise do gênero” (BUTLER, 2003, p.27). A função desse discurso é compreendida como construção devido às possibilidades das configurações culturais, visto que é na cultura que a formação de gênero é condicionada a uma experiência.

Seguindo também os pressupostos de Bento (2008), compreendemos que as modalidades dos gêneros não estão atreladas à sexualidade, ganham vida por meio das práticas dos indivíduos na construção social de identidade, ou seja, diante da composição corporal. Esta pode ser composta por meio das roupas, gestos e olhares, sendo uma estilística definida social e culturalmente como apropriada.

O sexo biológico não é um fator determinante nas relações de comportamento dos seres humanos ou em seus desenvolvimentos de papéis sociais, sentimentais, personalidades e intelectuais. Assim, gênero e sexo têm relações diferentes, mas não aquelas diferenças ligadas à fisiologia. O gênero depende da interpretação que os indivíduos associam o ser homem ou mulher, pois cada cultura tem imagens prevaletentes de como homens e mulheres são (MUNIZ; SILVA, 2007).

Na perspectiva levantada por Grossi (1996, p. 4) não há um determinismo para classificar o comportamento de homens e mulheres. Assim, a autora destaca em seus estudos que “como a Antropologia Feminista tem mostrado, essa explicação da ordem natural não passa de uma formulação ideológica que serve para justificar os comportamentos sociais de homens e mulheres em determinada sociedade”.

Pode-se entender a sexualidade na constituição da identidade de gênero, tal como propõe Butler (2003). Para o autor, o gênero é entendido como aquilo que é construído pelo sujeito que preexista aos efeitos.

As consequências dos atos performativos do gênero constituem um sujeito e uma identidade e, nesses aspectos, Marconi (2015, p.33) apresenta que gênero e sexo são métodos regulados de repetições dadas “através do discurso-linguagem, ele poderá ser encenado através das performances da *drag queen* por meio do seu exagero ao exhibir-se como uma construção alegórica do sexo/gênero”. Essa linguagem construída por artistas fazem o gênero de forma diferente, e não significa que gênero é politicamente destrutivo.

Segundo Monteiro e Zóia (2016), para entender a construção de gênero é preciso, conforme a atuação do indivíduo, interpretar as normas, constatando que esses possuem margens de interpretação, a existência de espaços para a construção de um contradiscurso, com isso, as concepções de gênero são abertas (MONTEIRO; ZÓIA, 2016).

Em nossa sociedade criam-se tabus para falar sobre sexo e denota uma ideia de que o sexo seja reprimido, ou seja, gera uma linguagem inadequada sobre essa realidade. Sendo assim, “entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos de saberes, de análise e de injunções o investiu”. O sexo é falado, mas conforme alguns interesses (FOUCAULT, 1999, p. 29).

De acordo com os estudos de Costa (2005), o indivíduo pode ser entendido por três dimensões, seriam elas: a biológica, a psicológica e a social. A biológica se refere ao corpo e como sentimos, vemos e somos vistos. A dimensão psicológica está relacionada ao nosso sistema psicológico, sensações, emoções, fantasias, sonhos. Já a dimensão social é caracterizada pela visão de mundo que fazemos parte e nos rodeiam. Entender a relação de gênero e sexo é importante para compreender suas concepções.

Para Bento (2008), as formas de gênero produzem uma estrutura de exclusão e hierarquização. A autora destaca que algumas expressões que se relacionam ao gênero são falsas, “enquanto outras verdadeiras e originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmos os sujeitos que não se ajustam às idealizações”. A autora destaca que, gêneros inteligíveis buscam estabelecer uma ordem vagina-mulher-feminino em contraste pênis-

homem-masculino, sendo que a heterossexualidade, que segue essa ordem, determina os gêneros inteligíveis justificando a heterossexualidade como norma (BENTO, 2008, p. 44).

Todavia, é preciso entender como gênero está relacionado com a identidade social do indivíduo. E para isso, a pessoa elabora no decorrer de sua vida, formas de valores e comportamentos na sociedade que se relacionam ao sexo. As identidades de gênero estão relacionadas aos comportamentos e à vida social de cada sujeito (MONTEIRO; ZÓIA, 2016).

Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são “naturais”, totalmente biológicas, quando, na verdade, boa parte delas é influenciada pelo convívio social. Além disso, a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social (JESUS, 2012, p. 8).

Nesse sentido, ressaltamos que é fundamental repensar o significado de gênero, a partir da convivência em sociedade e suas categorias da identidade no contexto de suas relações. Por isso é imprescindível compreender o que é gênero, pois o ser humano ao exercer seu papel como cidadão tem a necessidade de ter seus direitos e deveres garantidos. Como é elencado por Costa (2005, p. 9), “o direito ao trabalho, à moradia, à educação, à saúde, a votar, a participar dos governos e, no tema que estamos tratando, o direito de exercer a sua sexualidade independente da forma como ela se exteriorizar”.

Dessa forma, notam-se a importância de reconhecer o ser humano independentemente do gênero e do sexo. Butler (2003) aponta o gênero como dado construído e determinado culturalmente, uma expressão da essência do sujeito. O sexo, então, pode ser entendido também como discursivo e cultural.

O gênero só pode denotar uma *unidade* de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero - sendo o gênero uma designação psíquica e / ou cultural do eu - e um desejo - sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja (BUTLER, 2003, p. 45).

A concepção do gênero não presume apenas que ocorra uma relação entre gênero, sexo e desejo, mas indaga se o desejo reflete ou expressa o gênero e o gênero expressa o desejo. Desse modo, Butler (2003, p. 45) pontua que há “uma continuidade causal entre sexo, gênero e desejo, seja como um paradigma expressivo autêntico, no qual se diz que um eu verdadeiro é simultânea ou sucessivamente revelado no sexo, no gênero e no desejo”.

Nas relações afetivas e emocionais ocorre o funcionamento das diversas relações sociais dos indivíduos. O corpo e o psiquismo necessitam dessas relações para que se possam completar e formar os papéis sociais. A sexualidade será desenvolvida ou exercida quando o corpo possuir e estiver provido de suas necessidades e o psiquismo tenha seus aspectos desenvolvidos. Isso ocorre quando se criam as relações sociais entre os indivíduos (COSTA, 2005).

Gênero é produzido diante de suas práticas, e não identidade ou totalidade por trás das expressões dele. Assim, “o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra” (BUTLER, 2003, p. 48). Nas instituições naturalizadas, o gênero é entendido como relação binária em que o conceito masculino é diferente do feminino, e essas diferenças ocorrem devido às práticas do desejo heterossexual.

O gênero está relacionado à identidade social do indivíduo, já que é entendido como construção sociocultural e que o sexo está relacionado ao aspecto biológico. E para isso, a pessoa constrói no decorrer de sua vida, formas diversas de valores e comportamentos sociais que se relacionam ao sexo. As identidades de gênero estão relacionadas aos comportamentos e a vida social de cada sujeito.

Os debates em torno da sexualidade e gênero buscam trazer informações para que as pessoas possam diferenciar e entender a homossexualidade, transexualidade, transgênero, *drag queen*, heterossexual, em nossa sociedade. É muito importante entender os papéis que são construídos e a relação entre sexo e gênero.

## **2.2 Transexualidade**

Historicamente, até hoje a transexualidade vem sendo vivenciada pela humanidade. Existiu uma variedade de registro de culturas que associavam a transexualidade a divindades, heróis e outros que eram demonizados e os rejeitavam devido à sua condição. As pessoas transexuais são colocadas à margem, principalmente pela crença que as estigmatiza como anormais, devido à ideia de que o correto é atribuir gênero ao sexo de nascimento.

Durante muito tempo, as pessoas transexuais eram entendidas como hermafroditas e consideradas como “criminosas, ou filhas do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser, embaraçava a lei que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção”. Percebe-se que permeia sobre a transexualidade desde a antiguidade uma realidade de preconceito e exclusão (FOUCAULT, 1999, p. 39).

Os olhares acostumados ao mundo dividido em vaginas-mulheres-feminino e pênis-homem-masculino ficam confusos, perdem-se diante dos corpos que cruzam os limites fixos do masculino/feminino e ousam reivindicar uma identidade de gênero em oposição àquela informada pela genitália e ao fazê-lo podem ser capturados pelas normas de gênero mediante à medicalização e patologização da experiência. Na condição de “doente”, o centro acolhe com prazer os habitantes da margem para melhor excluí-los (BENTO, 2008, p.22).

Na década de 1980, a transexualidade foi incluída por especialistas que consideravam como uma disforia de gênero no Código Internacional de Doenças (CID), marcando-a como uma doença mental. Em 2013 foi aprovado o Projeto de Decreto Legislativo PDC 234/11 de autoria do Deputado Federal e presidente da Frente Parlamentar Evangélica, João Campos (PSDB-GO), conhecido como “cura gay”. A aplicação do parágrafo único do Art. 3º e o Art. 4º da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1, de 23 de março de 1999, estabelecia normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual.

As categorias identitárias que são consideradas inclusivas em relação ao gênero. Diante de tantas diversidades, como, por exemplo, transexual, travesti, *drag queen*, *drag king* ou transformistas.

Na identidade de gênero há elementos psicossociais que estão internalizados ao corpo do indivíduo. A transexualidade é um exemplo dessa identidade, pois a pessoa transexual vai agir conforme o seu reconhecimento. A mulher transexual ou homem, ao adotar nome, aparência e comportamento, devem ser tratados como se identificam. Dessa maneira, ressalta-se que o fator determinante à identidade de gênero da pessoa transexual não é a cirurgia, mas como ela se reconhece.

A transexualidade caracteriza aquela pessoa que não se identifica com o gênero de nascimento. Assim, “sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica” (JESUS, 2012, p. 27). Destaca-se que travesti não se reconhece como homem ou mulher, tem seu papel vinculado aos papéis de gênero feminino, mas se entende com parte de um terceiro gênero ou um não-gênero. Já *drag queen* ou transformistas são artistas que se caracterizam conforme o gênero feminino ou masculino e esses personagens não se vinculam com a identidade de gênero ou orientação sexual.

Em seu estudo sobre transexualidade, Bento (2008) esclarece que a transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo. Assim, ela está relacionada à identidade, isto é, à maneira como identifica o

corpo em relação ao psicológico. Na sociedade contemporânea, as pessoas transexuais, travestis, transgêneros, *drag queens* rompem os limites sociais estabelecidos para gênero de que sexo está relacionado diretamente como o gênero.

Na transexualidade a ordem de gênero baseia-se na diferença sexual. É na transexualidade que encontramos uma das múltiplas expressões identitárias. Surgiu para responder a um sistema organizacional de vida social que é fundamentado diante da produção de sujeitos tidos como normais / anormais contidos nas estruturas corporais por sua identidade (BENTO, 2008). A transexualidade pode ser compreendida além de um determinismo biológico ou da patologização dessas pessoas que buscam um procedimento cirúrgico. Bento (2008) afirma que, ao nascer, a pessoa apresenta para ela apenas uma maneira de construir um sentido identitário para sexualidade e gênero.

Nesta vertente, o que faz um indivíduo afirmar seu pertencimento a outro gênero. Trata-se de “um sentimento, a transformação do corpo por meio dos hormônios muitas vezes já é suficiente para lhes garantir um sentido de identidade, e eles não almejam as cirurgias de transgenitalização (ALMEIDA; CURIONI-MERGULHÃO, 2013, p. 8)”. A sua nova identidade, então, passa a ter legitimidade

Para ocorrer o processo de legitimidade da identidade de gênero, Bento (2008) destaca que existe um controle “minucioso na produção da heterossexualidade. E como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade”. (BENTO, 2008, p. 41). A importância de desvincular a identidade de gênero e sexo permite a transexualidade não representa uma produção heterossexual.

Os corpos são entendidos a partir do momento que estiverem em harmonia com os gêneros inteligíveis, que são aqueles que mantêm relações de acordo entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Funcionam de forma que são frequentemente produzidos e que “buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual”.

As normas de gênero não estabelecem uma verdade sobre a noção do sexo, no entanto, gênero não decorre do sexo e nem o sexo do gênero (BUTLER, 2003, p. 38).

Ler a sexualidade pela lente do gênero, supor o masculino e feminino como expressões da complementaridade do sexo, ou que as transformações corporais realizadas pelas pessoas transexuais são os ajustes necessários para se tornarem heterossexuais, é considerar o binário como modelo único para expressar as construções das identidades (BENTO, 2008, p. 59).

Nessa perspectiva, destaca-se que uma não inteligibilidade de vivência é aquela que não se encontra em uma norma estabelecida ou imposta por uma heteronormatividade, como por exemplo, nada revela em termo de orientação sexual a sua afirmação identitária.

As pessoas transexuais mudam a maneira de interpretar a masculinidade e feminilidade, pois a mudança vai além do corpo. Compõe um conjunto de características visuais para dar vida e visibilidade ao corpo. Essa demarcação conota-se com a travestibilidade. São construções identitárias que se encontram no campo do gênero, sendo que a única diferença está na realização da cirurgia (BENTO, 2008).

Na transexualidade algumas pessoas desejam e têm necessidade de ter um corpo readequado, pois é importante para seu desenvolvimento e para sua afirmação identitárias. Para elas, “a importância da cirurgia, a decisão em submeter-se ao protocolo dos hospitais que a realiza, o melhor momento para fazê-lo, são questões que passam por decisões que estão condicionadas à biografia de cada pessoa transexual” (BENTO, 2008, p. 74). Essa cirurgia representa um reconhecimento do corpo, pois sua genitália tem um papel importante nesse processo.

Algumas pessoas transexuais têm uma aversão à sua genitália, levando a um sofrimento psicológico e a mutilação do corpo e até suicídio, em busca de autorreconhecimento. Frente a isso, nos últimos anos, militantes transexuais têm atuado em programas que formulam uma legislação que as asseguram realizar procedimentos cirúrgicos, mudança de nome nos documentos em defesa do direito à identidade de gênero (BENTO, 2008).

Quando pessoas transexuais realizam procedimentos cirúrgicos, sua condição transexual não interfere na sua capacidade intelectual e emocional. Para essas pessoas é importante exteriorizar para que ajude na consolidação identitária. Assim, o que determina a identidade de gênero de uma pessoa transexual é a forma como se identifica, mas em alguns casos somente a cirurgia pode representar solução.

Nos estudos de Bento (2008), demonstra que os resultados identitários estão ligados às histórias de vida de cada pessoa se materializando nos corpos e, negar essa construção é negar a si mesma. Assim, a autora destaca Stoller, um defensor do dimorfismo - que ocorre quando há diferença entre masculino e feminino e não se relaciona com órgãos sexuais.

As performances de gênero, a sexualidade e a subjetividades são “níveis constitutivos da identidade do sujeito que se apresentam colados uns aos outros. O masculino e o feminino só se encontram por intermédio da complementaridade da heterossexualidade”. E esses níveis de deslocamento sejam determinados por um profissional quando for necessário, para

restabelecer uma ordem entre corpo, gênero e sexualidade, e assim, fornecer dados para um eventual diagnóstico (BENTO, 2008, p. 101).

Para o reconhecimento sobre a diversidade das formas de viver o gênero e que a identidade das pessoas transexuais vai além dos estereótipos. Elas precisam de um equilíbrio entre corpo e o psicológico para seu desenvolvimento, o que torna evidente a necessidade do meio social interno e externo a essas pessoas para não comprometer o seu desenvolvimento psicossocial.

Em nossa sociedade é tido como normal um indivíduo que possui uma identidade homem-heterossexual- masculino e mulher-heterossexual-feminina, sendo que as outras formas de construção de identidade são tidas como anormais. Assim, qualquer um que foge desse padrão heteronormativo sofre discriminação e os números de violência para com essas pessoas são alarmantes<sup>2</sup>.

A transfobia se refere à discriminação contra transexuais e travestis, levando a esses indivíduos terem um tratamento desigual, preconceituoso e exclusivo. Esse tipo de discriminação faz com que grande parte dessas pessoas não conclua a escolaridade devido a esses preconceitos. A pessoa transfóbica possui um ódio aos transexuais, travestis, cometendo violência psicológica e/ou a violência física, o que pode acarretar muitas vezes em assassinatos (ABÍLIO, 2016).

A palavra fobia é um tipo de sensação que afeta as pessoas e é caracterizada por repulsa ou medo de algo ou de uma situação. Casemiro (2015, p. 8) define a fobia como uma “espécie de ‘medo irracional’, e o fato de ter sido empregada nesse sentido é motivo de discussão ainda entre alguns teóricos com relação ao emprego do termo. Assim, entende-se que não se deve resumir o conceito a esse significado”.

Com isso, podemos destacar que, no âmbito de suas vidas, as pessoas transexuais têm enfrentado um árduo caminho para um reconhecimento social e legal diante da sua própria identidade. Quando uma pessoa transexual busca seu reconhecimento também por um procedimento cirúrgico, é submetida a mais obstáculos para seu próprio reconhecimento.

Conforme mencionado anteriormente, a transexualidade já foi apontada como transtorno de personalidade sexual pelo código internacional de doenças (CID). As pessoas transexuais enfrentam um longo processo para conseguir o procedimento cirúrgico no Brasil. Essas exigências são elaboradas através de protocolos obrigatórios que são submetidas à

---

<sup>2</sup> De acordo com o Grupo Gay da Bahia, em 2012, foram executadas 128 transexuais e travestis no Brasil. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2013/06/relatorio-20126.pdf>>.

terapia, uso de hormônio, teste de vida e personalidade, além de exames rotineiros por diversos profissionais, como psicólogos, assistentes sociais e a equipe médica.

Dessa forma, ao enfrentar esses processos burocráticos a pessoa precisa desempenhar esses procedimentos que são atribuídos durante esse período para ascender à cirurgia. Bento (2008) apresenta um dossiê de uma paciente chamada de Andréa Stefanie, em que foram divididos e compostos por cinco documentos. “A primeira parte são três laudos que negam o diagnóstico de ‘transexual’ e a segunda, como dois documentos que definem Andréa como transexual” (BENTO, 2008, p. 123).

1. Laudo psicológico assinado em 9/4/2001, no Instituto de Medicina Legal Leonídio Ribeiro (IMLLR), vinculado à Polícia Civil do Distrito Federal, assinado por dois psicólogos.
2. Parecer social em 9/11/2001 do Núcleo de Perícia Social, ligado à Promotoria de Justiça Criminal de Defesa dos Usuários dos Serviços de Saúde – Pró-Vida, coordenado pelo Promotor Diaulas Costa Ribeiro. O parecer é assinado por uma Assistente Social e duas estagiárias em Serviço Social.
3. Laudo psiquiátrico em 22/2/2002, assinado por dois peritos médicos-legais também do IMLLR, vinculado à Polícia Civil.
4. Estes três laudos estão juntos em um documento intitulado: “Despacho de arquivamento do Ministério Público. Se entregue cópias dos laudos à paciente”. Assinado pelo Promotor de Justiça Coordenador da Pró-Vida, em 11/7/02 e são unânimes em não indicar a cirurgia de transgenitalização.
5. Encaminhamento para exames de rotina em 23/3/2003, assinado por um psicólogo.
6. Laudo assinado pelo mesmo psicólogo em 8/4/2005 (BENTO, 2008, p. 123).

Através desse documento, constata-se um exemplo de como é o procedimento para fazer a cirurgia de transgenitalização. Bento (2008) revela em suas análises que entre um laudo e outro se passaram quatro anos, ocorrendo várias repetições em sua leitura e conclusões diferentes. A autora, conclui que se Andréa fazia um acompanhamento com psicólogo há onze meses e já havia encaminhado, “estava claro que o diagnóstico era de ‘transexualismo’<sup>3</sup>, e se o próprio psicólogo logo reconhece os danos psicológicos que os laudos anteriores provocaram em Andréa, por que foram necessários mais dois anos (8/4/2005) para fechar o laudo” (BENTO, 2008, p. 132).

A cirurgia em um primeiro momento foi concebida de forma experimental como a resolução nº 1.482/97, do Conselho Federal de Medicina brasileiro – CFM12 permite a

---

<sup>3</sup> Nesse termo “transexualismo”, o sufixo “ismo” remete à doença que está vinculada à demanda transexual da patologização.

realização de cirurgia. Em 2006, por uma necessidade de atendimento livre de discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, o Ministério da Saúde publicou a Portaria nº 675 determinando atendimento humanizado para os usuários do SUS (ALVES, 2013).

Nesses planos nacionais, a legislação objetiva o apoio às pessoas transexuais em seu reconhecimento identitário. Deve-se considerar que ainda é uma conquista pequena para as pessoas transexuais, visto o que foi apresentado, essas pessoas são submetidas a diversas situações de constrangimento e não são tratadas de forma igualitária, sim de forma excludente.

Mesmo havendo hospitais que realizam cirurgias de transgenitalização no Brasil, não existe uma lei que regulamenta o processo. Bento (2008) pontua que devido à ausência de uma legislação, esses hospitais apenas orientam-se as decisões do Conselho Federal de Medicina de 1997 para realizar as cirurgias. Nessa resolução, constava que as cirurgias que fossem realizadas teriam caráter experimental.

Em 2006, o deputado Luciano Zica apresentou um Projeto de Lei na Câmara dos Deputados (PL 6655/06) que altera a lei 6015, de 1973, que dispõe sobre registros públicos, incluindo a possibilidade de substituição do pronome de homens e mulheres transexuais. Esta lei determina que toda alteração de pronome deve ser solicitada por via judicial. Neste sentido, o PL 6655/06 amplia as possibilidades de mudança para as pessoas transexuais, sendo necessário um laudo médico, comprovando “o transexualismo”, que será apresentado quando for solicitada a alteração que deverá ficar anotada no livro de registro civil. O projeto não prevê alteração formal do sexo da pessoa (BENTO, 2008, p.151).

Em 2013, foi proposto um projeto de lei que intitula o nome de João Nery, o primeiro transexual masculino reconhecido no país. Com autoria do Deputado Federal Jean Wyllys, o Projeto de Lei (PL5002/2013) tem como referência a lei de identidade de gênero da Argentina, uma das leis mais avançadas do mundo para reconhecimento da sua própria identidade. Essa lei possibilita que as pessoas transexuais terem autonomia sobre seu próprio corpo e fazerem as devidas mudanças, caso sintam necessidade.

A lei proposta garante o direito de toda pessoa ao reconhecimento de sua identidade de gênero, ao livre desenvolvimento de sua pessoa conforme sua identidade de gênero e a ser tratada de acordo com sua identidade de gênero e identificada dessa maneira nos instrumentos que acreditem sua identidade pessoal. A identidade de gênero é definida no projeto com base nos Princípios de Yogyakarta sobre a aplicação do Direito Internacional dos Direitos Humanos nas questões que dizem respeito à orientação sexual e à identidade de gênero. Estes princípios foram apresentados perante a Organização das Nações Unidas (ONU) em 2007 por uma comissão

internacional de juristas, criada como consequência do chamamento realizado por 54 estados, no ano anterior, diante das gravíssimas violações dos direitos humanos da população LGBT que se registram no mundo inteiro (WYLLYS, 2015).

Embora com progresso na legislação em alguns aspectos, ainda continua produzindo direito não pleno. “Em nome da suposta segurança jurídica, se produz uma noção de cidadania deficitária”. (BENTO, 2008, p. 151). Esses PL (Projetos de Lei) são considerados uns dos primeiros passos para regulamentação e emissão de decisões que visam garantir os direitos às pessoas transexuais, mesmo diante desse processo burocrático em que são submetidas para poder legitimar sua própria identidade.

Existe diferença entre gênero e sexualidade, pois quando uma mulher transexual tem desejo por uma pessoa do mesmo gênero é produzido um deslocamento, o qual nada revela em termos de orientação sexual.

As pessoas transexuais podem sentir necessidade de ter um órgão apropriado que se relaciona com seu gênero, não para ter uma relação heterossexual, mas para ter relações sexuais e isso às levam fazer cirurgia. Para outras pessoas transexuais, a transformação do corpo, mediante ao uso de hormônios já se faz suficiente para garantir um sentido identitário (BENTO, 2008).

As mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e econômica. Apesar de todas as dificuldades do processo de transformação da condição feminina, o patriarcalismo foi atacado e enfraquecido em várias sociedades. Desse modo, os relacionamentos entre sexos tornaram-se, na maior parte do mundo, um domínio de disputas, em vez de uma esfera de reprodução cultural (CASTELLS, 1999, p.22).

Para Castells (1999), a possibilidade do uso dos meios de comunicação, como as redes sociais, tem desenvolvido uma multiplicidade de interações que os indivíduos estabelecem diante do seu significado. E isso possibilita conexões, projetos e ações.

Diante do estudo apresentado sobre a transexualidade, as representações dessas pessoas na mídia convergem em um cenário de debates e contestações, podendo ter um levantamento positivo ou negativo sobre essa temática. As tecnologias digitais têm possibilitado visibilidade para essas pessoas e, com isso, podem levantar debates em uma perspectiva esclarecedora que em outros meios de comunicação não há espaço para que isso ocorra. Essa contribuição é importante para o desenvolvimento pessoal, para afirmação de sua identidade e reconhecimento diante da sua atuação social.

Faz-se necessário, porém, que tenham acesso aos espaços midiáticos. Dessa maneira, para que ocorram mudanças em relação ao preconceito e aos estigmas que relacionam as pessoas transexuais. De acordo com Goffman (1980), no ambiente social os indivíduos entram em contato com outros, buscando guiar as impressões que os outros formam dele, transformando sua aparência e seus modos.

Dessa ideia de atuação social, o indivíduo tem a possibilidade de escolher o modo como vai ser representado. O interessante é notar que o indivíduo representa seu papel social, papéis estes que são diferentes e variam conforme o contexto ou identidade social. O desempenho deles está ligado ao modo como cada indivíduo concebe sua imagem e como deve mantê-la.

Dessa forma, a necessidade de discussão sobre o tema nos meios de comunicação, tanto em análise teórica como também na criação e gerenciamento de políticas públicas, visando, desmistificar preconceitos às pessoas transexuais. A consolidação de um estado mais justo, efetivamente democrático, em busca dos direitos nas conquistas dessas pessoas é fundamental.

A possibilidade de celebrar o próprio corpo e sua sexualidade frente às resistências à violência e às suas ações deve ser estendida aos grupos considerados minorias. Assim sendo, ter um perfil em uma rede social, para as pessoas trans, ocupa um espaço para produzir significado diante da representação de sua identidade.

## CAPÍTULO III

### UMA REFLEXÃO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA TRANSEXUALIDADE NA COMUNICAÇÃO

#### 3.1 A Representação Trans nas Redes Sociais

A revolução informacional do sistema de comunicação cria uma base para compreender o detentor da informação e o que é privado dela. Através da popularização da internet nos meios de comunicação e na sociedade surgiram diversos serviços e entretenimento ligados às redes que modificaram as formas de relacionamento e tornou possível o surgimento de novos espaços.

As redes sociais são espaços da internet, como o *Twitter*, o *Facebook* e o *Instagram*. Assim sendo, facilitam a ligação de indivíduos deste local comum e permitem compartilhamento de informações e dados de formas variadas, por meio de fotos, de arquivos, de textos, de vídeos e de áudios.

A rede social como parte da mídia social, existe antes da internet, mas enquanto um espaço que torna possível criar um perfil conectado à internet para usufruir de suas modalidades. Como afirma Recuero (2009, p.102) “os sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet”.

As mídias sociais atingem diversas atividades que integram a tecnologia e não possuem controle na produção de conteúdo. Por exemplo, o *Youtube*, que possui seu foco pautado na produção e compartilhamento de vídeos. Pode-se afirmar, então, que as mídias sociais trouxeram impactos pela revolução microeletrônica, pois, através destas, permitiu-se novas possibilidades de pesquisa e construção do saber.

As redes sociais tornaram-se parte da vida dos indivíduos e, com isso, têm influenciado sua vida política, social e da forma como os mesmo agem no mundo. Tal campo

comunicacional não deixa de caracterizar-se enquanto sistema, uma vez que possuem meios e processos capazes de sugestionar as práticas sociais e culturais dos indivíduos.

Faz-se necessário, portanto, maiores discussões desse campo, com representações de grupos que, por muitas vezes não têm espaço em outros meios de comunicação de massa. As pessoas transexuais, por exemplo, são sujeitos que sofrem inúmeros preconceitos devido às questões de gênero e acabam postas à margem da sociedade. Com frequência veem-se diversos obstáculos na sua vivência cotidiana desde muito cedo, inclusive desde a vida escolar.

Segundo dados divulgados pela *Rede Trans*<sup>4</sup>, tanto homens quanto mulheres transexuais abandonam o ensino médio entre 14 e 18 anos devido à intolerância, ao preconceito e à falta de apoio familiar. Tais situações excluem sujeitos transexuais do mercado de trabalho e faz com que os mesmos, em especial as mulheres trans, se envolvam com prostituição.

O sistema educacional é um fator determinante na vida dos indivíduos, já que as práticas sociais e culturais influenciam os comportamentos e a forma de compreender o mundo. Segundo Sartre (2001), as representações do mundo social são construídas por meio das relações que, por sua vez, buscam constituir a universalidade fundada na razão e pela educação, porém, estas são sempre formuladas de acordo com os interesses dos grupos que as forjam.

De forma a pensar nas representações das pessoas trans na sociedade, é possível perceber que estas são geralmente rotuladas de forma negativa, atribuídas à marginalidade o que acarreta em políticas sociais de exclusão. Ao serem estereotipadas, essas pessoas sofrem práticas de violência e, assim, não possuem controle sobre sua própria representação na esfera social.

De acordo com a leitura de Rafael August Sêga (2000, p. 128) sobre o conceito de representações sociais, estas são constituídas pela forma de interpretar e pensar a realidade em que o indivíduo está inserido. Essa forma de conhecimento é “desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação à situação, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem”. Assim, a representação social é um conhecimento prático que estabelece sentido à realidade consensual e constrói outra em que os indivíduos ocupam determinadas posições na sociedade.

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://redetransbrasil.org.br/> >.

Na sociedade moderna, as formas de interação se modificaram e, com isso, surgiram novas formas de representações sociais. Na teoria desenvolvida pelo estudioso Moscovici (2007), a forma ideológica e a forma de pensar moldam práticas sociais e valores, pois os objetivos e ambientes influenciam na concepção de mundo: tanto na maneira de pensar quanto em compreender informações.

Dessa forma, as representações sociais são produtos das convenções e regras socialmente já são estabelecidas antes e após o nascimento do indivíduo, quando este se depara com representações já formadas. Tal situação se constitui como um fator determinante para o desenvolvimento, pois as pessoas utilizam informações e experiências previamente existentes para compreender o desconhecido e construir o processo de representação social.

Pode-se depreender que as representações são modos de intervenções, pois orientam os sujeitos em direção ao que é visível, ou àquilo que eles relacionam à realidade. Ademais, as experiências e informações utilizadas para solucionar problemas caracterizam as representações sociais. Nesse sentido, este fator permite pontuar que a formação da realidade é resultante de um universo consensual do que se considera senso comum e que está relacionado à experiência do indivíduo assim como ao universo reificado relacionado ao conhecimento científico.

O conceito de representação proposto por Emile Durkheim, retomado por Moscovici (2007, p. 41), toma como base os estudos da sociedade contemporânea. Ele é caracterizado pela multiplicidade de construir as relações entre indivíduo e sociedade e a rapidez na circulação das representações.

Moscovici (2007, p. 31) destaca que o que torna um indivíduo visível ou invisível diante de sua representação se estabelece não pela falta de informação, mas devido à visão que se dá por “uma fragmentação preestabelecida da realidade, uma classificação das pessoas e coisas que a compreendem, que faz algumas delas visíveis e outras invisíveis”.

O autor afirma ainda que as interações humanas, sejam estas entre pessoas ou grupos, presumem representações e não são constituídas por um indivíduo isolado. “Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2007, p. 41)

Destarte, na sociedade atual, nota-se que o preconceito se faz presente em vários aspectos da estrutura social, como em grupos de convivência, nos meios de comunicação e demais instituições.

As pessoas transexuais, por exemplo, são alvos de estereótipo negativo pelos meios de comunicação, principalmente em programas considerados de humor, que utilizam de desrespeito para tornar as pessoas trans motivo de piada. Essa forma de representação gera exclusão, preconceitos e leva tais pessoas a não terem credibilidade dentro do espaço em que atuam.

Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. Dessa maneira, em nossa sociedade, um “neurótico” é uma ideia associada com a psicanálise, com Freud, com o Complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, nós vemos o neurótico como um indivíduo egocêntrico, patológico, cujos conflitos parentais não foram ainda resolvidos (MOSCOVICI, p. 46).

A representação das pessoas transexuais foi e ainda é um campo complexo, pois os padrões determinantes da sociedade as excluem, ao invés de incluí-las. Os novos meios ou as novas configurações dos meios de comunicação têm atingido essa parcela da sociedade, não apenas as pessoas transexuais, mas os LGBTQs, negros, mulheres e demais minorias que se utilizam desses meios e que, de certa forma, alcançam igualdade e visibilidade. Assim, de acordo com Moscovi (2007), a linguagem imagética e as palavras expressam a representação do universo que esses indivíduos pertencem.

Nesse cenário, portanto, através das redes sociais os indivíduos representam diversas formas de expressões. Ao criar um perfil, os mesmos buscam trazer elementos que compõem sua forma de representação da realidade e a maneira que enxergam o mundo.

A representação por imagem digital exemplifica que, ao publicar uma imagem em um uma rede social, as pessoas trans passam uma ideia de pertencimento àquele espaço. Isso ocorre inclusive como no aplicativo *Instagram*, na qual o cenário está relacionado às diversas formas de expressão mediada pelo uso da imagem fotográfica e a forma de pertencimento está vinculada na produção e reprodução da fotografia digital.

Com esta dinâmica, o *Instagram* encontra-se em um universo na qual a fotografia é meio influente para determinar diversas formas de expressão, já que as ações de seus usuários por meio de imagens são documentadas. Nesse campo comunicacional, a visibilidade está relacionada à quantidade, número de curtidas e comentários, ou seja, a ampliação numérica da página ocasionará maior visibilidade. Nessa perspectiva, pode-se trazer como exemplo as pessoas transexuais, que utilizam dessas redes sociais para evidenciar seus desafios de vida, assim como em seus momentos de lazer.

Ao fazer uso das redes sociais, as pessoas trans encontram um desafio dentro desse espaço. Mesmo com os avanços proporcionados pela tecnologia digital, há uma lacuna entre os indivíduos nesse aspecto. Homens e mulheres transexuais, assim como travestis, ao ocuparem este campo comunicacional, sofrem preconceitos diversos as formas por terem seu gênero construído social e culturalmente.

Ao expressarem sua identidade de gênero nesse meio, são alvos de comentários relacionados aos seus corpos e genitálias. Isto pode ser melhor compreendido quando levamos em consideração os apontamentos de Foucault (1999, p. 87) em sua obra *História da Sexualidade*, citando o artigo “O sexo sem a lei e o poder sem o rei”. Para o pensador, o poder sobre a sexualidade é uma relação histórica em que uma depende da outra, influenciando uma determinada maneira de pensar. Assim, se tais pessoas não se encaixam na determinação da sexualidade imposta pela sociedade, suas vivências são violadas em todos os setores sociais, situações que torna extrema importância o empoderamento destas pessoas para valer-se de representatividade.

As redes sociais não deixam de ser complexas e, ao mesmo tempo, contribui para que minorias como os LGBTQs, negros, mulheres, encontrem espaço para indagar sua experiência de vida, e lutar contra preconceito. No entanto, se por um lado serve como local de esclarecimento e integração, por outro também são utilizadas para disseminar discursos de ódio, de machismo, de transfobia, de homofobia e de racismo. Assim, encontramos um campo usado para também disseminar formas de preconceitos, ainda que tais condutas sejam rechaçadas pelas políticas das redes sociais, o preconceito e o ódio continuam tendo espaço nessas plataformas, pois os algoritmos que ajudam no processo de denúncia ainda são ineficientes.

É necessário compreender que vivemos em uma cultura do ódio e as redes sociais, pela condição virtual que trazem às relações humanas, são usadas para a difusão dela. Isso fica evidente no debate político, por exemplo, quando partidos políticos divergentes, se apropriam de mensagem que provocam discriminação e violação aos direitos básico dos indivíduos ao: propagar a violência, racismo, homofobia, transfobia. Além de expressar, propagar, induzir e aumentar discursos de ódio fere a dignidade dos indivíduos tanto individual como coletivamente.

Como diz a letra da canção usada como epígrafe desta dissertação, da mesma forma que ocorre à exclusão que é feita pela sociedade, essa difusão de ódio pode ainda gerar um discurso que afeta pessoas que não são consideradas padrão social.

### **3.2 As Mudanças Sociais em Relação à Transexualidade na Sociedade Midiatizada**

De acordo com Guacira Lopes Louro (2001), o discurso sobre sexualidade relaciona uma gama de discussão que perpassa por suas múltiplas verdades e poder. A sexualidade torna-se um objeto a partir de diversas perspectivas para ser compreendida, explicada, educada, regulada, normatizada conforme as mudanças que ocorre na sociedade.

Para Foucault (1999, p. 89), é por meio do poder que o indivíduo se constrói e se constitui. “O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. Dessa maneira, o poder deve ser analisado conforme seu funcionamento, pois funciona e exercido em rede pelos indivíduos.

Compreende-se que o poder tem seu funcionamento quando passa pelos indivíduos, na qual as relações de convivência provocam mudanças vindas de diversos contextos e isso reflete em suas vidas, gerando conflitos e mudanças. Essas mudanças ocorrem no decorrer do tempo devido às atitudes.

De acordo com Willian Thomas (2001), as atitudes são, em sua maioria, fundamentadas numa série de valores previamente dados, mas que, no entanto, coexistem com valores particulares. Por sua vez, estes possuem a capacidade de ocasionar mudanças no agir do indivíduo.

Em consonância com as observações já feitas, Willian Thomas (2001), em sua análise, partiu do princípio de que devemos estudar como os hábitos sociais são formados e perceber através dessa formação que ocorre o desenvolvimento da personalidade, traços psicológicos e de comportamento. O conceito de atitude é uma disposição para a forma de agir e está ligado à experiência vivida, objetiva (pobre e rico, empregado e desempregado) e subjetiva (personalidade, disposição, crença, valores).

O ser humano é formado, ao mesmo tempo, por elementos objetivos e subjetivos e, dessa forma, depara-se com a relação dicotômica entre ter tolerância ou não, legitimidade ou não. Com isso, encontram-se maneiras de estudar e analisar grupos da sociedade, atitudes distintas dentro de um mesmo ambiente devido à experiência vivida.

Ao estudar o que comumente chama-se atitudes, deve-se observar as situações que derivam as mesmas e também as instituições, que as organizam e as propiciam, em que os indivíduos estão inseridos. A atitude não depende apenas da experiência vivida, mas também da organização dessa experiência na memória.

Dessa forma, ao pensar a conduta no que tange aos aspectos das discussões de gênero, cabe apresentar os apontamentos de Foucault (1999), que compreende a sexualidade como uma categoria construída de experiências que não se relaciona com origens biológicas, mas com contextos sociais, históricos, políticos e culturais.

Butler (2003) dialoga com essa concepção e afirma na experiência do indivíduo que o gênero torna-se performático, pois se constroem através do tempo. Dessa forma, relaciona-se com os contextos apresentados por Foucault (1999) enquanto uma construção da sexualidade e não de uma identidade preexistentes. A autora apresenta que, assim como o gênero, o corpo é uma estrutura imaginada, um efeito do desejo e não da sua causa.

Nessa perspectiva, as discussões sobre homossexualidade, que teve seu marco na década de 1970, mas por volta de 1967 as encenações na Inglaterra discutiam a homossexualidade quando organizações clandestinas se mobilizavam para levantar debates em torno dessa temática. Assim, ganham destaque nos Estados Unidos e na Inglaterra através de artigos, revistas, teatro e jornais isolados. Já no Brasil, essa discussão tem seu percurso inicial nas artes, teatro e publicidade, mas enfrentaram obstáculos para tornar pauta em outros veículos de comunicação devido à ditadura militar que dificultava o trabalho desses movimentos (LOURO, 2001).

Ao reafirmar a necessidade de discussão sobre o tratamento do tema nos meios de comunicação, destacam-se as análises teóricas no âmbito da academia, bem como na criação e gerenciamento de políticas públicas. É preciso almejar a desmistificação dos preconceitos a fim de ter elementos para que se construa um estado mais justo, efetivamente democrático, em busca dos direitos nas conquistas das pessoas LGBTQs e de outras minorias.

Sabe-se que a televisão e o cinema têm trazido leituras mais inclusivas do tema em algumas de suas produções, embora transitem em espaços alternativos ou marginais dessas mídias. Inclusive estudos no campo da comunicação ilustram a importância da mediação dessas leituras para debater diversos assuntos como, a representação da diversidade sexual. É o caso, por exemplo, de Wilton Garcia (2009) que discute o campo do cinema e os estudos da diversidade sexual e traça uma leitura a respeito da de como a estética gay representada e explorada no cinema brasileiro.

No âmbito da teoria sociológica, Parsons (2010) observa as estruturas (funcionalismo) junto à teoria do sistema e da ação (elementos macro sociológico) com a teoria da ação racional. Sistema e ação constituem uma única teoria, pois as ações reforçam as características do sistema, enquanto o sistema estabelece as leis e as normas. Mesmo a mudança que acontece como ruptura retorna para o sistema, uma vez que o sistema controla a mudança.

Essas mudanças nos dias de hoje passam muito pelas representações e apropriações decorrentes dos usos das mídias interconectadas.

Entre os elementos que caracterizam essas discussões, os fatores que levam à criação e à manutenção de grupos compactos permeiam a punição daqueles que violam a cooperação. A religião é um exemplo que pune o indivíduo que não esteja cooperando. Os interesses dos grupos a que prevalece são compactos, de maneira que ocorra um processo subordinado dentro dos mais aptos. Os grupos compactos são formados através do equilíbrio de força, que se apresenta como elemento importante do processo de formação. A soma de inteligência em determinados grupos possibilitam a produção de fatores para que ocorra mudança.

Com isto, a sociedade necessita de uma pacificação através da socialização. As teorias da agência da mudança social se relacionam com o mecanismo de progresso, já que o mecanismo de progresso que leva à socialização. O agente da mudança social faz uma relação entre indivíduo e sociedade, buscando fatores individuais e coletivos.

Para que ocorra mudança é preciso que aconteça o processo de socialização entre o indivíduo e sociedade (coletivo). Os veículos de comunicação, tal como o objeto de estudo *Instagram*, promovem o efeito de interação e compartilhamento de sensações e ideias que abrangem o indivíduo e o coletivo social.

Além de retratar e fornecer elementos para construir um imaginário adetivo, o poder da imagem no *Instagram* causa impacto na produção de sentido por proporcionar uma relação mais indutiva entre narrativa e o espectador. A imagem desperta curiosidade e indagações. Com isso, promove mudanças dentro e fora desse campo.

No âmbito da mudança social, na sociedade interconectada do século XXI, o campo das interações comunicacionais desempenha importante papel. Os fatores subjetivos nessa geração, com novas perspectivas, expectativas, motivações e disposições para agir são a síntese criadora que deriva da própria socialização.

A mudança não se deve somente a fatores integrativos, mas também a fatores desintegrativos. A vida social, um processo desintegrativo, sendo a mudança social uma tensão do que se considera equilíbrio, uma vez que somos seres reflexivos com características distintas.

A sociologia uma área que sustenta a ideia de se trabalhar com período de média e longa duração, estabelecendo comparações dentro desses processos, estudados a partir da mudança social. Dessa forma, a mudança social também um fator importante para a compreensão de como são construídas as relações dos indivíduos e oportunizar mudanças.

A transexualidade uma identidade de gênero que, durante tempo, foi interpretada e ainda é de acordo com a cultura e a época. Segundo Bento (2008), as pessoas transexuais podem explicitar sua identidade logo na infância, quando sentem um desacordo com seu corpo biológico e na vida adulta.

As pessoas transexuais e travestis são exemplos de luta por reconhecimento na sociedade e necessitam de mudanças sociais para novas conquistas. Uma conquista recente é o uso do nome social, no qual as pessoas transexuais e travestis adotam de acordo com a identificação do seu gênero e que é diferente daquele que foi dado em seu nascimento. A Deliberação do Conselho Estadual da Educação nº 125, de 2014 e a Resolução SE nº 45/2014 definem que:

As travestis e as/os transexuais têm direito ao tratamento exclusivamente pelo nome social, em respeito à cidadania, aos direitos humanos, o pluralismo e à dignidade humana, bem como ter incluído o nome social em documentos escolares. A Deliberação CEE nº 125/14 e a Resolução SE nº 45/2014 atendem o Decreto Estadual nº 55.588/10 que estipula o reconhecimento da identidade de gênero e o tratamento nominal de travestis e transexuais no âmbito do Estado de São Paulo e também a Lei Estadual nº 10.948/20011.<sup>5</sup>

De acordo com a Coordenadoria de Gestão da Educação Básica, o tratamento nominal de travestis e transexuais (2014) são direitos garantidos e permite que tenham seu reconhecimento de acordo com seu nome social. Vale ressaltar que as pessoas transexuais e travestis apropriam-se de referências culturais históricas para expressar o gênero com o qual se identificam e isso precisa ser igualmente respeitado.

Ao considerar experiências docentes, é possível constatar inclusive como a questão do tratamento social é algo importante no ambiente escolar. Os adolescentes estão construindo suas identidades, entre o ser adulto e ainda permanecer criança, fase esta extremamente delicada. É possível notar a falta de limites no processo de socialização, na qual envolve discriminação, preconceito e intolerância, além de referenciais de vida. Por outro lado, em outros há a presença de uma formação mais sólida relacionada com a presença constante da família, projeto de vida que a leve à inserção no mercado de trabalho e nos estudos.

Além das observações educacionais, sabe-se que inúmeras interpretações e narrações sobre a transexualidade no decorrer da história surgiram e acontecem. As mudanças sociais

---

<sup>5</sup>Disponível em:

<<http://www.justica.sp.gov.br/StaticFiles/SJDC/ArquivosComuns/ProgramasProjetos/CPDS/DELIBERA%C3%87%C3%83O%20CEE%20126.pdf>>.

influenciam os diferentes modos de pensar e admitem necessidades de estudos cada vez mais próximos da realidade em que se vive.

Desde a Roma Antiga, pode-se citar o culto ao deus Atis, que está ligado à divindade que teve uma paixão pela própria mãe e teve seu pênis cortado. Na mitologia grega, vê-se o hermafrodito que é baseado na união sexual entre homem e mulher, possuidor de pênis e seios. Outras mitologias fazem alusão às pessoas transexuais como, por exemplo, a mitologia mesopotâmica, a deusa Inanna-Ishtar, esta é uma deusa que relaciona amor e guerra, morte e vida e é conhecida por ser hermafrodita (RIBEIRO, 2010).

De acordo com Alexandre Saadeh (2004), Filo era um filósofo judeu que relatou em seus escritos que, em Alexandria, os atos dos eunucos, que eram homens que viviam com adornos femininos, realizavam castração como maneira de se relacionar com a identidade feminina. Na história da homossexualidade, estudiosos registraram que entre os astecas era comum o ato de homens se transvestirem de mulheres, o mesmo era encontrado na cultura de índios norte-americanos. Nos países latino-americanos, no período colonial, os sodomitas eram rotulados de maricas devido aos seus gestos, roupas e adereços (MOTT, 1994).

Nos países latinos, nos anos de 1658 no México, “foram denunciados 123 sodomitas vivendo na cidade do México e seus arredores, dos quais 19 foram presos e 14 queimados. Um destes escapou da fogueira por ser menor de 15 anos, recebendo como castigo, 200 açoites e 6 anos de trabalhos forçados”. Assim, eram tratadas as pessoas que fossem consideradas maricas (MOTT, 1994, p. 8).

Historicamente, os ditos desvios, isto é, condutas e situações que não correspondiam aos padrões socialmente definidos de normalidade, sofreram a ação de diversas investidas normalizantes, tendendo-se à destruição das diferenças encontradas no seio da sociedade; sendo então utilizados discursos e sistemas normativos, tais como a moral, o direito, a psiquiatria, dentre outros, tendência essa verificada especialmente na seara do gênero e sexualidade. (MOTT, 1994, p. 28)

Inúmeros discursos foram atribuídos às pessoas transexuais no decorrer dos séculos como, por exemplo, loucura, doença, pecadoras. A exclusão e o preconceito com as pessoas transexuais estão relacionados em uma perspectiva histórica, determinado pelos fatores sociais, das práticas e valores dos indivíduos.

Quando se fala em tempo, as mudanças sociais são importantes para a compreensão dessa linha histórica. O tempo não é exterior ao indivíduo: as experiências sociais permitem

entender a noção temporal. E, por sua vez, pensar como categoria histórica leva à categoria social.

De acordo com Sorokin (1969), o elemento principal para conceber as mudanças sociais é a cultura, nela tudo é criado e modificado pela atividade humana. Esse trajeto de mudança entendido pelo autor através da arte, da ciência e de guerras. A cultura se divide em duas partes: a sensível que possível e perceptível e a ideacional através de ideias e conhecimento. Ressalta-se que a cultura ideacional é diferente de idealístico, destacam-se o conjunto de ideias, pensamentos e não mudanças que estão no nível da imaginação.

Essa visão cíclica, no sentido espiral e não no sentido do Pareto que é em círculo, ou seja, para Sorokin (1969), ocorre repetição, mas também ocorrem mudanças. Isso significa que estudos dos indivíduos e de valores, fazendo ajustes e reajustes dentro dessa repetição, são de suma importância.

Para analisar a mudança social, deve-se pensar no sistema social e nos indivíduos, levando ao processo de mudança. Os fluxos complexos são forma de fazer análise, nas quais os processos de mudanças são reais e os indivíduos em suas ações individuais oscilam entre o altruísmo e egoísmo.

Nessa perspectiva, a política LGBTQs é um processo de mudança social, pois ela está ligada à capacidade que os indivíduos possuem de agir, individualmente e coletivamente, com capacidade de mobilizar. Como aponta Sztompka (1998), os agentes modificam suas ações ao praticá-las de todas as maneiras, através da atitude, disposições, aptidões.

As mudanças, de acordo com as atitudes e os múltiplos fatores que estão envolvidos, permitem ressignificações históricas necessárias. Como a questão do nome social, uma conquista que foi estabelecida pelas lutas e mobilizações entre os indivíduos.

### **3.3 A Transexualidade nas Organizações Sociais e Midiáticas**

As mudanças sociais estabeleceram novas formas de interação entre indivíduo e sociedade. Assim, com a industrialização e a urbanização, ocorreu o processo de modernidade tecnológica em vários setores, tais como os veículos de comunicação e a fotografia, que influenciaram a transformação em uma cultura baseada na imagem, impulsionando nova organização na estrutura social.

Assim sendo, as representações sociais são convenções e regras sociais que são estabelecidas antes do nascimento. Consiste também na interpretação de informação que é

construída pelo ambiente em que o indivíduo está inserido, sendo que a realidade pode ser alterada conforme os estímulos e percepção que esse indivíduo recebe (MOSCOVICI, 2007).

Entender o universo da transexualidade é compreender como as pessoas transexuais são representadas na sociedade. As representações sociais são determinadas pelas realidades já formadas e determinam as interpretações das comunicações entre os indivíduos. As pessoas transexuais em nossa sociedade sempre tiveram sua representação de forma estereotipada e restrita, principalmente quando pensamos nos veículos de comunicação.

Na modernização, no cenário de como são representadas as pessoas transexuais, encontramos uma luta por visibilidade e espaço. Isso evidencia o desafio que essas pessoas enfrentam em uma sociedade marcada pelo preconceito e pela exclusão.

Esse processo de como são construídas as representações está relacionado à modernidade em que os indivíduos se encontram. Sendo assim, segundo a teoria da “Segunda Modernidade”, seria uma tentativa de superar qualquer tipo de imperialismo ocidental e qualquer concepção unidirecional da modernidade.

Ulrich Beck (1997) propõe uma superação do preconceito que aflige uma grande parcela do ocidente. É na segunda modernidade que sugerem os novos contratos sociais de novos atores, não serão os atores do passado, como: sindicatos, movimentos sociais, partidos. Estes não conseguiram enfrentar os desafios postos pela nova modernidade e, por isso, os atores assumem um novo formato e nessa nova estrutura se reconfigura também o Estado.

O papel da sociedade civil, diante dos novos atores, segundo Beck (1997), precisaria ocorrer em uma nova reconfiguração, pois o autor questiona o papel da sociedade civil por ser de fato um agente de governança. A ideia de governança é questionar o papel da sociedade civil e, assim, esse novo formato está relacionado à reinvenção da cidadania, expansão dos direitos, repensar a democracia e a política.

A reflexividade não é algo negativo, pois ela rompe com a concepção do que Beck (1997) nomeia do trabalho e não trabalho. Nesse sentido, surgem novas formas de trabalho e, conseqüentemente, novos atores de caráter global, o que evita turbulências, tais como crises políticas e sociais. As crises são visíveis pela questão da desigualdade que ocorre na emergência do risco e estas instituições não conseguem controlar os riscos - como as crises e a globalização.

A sociedade de risco gera reflexividade, ou seja, tem um caráter de continuidade e permanência. Os riscos da modernidade são produtos do avanço industrial e são agravados com o desenvolvimento sistemático desse último. Deste modo, os indivíduos são construídos

através da interação discursiva complexa que é muito mais aberta do que supostamente o modelo funcionalista de papéis sociais.

A individualização dos conflitos e dos interesses políticos não significa desengajamento à democracia e nem esgotamento político. A individualização é uma compulsão pela fabricação, autorrepresentação, pelos seus compromissos e articulação conforme as mudanças de fases da vida. Dessa forma, entendemos que a realidade do indivíduo está refletida de convenções e ambiguidade devido aos avanços e desenvolvimento da sociedade.

Os contextos podem se dar entre diferentes abordagens em relação à realidade dos indivíduos. Laan Barros (2017) destaca que as transformações no sistema de comunicação, com a ampliação e circulação de imagens nos discursos midiáticos, relaciona a produção de sentido à percepção estética em uma cultura midiaticizada. E isso ofereceria experiência sensível quando compreende o sentido em relação às narrativas.

Vale salientar os apontamentos de Berenice Bento (2008) ao afirmar que, em 1984, foi Roberta Close<sup>6</sup> quem trouxe para cena nacional uma discussão sobre transexualidade. A mídia exibiu a manchete na qual se referia à mulher trans, dessa maneira: “A mulher mais bonita do Brasil é homem, foi o primeiro momento que a sociedade brasileira começou a se deparar com as discussões sobre as questões de gênero em escala midiática”. Assim, podemos compreender que os produtos midiáticos promovem uma mediação entre indivíduos, pois os sentidos se constituem pela interação das experiências de produção de sentido (BARROS, 2017).

Nossa cultura apresenta uma dicotomia nas formas de expressão sexual e gênero na mídia, pois as representações das pessoas transexuais foram restritas. Quando é abordada na mídia tradicional, a conotação do termo é de maneira estereotipada e isso faz com que as discussões sejam engessadas e pautadas em um pensamento conservador<sup>7</sup>(ZÓIA, MONTEIRO, 2016).

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em

---

<sup>6</sup> Roberta Gambine Moreira é uma modelo, atriz, cantora e apresentadora suíço-brasileira de 53 anos. Ela foi a primeira modelo transexual a posar para a edição brasileira da revista Playboy.

<sup>7</sup> Conservadorismo é um pensamento pautado que defende instituições sociais tradicionais, como por exemplo, família e religião e acreditam que todos devem seguir essa linha de pensamento.

sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo (FOUCAULT, 1999, p. 27).

Apesar do aumento dos debates em torno da sexualidade e gênero trazidos pelas mídias tradicionais e os novos veículos midiáticos (blogs, páginas do *Facebook*, *Instagram*, *sites*), ainda é inquietante tratar sobre esse assunto. E existe uma dificuldade para compreender que a transexualidade está relacionada com a identidade de gênero, pois “diferente do que foi taxado durante a história, essa não é uma questão de problemas mentais ou perversão sexual, mas sim a forma com que elas identificam seus corpos em relação ao psicológico” (ZÓIA, MONTEIRO, 2016, p. 13).

As informações que circulam no campo midiático, quando o tema trata-se da transexualidade, normalmente não são pautadas por levantamento ou discussão em um aspecto esclarecedor. As articulações presentes são dadas de forma simples ao transmitir uma notícia, mesmo com o aumento da visibilidade da temática. Assim, quando o assunto está relacionado à transexualidade nos canais de comunicação, ainda que se tenham novos veículos, não houve um aumento considerável de forma esclarecedora (ZÓIA, MONTEIRO, 2016).

Com as redes sociais presentes no âmbito geral, o cenário tem mudado. Um exemplo atual é o fato de uma das cantoras mais famosas no Brasil ser uma *drag queen*, Pablo Vittar<sup>8</sup> (2017), que ganhou notoriedade através do *Youtube* com divulgação de clipes feitos por empresas alternativas. Hoje a cantora tornou-se umas das personalidades LGBTQs que possui mais seguidores no *Instagram* (no Brasil).

Mesmo com o espaço da internet e das tecnologias de informação e comunicação, o uso pode ocorrer de formas variadas. O acesso à internet não garante o uso da rede para reivindicações, cabe a alguns setores dos movimentos que têm mais afinidade criar plataforma de comunicação nesses meios e utilizá-las para fins de informação, interação e manifestação.

A mídia faz um trabalho ambíguo quando se trata das pessoas LGBTQs, pois muitas vezes, omite informações de acordo com seus interesses. Uma pesquisa realizada, em 2005, na Parada Gay de São Paulo, apontou que 72,1% das pessoas entrevistadas sofreram discriminação por sua identidade e orientação sexual, sendo que esses dados não foram divulgada pela mídia tradicional de massa (ANDRÉ, CLITON, MARTINS, 2016).

Na teoria da comunicação, Barthes (2005) destaca que é preciso analisar as estruturas separadamente para depois observar como se completam. Ao se relacionar com um produto

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/cultura/2017-08-10/drag-queens-cultura-pop.html>>

cultural, elas proporcionam uma representação do meio em que o indivíduo está inserido e, assim, transmitem informação e comunicam-se com outras estruturas.

As redes sociais assumiram um papel importante na vida dos indivíduos, pois ela dá acesso a conteúdos que antes não eram veiculados pelas mídias tradicionais de massa, estabelecendo uma visibilidade sobre o que é transexualidade. O armazenamento de informações possibilita desenvolver reflexões e técnicas que contribuem para analisar o contexto que está inserida essa temática.

Esses apontamentos são importantes para compreender as práticas sociais, experiências de vida, interações e socialização. É preciso, pois, conexões e que o entendimento das relações sociais na sociedade sejam favorecidos a fim de investigarmos as possíveis razões pelas quais existe uma falta de compreensão e conscientização sobre o respeito ao que é diverso.

### **3.4 A Veiculação da Transexualidade na Mídia**

O uso das redes sociais relacionado às discussões de gênero aumenta a quantidade de informações que podem ser vistas de diferentes formas. O movimento LGBTQs na internet é importante para formação de pautas e buscar nesse campo uma maior visibilidade tanto na mídia nacional como internacional. Nesse espaço, o movimento pode potencializar suas ideias e demandas de forma ágil.

A necessidade de espaço de visibilidade midiática é fundamental para apresentar como a realidade dessas pessoas, pensando na dinâmica discursiva e nas articulações interna e externa. Os dispositivos midiáticos ajudam a promover e ampliar as interações através da internet. A partir disso, é importante compreender sobre as questões do tratamento que pessoas transexuais sofreram e ainda sofrem.

O caso da Waldirene<sup>9</sup> (2018), por exemplo, que foi a primeira a fazer a redesignação sexual no Brasil, ilustra a relevância do assunto. O médico foi sentenciado à prisão em plena ditadura militar, cujo título da matéria que cobriu o tema recentemente fora: “Monstro, prostituta, bichinha’: como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão”.

Na reportagem de Amanda Rossi (2018) para a BBC News, os detalhes sobre as reações da justiça e os sentimentos da transexual são claramente abordados. Waldirene, para ser reconhecida como tal, passou por diversos constrangimentos no decorrer de sua vida,

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43561187>>

sendo submetida à examinação dos seus órgãos genitais, recebeu nomes pejorativos, além de ataque psicológico, e físico.

Nota-se que o tema não se esgota e que resgatar o passado contribui para uma melhor compreensão do presente, embora muitas vezes parece que pouco se avançou.

Waldirene estava constrangida e acuada. Na noite anterior, dois homens haviam entrado na escola onde ela estudava inglês, no interior de São Paulo, para levá-la coercitivamente para o Instituto Médico Legal da capital, a mais de 400 quilômetros. Ao chegar lá, foi obrigada a se despir, mantendo apenas as sandálias de salto plataforma baixo. Era 1976, em plena ditadura militar – o diretor do IML, Harry Shibata, seria posteriormente considerado conivente com a repressão.

Nua, Waldirene passou a ser fotografada. Primeiro, de frente. A jovem loira, de 30 anos, 1,72 metro de altura, olhava para o chão, evitando o homem por trás das câmeras. Seus lábios estavam cerrados. Os braços, colados ao lado do corpo, enquanto as pernas apertavam-se uma contra a outra, em uma tentativa de se proteger da exposição. Pediram a ela que se virasse de um lado, de outro e depois se sentasse. Em cada posição, uma nova foto.

Waldirene foi ainda submetida a um exame ginecológico. Um espéculeto de metal foi introduzido em seu corpo e, dentro dele, uma fita métrica. A cena foi fotografada para registrar o comprimento e a largura do canal vaginal. A jovem, que trabalhava como manicure no interior, havia pedido um habeas corpus preventivo para não ser submetida a tudo isso. Mas a Justiça paulista negou.

"Minha vida antes da operação era um martírio insuportável por ter que carregar uma genitália que nunca me pertenceu. Depois da operação fiquei livre para sempre – graças a Deus e ao dr. Roberto Farina – dos órgãos execráveis que me infernizavam a vida, e senti-me tão aliviada que me pareceu ter criado asas novas para a vida", escreveu Waldirene na época.

Em 6 de setembro de 1978, o magistrado condenou Roberto Farina a dois anos de reclusão por lesão corporal de natureza gravíssima em Waldir Nogueira.

Na sentença, sugeriu que o paciente deveria ter sido "submetido a tratamento psicanalítico de longa duração como tentativa de cura". Spagnuolo tem hoje 80 anos e está aposentado. A BBC Brasil não conseguiu contato com o juiz. O Tribunal de Justiça não quis se manifestar.

O Ministério Público pediu o aumento da pena: "Admitindo-se que ele (Waldir) possa oferecer sua neovagina a homens, então somos forçados a concluir que agora ele é uma prostituta", afirmou o promotor Piva, em 1978. "Embora mutilado, Waldir continuará sendo o que sempre foi, ou seja, um homem que mantém relações sexuais com outros homens. Mas a prática de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo será sempre uma aberração, tanto à natureza como à lei."

E continuou: "Farina quer que os portadores de distúrbios mentais possam autorizar a realização em seus próprios corpos de cirurgias mutiladoras; que os homossexuais – 'bichinhas' – entrem em fila para conseguirem a cirurgia; que os pais de família sejam obrigados a suportar, em seus lares, filhos homossexuais – do que ninguém está livre – e ainda mutilados".

A defesa ficou indignada com o palavreado e acusou a Promotoria de "pura demagogia, preconceito e paixão, incompatíveis com um julgamento sério". Já Waldirene partiu em defesa de Farina, a quem considerava seu "herói" e seu "segundo pai", recolhendo cartas de apoio na sua cidade natal, em 1978.

A última declaração de apoio juntada ao processo foi de Espiridião, um homem de idade, que a princípio rejeitou a transformação de Waldir: "Declaro que minha filha Waldirene Nogueira sempre viveu em nossa casa, com seus pais, achando-se depois da cirurgia realizada em 1971 em condições ótimas de saúde e com comportamento normal, relacionando-se bem com todas as pessoas de suas relações sociais".

Em novembro de 1979, os desembargadores que julgaram o caso em segunda instância anularam a condenação de Farina.

O intuito de apresentar esta reportagem é para exemplificar a vida de uma pessoa transexual, que tem um papel importante ao contexto social e político. O tratamento que foi dado a ela e isso é um reflexo de como as pessoas trans são tratadas ainda pela sociedade. É uma luta diária para ter reconhecimento e respeito diante de seu tratamento. O debate e a disseminação de informação na sociedade são importantes para ressaltar os direitos que as pessoas transexuais e travestis têm e, assim, descobrir, superar preconceitos e prevenir ações discriminatórias.

Segundo Cohen (1976), o ritmo na mudança social precisa ser explicado, referindo-se ao que precisa mudar e o que não mudar. A ausência da mudança diz respeito ao tempo e nesse processo há continuidade e persistência. Por isso, a natureza da mudança social dada pela condição histórica e pela ideia de tempo social, que estão vinculados à vida social, uma vez que tempo e mudança são inseparáveis.

Nessa linha de pensamento apresentado por Cohen (1976), pode-se relacionar com a vida das pessoas transexuais, que vivem uma luta constante para ocorrer mudanças e ter seus direitos adquiridos. Ainda ao considerar a reportagem, o preconceito que a Waldirene vivenciou durante aquele período e como seu tratamento e sua exposição estavam relacionados ao seu gênero, infelizmente permanece. Assim, relacionando em uma perspectiva histórica, as mudanças ainda são lentas, pensando no tratamento dessas pessoas no cenário atual.

Com relação a essa necessidade de quebra de paradigmas, vale ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais aprovados no ano de 1997<sup>10</sup>, bem como as Diretrizes, mostram-se conectados aos debates internacionais sobre a diversidade em confronto com a universalidade. Em vista dessa demanda por transformações, dessa urgência das sociedades contemporâneas, os currículos inauguraram no Brasil a execução dos "Temas Transversais", dentre os quais se encontra: Ética, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo e Orientação Sexual. Surgindo, então, questões acerca de como promover e construir uma educação sexual de qualidade que abrange a todos igualmente,

---

<sup>10</sup> Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/BasesLegais.pdf>>.

independentemente de sua cor, religião, entre outros, além também de se indagar a respeito de como lidar com aquele que é diverso em ambiente escolar.

Para além disso, é patente na sociedade a importância da escola na socialização e moralização dos indivíduos. E nesse sentido a construção de uma escola mais plural e democrática é requisito para a construção de uma coletividade na qual todos os grupos e interesses sejam respeitados e representados de forma ética e justa. Assim, o sistema de ensino precisa estar relacionado à necessidade do momento histórico da sociedade.

Os sistemas sociais, nos mais variados contextos históricos, apresentam sistemas educacionais. A educação suscita posicionamentos diversos e divergentes quanto à sua finalidade e o seu papel. Sendo assim, temos uma infinidade de conceituações, teses e críticas sobre esse tema.

A partir desse conceito de que o papel dado à educação é preparar o indivíduo para o meio social ao qual está inserido, e que produz nesse mesmo indivíduo as capacidades necessárias para viver nessa sociedade, os escritos e ideias de Karl Marx que se faz presente nos estudos do brasileiro Maurício Tragtenberg trazem importantes desdobramentos. O que encontramos em Marx no século XIX e também nos estudos Tragtenberg no século XX aponta que a educação, em seu papel e sua função, diferente do conceito de socialização de Durkheim, está intimamente ligada às relações de produção, de divisão do trabalho.

Mesmo com as mudanças recentes no âmbito socioeducacional, vale ressaltar que o acesso ao emprego para pessoas transexuais e travesti ainda é restrito, são poucas empresas que as contratam, deixando-as à margem da sociedade.

De acordo com Ivan Longo (2018)<sup>11</sup>, “o acesso ao emprego ainda é a principal demanda dos movimentos trans”. Tal assertiva corrobora com a ideia de que as empresas não contratam por razões transfóbicas.

Neste 29 de janeiro, data em que se celebra o Dia da Visibilidade Trans, atividades por todo país denunciam a transfobia e a necessidade de inclusão social das travestis, mulheres transexuais e homens trans no mercado de trabalho.

Em ano de crise, a dificuldade de inclusão se torna ainda maior e gera um caos social: segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) 90% deste público está se prostituindo no Brasil e apenas 10% trabalha com registro em carteira.

“A maior demanda do movimento é a empregabilidade. O direito ao trabalho é um direito fundamental, se não temos esse direito, a prostituição passa a ser o único espaço de subsistência”, reforça Ângela Lopes, mulher transexual e ativista.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/acesso-ao-emprego-ainda-e-principal-demanda-do-movimento-trans/>>

A não aceitação familiar frequentemente faz travestis e transexuais serem expulsas logo cedo de casa e, em consequência, sofrerem com a evasão escolar em razão da sua identidade de gênero. Por outro lado, a baixa escolaridade e o preconceito tornam-se barreiras para o acesso ao emprego.

Essa reportagem exemplifica que; mesmo com as transformações que vêm ocorrendo para as demandas em relação à diversidade de gênero e para o desenvolvimento na construção da identidade, da autonomia e liberdade; ainda são visíveis a exclusão e desigualdade. Portanto, é importante que as discussões de gênero perpassem pelas relações políticas, sociais e econômicas.

Contudo, nem todas as possibilidades que surgiram com a internet e com as tecnologias de informação e comunicação são apropriadas em total potencialidade, já que ainda existem barreiras de inclusão digital e de uso de mídias digitais. O acesso à internet não garante o uso da rede para reivindicações, cabe a alguns setores dos movimentos que têm mais afinidade com tecnologias criar plataformas de comunicação nesses meios e utilizá-las para fins de informação, interação, organização e manifestação.

Cândido (2003) explana sobre a forma como interpretamos e compreendemos o mundo a partir do que vemos, ouvimos e lemos nos meios de comunicação. Para o autor, as informações subjetivas são exponencialmente elaboradas de acordo com os processos de comunicação e informação. Essas se revelam como extensões das habilidades intelectuais e comunicativas humanas, sendo responsáveis por parte das representações e do imaginário contemporâneo.

A partir da concepção de que a mídia se constitui como representação exterior do mundo humano, a comunicação encontra na transmissão de informações, propostas operacionais. Assim, como por exemplo, em uma matéria jornalística, alguns conceitos e delimitações metodológicas fornecem circunspeção e elemento até para uma produção estética. (MARTÍN-BARBERO, 1997).

A internet tem se tornado um espaço, visto que pode ser usada como auxílio ao combate às intolerâncias. Enquanto produtora de conteúdos para os indivíduos e grupos sociais que antes não tinham voz e visibilidade na sociedade, como as pessoas transexuais, favorece a disseminação rápida e abrangente de informações.

A busca pelo entendimento de como a transexualidade é mostrada pela mídia diante dos dados e das estatísticas de violência que são cometidas com essas pessoas ainda necessárias. Muitas dessas mídias estão ligadas a instituições religiosas e assim, as vidas dessas pessoas são vistas como pecaminosa ou desnecessárias.

A comunicação representa mudanças em dois níveis, em primeiro lugar aquele que se relaciona às apropriações e subjetivações individuais, como e quando um indivíduo faz uso da internet para construir sua própria identidade. Em segundo momento, pela mudança que a própria comunicação representa para os meios dessas construções se efetivarem. Isto é, ao mesmo tempo em que a comunicação é um meio no qual o indivíduo tem acesso, ela transforma os mecanismos de elaboração do "eu" que conforme supracitado passaram por instituições, como a família e a religião, para se consolidarem (MORENO 2013).

O meio de comunicação é importante, pois tangencia as áreas, como: cinema, artes, objeto de trabalho, entre outros. Seu uso busca um significado do contexto que ele está submetido e apresenta que “a significação só é possível à medida que há reservas de signos, esboço de código; aqui, o significante é a atitude de conversação dos dois personagens; notar-se-á que essa atitude não se tona signo senão para certa sociedade” (BARTHES, 2005, P.329).

Verifica-se, portanto, que as redes sociais estão presentes com frequência na vida dos indivíduos, seja na pesquisa, objeto de trabalho, nas práticas sociais, experiências de vida, interações sociais, enfim, como nas formas de socialização. Assim, trata-se de uma comunicação que facilita a recepção e transmissão da mensagem. A possibilidade de contribuir com o crescimento de pautas até então sem espaço e também mostra as violências simbólicas (comentários preconceituosos) que os indivíduos sofrem nesse campo comunicacional ampliam seu potencial significativamente.

## CAPÍTULO IV

### A IMAGEM TRANS NA TRANSPOSIÇÃO DA INVISIBILIDADE: ESTUDOS DE CASO

#### 4.1 Metodologia

Esta pesquisa apoiou-se em levantamento bibliográfico a fim de construir o referencial teórico necessário para a compreensão do processo de circulação de imagens fotográficas em uma rede social, o *Instagram*. Tal circulação envolve as práticas sociais e as relações entre os indivíduos, especialmente quando envolvem questões relacionadas às identidades de gênero.

Na intersecção entre comunicação e cultura e no contexto dos debates sobre sexualidade e produção de sentidos, propomos analisar três perfis de personalidades transexuais no aplicativo *Instagram* através de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, na linha da análise estrutural de narrativas. Tratam-se dos métodos de pesquisa para observar como os sistemas de comunicação interconectados em rede tornaram-se importantes para visibilidade a segmentos sociais marginalizados por conta de sua participação nas redes sociais.

Para realização da análise, utilizamos contribuições da semiologia estrutural de Roland Barthes, dos estudos de gênero feitos por Judith Butler e por outros autores que estudam a teoria *Queer*, além de questões de sexualidade na sociedade contemporânea. Para dar conta de uma questão emergente e importante de tanta complexidade, buscamos fundamentações também nas áreas da sociologia, antropologia e outras que se mostraram pertinentes para este trabalho.

Por meio de postagens fotográficas no aplicativo *Instagram*, foram analisadas o funcionamento das imagens enquanto mediações dessa visibilidade e a maneira como colocam em pauta a superação de estigmas e preconceitos. As narrativas do Thammy Miranda, Liniker e da Lea T são analisadas através das publicações, legendas e curtidas, uma

vez que, nessa rede social, ter visibilidade é ter o maior número de curtidas e seguidores, que são características que compõem a participação dos indivíduos nas redes sociais.

Partindo desse cenário, os perfis selecionados serviram de análise para a compreensão que os novos recursos de comunicação têm na geração de caminhos no sistema comunicacional. Assim, investiga-se sobre de que modo a imagem fotográfica da transexualidade presente no *Instagram* pode gerar visibilidade para experiência de vida desses indivíduos, em um recorte brasileiro.

A pesquisa procurou revelar ainda aspectos e levantar discussões necessárias para a melhor compreensão dessa questão social e discutir porque vivemos numa sociedade que constrói para os indivíduos papéis que vão desenvolver antes mesmo de nascer. Consequentemente, não deixando espaço para escolhas que vão na contramão dos padrões preestabelecidos, o que gera invisibilidade, preconceito e negação de direitos.

Com isso, observa-se o papel da imagem fotográfica na transexualidade no aplicativo *Instagram* e como ocorre a utilização desse meio de comunicação diante das relações sociais. Essas relações vão se construindo por meio desse aplicativo como um meio de comunicação contemporâneo, apresenta diferentes usos dependendo do usuário.

A pesquisa, em sua parte empírica, foi realizada por meio da análise estrutural da narrativa, a partir da proposta de percepção, de identificação e interpretação trabalhadas por Ivan Lima (1988) em seu livro *A fotografia é sua Linguagem*, foi à base para referencial teórico para escolher as imagens. Também foram levadas em consideração as contribuições de Roland Barthes, sobre a análise da fotografia, e de Martín-Barbero sobre as mediações culturais da comunicação.

Os debates teóricos possibilitam a análise da fotografia como forma de comunicação, em especial na sociedade interconectada em rede. Além disso, buscar na imagem fotográfica as temáticas e elementos constitutivos recorrentes e como são construídas as linguagens que o usuário do aplicativo *Instagram* usa para interagir com seus seguidores.

Baseando-se nessas formulações na corrente estruturalista, foi necessário aprofundar algumas passagens da semiologia estruturalista, pois como é destacado por Barthes (1976), na comunicação o que direciona uma narrativa é o uso da linguagem. Interessa-nos, pois, os usos da linguagem e no caso das imagens postadas pelo próprio personagem presente nelas acontecem sobreposições entre narrador e narrativa, como no universo das *selfies* tão recorrentes nas redes sociais. Se não há narrativa sem o narrador, o que dizer de narrativas nas quais o narrador é o próprio personagem da história.

Assim, pretendeu-se analisar as diferentes expressões que os usuários buscam transmitir ao publicarem uma imagem na qual eles próprios comparecem e identificar a importância das redes sociais para visibilidade, pois quando se trata de transexualidade esses indivíduos não têm espaço nas grandes mídias.

O *Instagram* se configura como espaço importante para possibilitar autonomia e visibilidade às pessoas que são omitidas ou se omitem de outras plataformas midiáticas. Sua exposição em aplicativos que permitem interação, por curtidas e compartilhamentos, contribui para o desdobramento do tema e abre espaço para que outras pessoas se posicionem, afirmem sua identidade e saiam da invisibilidade.

#### **4.2 A imagem fotográfica no *Instagram***

Nesse capítulo, objetiva-se analisar como a imagem fotográfica no *Instagram* torna-se importante quando vinculada às pessoas transexuais, uma vez que os espaços ocupados por essas pessoas ainda são restritos e a luta por visibilidade é constante. Conforme abordado anteriormente, o Brasil está entre os países que mais mata transexuais no mundo, fatos como esses normalmente não têm repercussão nos meios tradicionais de comunicação (dados do Grupo Gay Bahia<sup>12</sup>, 2018).

De acordo com Recuero (2009), o *Instagram* é uma das redes sociais mais populares no Brasil, possuindo 29 milhões de usuários que consomem através do processo de interação, produção e reprodução audiovisual. Essa rede social busca, através da exposição de imagens, criar relacionamentos que são mediados pelo uso da fotografia no aplicativo. E vale destacar que esse sistema de comunicação só foi constituído devido às transformações tecnológicas na sociedade pós-moderna, com a proliferação de aparatos móveis e a interconexão em rede.

Esse ambiente social tem proporcionado novas formas de interação e de comunicação. A presente pesquisa enfatiza como essas formas de relacionamento entre os indivíduos influenciam os canais de mídia e produção de diversos conteúdos, especificamente o *Instagram*, pois as pessoas se utilizam das redes sociais para todo tipo de interação. E essas ferramentas não dependem do espaço físico, já que é possível estabelecer ou construir interações com um dispositivo eletrônico conectado à internet.

Com essa facilidade proporcionada pela internet, alguns indivíduos trans têm ganhado visibilidade em algumas redes sociais, influenciando milhares de pessoas. Alguns conseguem obter milhões de seguidores em apenas uma rede social, como é o caso do *Instagram*,

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2018/02/trans-assassinadas-na-bahia.pdf>>

ganhando atenção de marcas que os patrocinam. Essas pessoas são chamadas de influenciadores digitais, possuem a eficácia de influenciar seus seguidores diante de seu comportamento e de suas opiniões e seus conteúdos estão ligados ao estilo e experiência de vida.

Com isso em mente, pode-se estabelecer o uso desses novos meios de comunicação e que permitem visibilidade e gerar novos caminhos dentro do sistema comunicacional. Dessa forma, as pessoas transexuais têm conseguido ganhar destaque ao se apropriar dessas redes sociais e aplicativos, compartilhando momentos e experiências de suas vidas – o que, de certa forma, mesmo que não atinjam muitas pessoas, e que as postagens não tenham um cunho informativo, mostram que elas estão ali, existem e resistem.

Neste trabalho, analisamos três perfis no *Instagram* de personalidades LGBTQs do mundo artístico. São elas: uma pessoa que rejeita o binarismo e transita entre os gêneros, um homem transexual e uma mulher transexual.

Começamos pelo @ Liniker, que na presente pesquisa é tratado com o uso do “@” na busca de uma forma neutra ao falar de um indivíduo que não assume uma única identidade de gênero. Liniker é um/a cantor/a negro/a que busca relacionar questões que debatem o gênero em suas composições e canções.

Ele ganhou visibilidade devido aos milhões de acesso que sua música tem na plataforma do *Youtube*. Possui 402 mil seguidores no *Instagram*. Em uma entrevista concedida em 2016 para o site da Revista Fórum<sup>13</sup>, ele relatou que se considera um ser humano livre de rótulos e diz:

A gente vive numa sociedade que tenta reprimir tudo que foge de seu padrão. Enfrento piadas machistas, homofóbicas, enfrento repressão, opressão. Tem sempre um idiota para falar que quer te comer. Mas quanto mais isso vai acontecendo, mais a gente vai driblando e se colocando ainda mais para que isso não faça mais sentido. Eu me imponho e acho importante que as pessoas se empoderem para conseguir acabar com esse preconceito escroto<sup>14</sup>.

A outra personalidade é o ator, empresário e ex-modelo transexual Thammy Miranda, que se define um homem transexual. Ele possui mais de 900 mil seguidores no *Instagram*. O artista ganhou notoriedade por ser filho da cantora Gretchen, contudo, conquistou seu próprio espaço na esfera artística e empresarial. Com 35 anos, casado com a atriz e *coach* Andressa

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2016/03/04/nem-homem-nem-mulher- apenas-liniker/>>.

<sup>14</sup> MARTINS, Felipe. *Nem homem, nem mulher, apenas Liniker*. Revista Fórum.

Ferreira Miranda, costuma publicar fotos do seu dia a dia regularmente, ainda que a presença de comentários polêmicos e preconceituosos sejam frequentes.

Em uma entrevista ao site da Revista Fórum feita em 2015, ele relatou o que é ser um homem transexual em uma sociedade preconceituosa<sup>15</sup>:

As agressões que eu sofro são: ‘Mas você não vai ter um pinto nunca, nunca vai ser homem’. Para as pessoas, ser homem é ter um pau, da mesma forma que as pessoas chamam de ‘cara’ as (mulheres) transexuais que não fizeram a operação (de redesignação sexual, a mudança de sexo). Devemos brigar para que sejamos definidos como trans, porque eu me nego a me resumir a uma genitália. Eu sou homem, mas um homem trans, no sentido de hombridade, de me sentir como um, não por causa de um órgão genital. Argumenta<sup>16</sup>.

A terceira personagem deste trabalho a ser analisada é a modelo internacional e estilista transexual Lea T, a primeira transexual com destaque na cerimônia de abertura das Olimpíadas Rio 2016, considerado marco histórico. Ela possui mais de 100 mil seguidores no *Instagram*. No site da BBC Brasil<sup>17</sup>, em 2016, ela falou de levantar a bandeira sobre a transexualidade:

Eu, como qualquer outra transexual, levanto uma bandeira. Falo da transexualidade porque faz parte da minha história, mas sou apenas mais uma integrante desta comunidade, sou mais uma. Sei que sou privilegiada por ter a mídia que me ouve, mas cada transexual em sua luta cotidiana tem igual importância para os LGBTs<sup>18</sup>.

É possível verificar que a imagem fotográfica no *Instagram* funciona como elemento de mediação nas relações entre transexuais e a sociedade, que são estabelecidas nesse ambiente virtual. Na sociedade midiaticizada, as novas formas de relacionamentos provocam transformações na mídia, ao fortalecerem a presença de temas antes marginalizados.

Pela utilização desses aplicativos, o acesso a outros perfis se dá de forma rápida devido às configurações de interação. Dessa forma, busca-se compreender como as relações são estabelecidas entre a imagem fotográfica, o *Instagram* e a transexualidade.

Esse espaço virtual contribui para que as experiências e as interações no aplicativo possam promover visibilidade em relação ao outro, pois a fotografia é uma forma de

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/thammy-miranda-me-defino-como-homem-trans/>>.

<sup>16</sup> Thammy Miranda: “Me defino como homem trans”. Redação, Revista Forum.

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36912561>>.

<sup>18</sup> PUFF, Jefferson. *Lea T, a transexual que vai fazer história na abertura da Olimpíada*. BBC Brasil.

comunicação que mostra e relata as experiências de vida dos indivíduos. Com isso, além de permitir a afirmação de identidade e o fortalecimento da autoestima, a imagem que circula na *web* ajuda a superar barreiras e preconceitos, além de promover percepções de alteridade e reconhecimento da diversidade.

Publicado em 28 de junho, o Provimento n.73/2018<sup>19</sup> do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), dispõe averbação da alteração do prenome e do gênero, nas certidões de nascimento ou casamento de transgênero. É realizada em cartório sem precisar comprovar cirurgias, autorização judicial, laudos psicológicos e terapia hormonal. Para isso, são necessários os documentos pessoais, somente o comprovante de endereço e certidões negativas criminais. De certa forma, essas conquistas sociais refletem o aumento da visibilidade de pessoas trans, que tiveram nas mídias sociais um importante espaço de mediação.

Nas publicações abaixo, feitas pelo Thammy Miranda, pel@ Liniker e pela Lea T, podemos acompanhar como a imagem divulgada no *Instagram* estabelece uma mediação relevante entre eles e seus seguidores, pois utilizam da fotografia para expressar suas indagações.

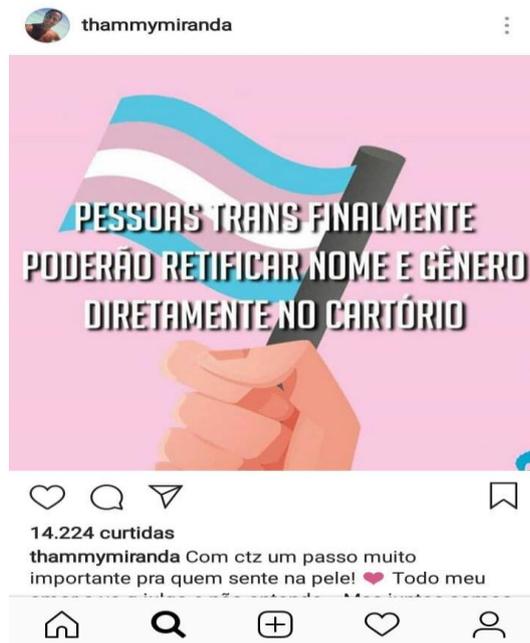
Na imagem (figura 1) postada no dia 4 de março de 2018, por exemplo, notamos que os números de curtidas e de comentários mostraram a repercussão de tal postagem, sendo o número de curtidas 14.224 e comentários 344.

No caso postado por Liniker em 8 de abril de 2018, a imagem (figura 2), alcançou 27.865 curtidas e 691 comentários. Já na imagem (figura 3), postada pela Lea T no dia 24 de maio de 2018, foram 16.278 curtidas e 592 comentários.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.recivil.com.br/noticias/noticias/view/provimento-n-73-do-cnj-regulamenta-a-alteracao-de-nome-e-sexo-no-registro-civil.html>.

**Figura 1 - Print Screen da página de Thammy Miranda**



Fonte: Instagram (2018)

**Figura 2 - Print Screen da página de Linike**



Fonte: Instagram (2018)

**Figura 3 - Print Screen da página de LeaT**



Fonte: Instagram (2018)

Esses números ilustram a mediação construída pelo meio e em relação às imagens, pois as formas de participação dos usuários são estabelecidas por esse processo. Encontramos nas três imagens postadas momentos diferentes, mas com propósitos parecidos, como a transmissão de informação que contém em cada uma delas faz gerar ou criar assuntos que se relacionam aos aspectos da vida social dos indivíduos.

Tanto na imagem postada por Tammy Miranda, quanto na de Lea T, encontramos uma ilustração tipografada com mensagens em linguagem verbal: “pessoas trans finalmente poderão retificar nome e gênero diretamente no cartório” e “PUTA - adjetivo usado pela sociedade p descrever a mulher q tem atitudes iguais às de qualquer homem padrão”. Essas mensagens podem ser analisadas por pessoas com diferentes opiniões e gerar um processo dinâmico.

A imagem reproduzida pelo @ Liniker envolve uma questão política que também pode gerar opiniões divergentes. Então, que o processo de divulgação de ideias por meio de imagens parte do contexto social, cultural e visão de mundo de quem produz e circula a mensagem. Com relação a quem a recebe, torna-se responsável por dar sentido à imagem no processo de interpretação. Assim, a ação do indivíduo no *Instagram* não é apenas publicar fotos, mas trazer experiência de participação na sociedade mediada pela imagem.

Em meio a esse cenário, procura-se dimensionar o envolvimento que os usuários do *Instagram* tiveram em relação às imagens apresentadas pelo Tammy Miranda, pelo @ Liniker

e pela Lea T, mostrando que a mediação pelas fotos se deu pelos números de curtidas e comentários. As três imagens juntas (figura 1, 2 e 3) tinham na data 10 de julho de 2018 um total de 58.367 curtidas e 1.627 comentários. Nesse ambiente, as pessoas usam as redes sociais com diversas finalidades, nesse caso, como ação política e de luta (ativismo e militância), o que permite visibilidade à temática da transexualidade diante das imagens publicadas.

Contribuir para que as pessoas trans tenham voz, uma vez que vivem à margem da sociedade, tendo seus direitos muitas vezes negados. O *Instagram* é apenas um dos veículos que podem informar e dar espaço para essas pessoas.

De acordo com Raquel Recuero (2012, p. 3), em seu artigo *A Conversação como Apropriação na Comunicação Mediada pelo Computador*, à comunicação pela internet é influenciada pelas tecnologias e é um produto social. Sabe-se que as relações sociais ocorrem nesse ambiente ou é propiciada por ele, devido ao efeito que são estabelecidos pelos usuários.

Embora o objetivo central deste trabalho não seja analisar as técnicas fotográficas ou até mesmo promover de forma aprofundada uma discussão sobre gênero, almeja-se compreender como a imagem fotográfica se relaciona à transexualidade, vinculada às novas tecnologias na sociedade contemporânea. A rede social em questão demonstra-se um recurso de produção de sentidos e de reconhecimento.

Como afirma Eliseo Verón (2004, p. 69), “os discursos sociais são sempre produzidos (e recebidos) dentro de uma rede extremamente complexa de interdeterminações”. De forma que, para ele, “a noção de relações interdiscursivas é essencial em todos os níveis do funcionamento do sistema produtivo do sentido. Tanto entre as condições de produção quanto entre as de reconhecimento de um discurso, há outros discursos”.

### **4.3 A Linguagem Fotográfica**

Segundo Susan Sontag (1977, p. 16), a imagem fotográfica não é praticada como arte, é algo que está ligado a um rito social, uma forma de se proteger contra a ansiedade, a um instrumento de poder. As fotos oferecem provas, documentam e são um tipo de aparato para mostrar a realidade que o indivíduo quer transmitir.

Sob a ótica de José de Souza Martins (2008), a imagem fotográfica não é somente um documento ilustrativo que pode confirmar dado, também não é apenas uma ferramenta de subsídio para uma pesquisa. O estudioso afirma que, levando-se em consideração a sociologia

da imagem, essa vista como elemento e construtivo da contemporaneidade e, assim, configura-se como objeto e também como sujeito.

Assim sendo, a imagem fotográfica contribui para disseminar uso de informações para os indivíduos na sociedade conforme seus interesses. Portanto, a imagem é capaz de representar, expressar e registrar a realidade. Sendo que a fotografia não representa exclusivamente um retrato fiel da realidade, ela captura e registra o momento das realidades possíveis que os indivíduos anseiam transmitir.

Cabe aqui trazer os estudos de Ivan Lima (1988), em sua obra *A fotografia é a sua linguagem*, já que apresenta que a leitura de uma fotografia ocorre conforme os componentes existentes na imagem. O autor afirma que essa leitura imagética como leitura textual, sendo seus componentes a estrutura geométrica e perceptual.

A estrutura geométrica é uma estrutura estática, simétrica, onde há proporções: um lado deve corresponder ao outro, em uma cima e em baixo. A estrutura perceptual é uma estrutura dinâmica uma descrição anatômica e particularizada, orgânica – e assimétrica, não geométrica. O que vale aí são os valores visuais sentidos pelo homem através da visão, da forma. Poderíamos dizer biológicas (LIMA, 1988, p. 20).

Essas duas estruturas, geométricas e estáticas, fazem com que percebamos as diferenças presentes na imagem fotográfica, qualificando a expressão da linguagem e da leitura contida nela, formando um conjunto das formas expressivas.

Para exemplificar, vejamos três publicações feitas no *Instagram* pel@ Liniker, no dia 23 de abril de 2017; pela Lea T, no dia 8 de abril de 2017; e outra, postada pelo Thammy Miranda, no dia 28 de maio de 2017, (figura 4,5 e 6).

**Figura 4 - Print Screen da página de Liniker**



Fonte: Instagram (2018)

**Figura 5 - Print Screen da página de Thammy Miranda**



Fonte: Instagram (2018)

**Figura 6 - Print Screen da página de Lea T**



**Fonte:** Instagram (2018)

Essas imagens apresentam uma forma de expressão visual, pois, de acordo com Lima (1988, p. 21), a combinação dessas estruturas, “contrapostas, que se sustentam mutuamente e a expressão visual para nós é imbuída de vida e de expressividade porque expressa exatamente a nossa estrutura”. Não estamos considerando apenas a técnica da fotografia como resultado, mas o ato de expressar e transmitir a própria imagem, algo que devido à popularidade dos aparelhos tecnológicos, como *smartphones* e seus aplicativos, tornaram comum o autorretrato.

As imagens publicadas pelo @ Liniker, pelo Thammy Miranda e pela Lea T na rede social representam um processo que podemos refletir com base nos estudos de Sontag (1977) que relata que, deixar ser fotografado ou se fotografar, é uma visão inteiramente dinâmica e assimétrica. Essa ação é capaz de democratizar as experiências ao traduzi-las em imagem, pois ao tirar ou produzir uma fotografia, constrói-se uma crônica visual de si mesmo e, ao publicar essa imagem no *Instagram*, por exemplo, dá-se aparência de participação.

Observemos ainda as imagens acima postadas pelo @ Liniker, pelo Thammy Miranda e pela Lea T. (figura 4, 5 e 6). Na imagem postada pelo @ Liniker as duas estruturas (geométrica e perceptual), citadas por Lima (1988), adquirem caráter de realidade na sua expressão e os sentidos visuais se fazem nas diferenças presentes na imagem, como um lado mais refletido

que outro devido à claridade. O fundo da imagem é composto por dois lados diferentes: de um lado do ombro aparece um pedaço da manga da blusa e, do outro, não. Lima (1988), ainda destaca que nosso olhar é uma coisa dinâmica e assimétrica, por mais que sua técnica seja limitada e distorcida.

Na imagem publicada pelo Thammy Miranda, também observamos as duas estruturas ao considerar seu autorretrato e os componentes existentes na imagem ao se expor. É na sociedade atual o autorretrato, conhecido em inglês como *selfie*, popularizou-se e faz parte de uma influência que é exercida nas redes sociais. A produção da foto feita pelo Thammy o mostra deitado com ênfase a sua expressão facial, produz uma realidade construída por ele.

Na imagem feita pela Lea T, ela faz um autorretrato de corpo inteiro em frente a um espelho, mas encontra-se sentada em cima de uma perna e expõe momento de sua vida íntima, aparentemente na sua casa, mostra aspectos reais do seu dia a dia. Essas exposições influenciam os seus seguidores pelo processo de identificação, ditando moda, comportamentos e maneiras de agir. Lima (1988, p. 21) afirma que “isso é a maneira pelo qual uma vivência dinâmica pode ser transportada para uma imagem fixa na sua plenitude”.

Pensando nessas três imagens postadas no *Instagram*, as interpretações estão relacionadas com a vivência que eles estão inseridos, ganhando um novo espaço para expressar suas experiências, exibir, competir interpretar papéis e isso pode se dar através da imagem. Nesse sentido, a fotografia é uma expressão de um mundo imaginário a partir de um mundo real fixado que prova a existência, modifica tempo e espaço e que vivência o mundo pela visibilidade na sociedade moderna.

A relação existente entre o indivíduo e a fotografia “passou a ter uma nova função social quando transformou em imagem o que a sociedade vivia, registrando a vida na lembrança do acontecimento. O ato de fotografar tornou-se obrigatório em todos os momentos da vida” (MAYA, 2008, p.115).

Na sociedade contemporânea, a fotografia tornou-se comum na prática dos indivíduos, sendo muitas vezes resultado da construção de suas ações e expressões. Com a revolução tecnológica, ela torna-se acessível e sua disseminação junto com aparelhos à mão e conectados em rede, fazem esses usuários verdadeiros produtores e reprodutores de imagens.

O uso da fotografia está relacionado ao próprio conhecimento cultural na qual o indivíduo está inserido, por isso, ao se fotografar ou ser fotografado, produz um olhar relacionado à cultura. Para Sontag (1977, p. 34), criou-se uma dependência e vício de imagem entre os indivíduos, um consumismo estético na sociedade moderna. Esse fator gerou uma compulsão por fotografar, “um pungente anseio de beleza, de um propósito para sondar

abaixo da superfície, de uma redenção e celebração do corpo do mundo – todos esses elementos do sentimento erótico são afirmados no prazer que temos com as fotos”.

Por conseguinte, a fotografia faz parte das práticas dos indivíduos, tornando a imagem como manifestação da linguagem visual.

Segundo Lima (1988), a leitura de uma fotografia é composta por três fases: a percepção, a identificação e a interpretação.

A percepção é puramente ótica: os olhos percebem as formas e as tonalidades dominantes sem as identificar. Ela é igualmente muito rápida e não ultrapassa cerca de meio segundo, sendo que o hábito da televisão reduz ainda mais essa duração, sobretudo nas crianças. A leitura de identificação é a ação, às vezes ótica, às vezes mental, como a leitura de um texto. O leitor identifica os componentes da imagem e registra mentalmente o seu conteúdo. A terceira fase, que é a interpretação, é uma ação puramente mental. É nesse estado que se manifesta o caráter polissêmico da fotografia. Quando os leitores fazem parte do mesmo meio sociocultural, tendem a fazer a mesma leitura de identificação, mas cada um interpreta da sua forma, em função da idade, de seu sexo, de sua profissão e de sua ideologia. Evidentemente é esse caráter muito individual de interpretação que torna difícil o uso da fotografia como meio de informação e de formação, na medida em que ela não é completa sozinha (LIMA, 1988, p. 22).

Diante dos apontamentos de Lima (1988), a fotografia provoca diversas leituras e reações emotivas. Podemos observar essas questões nas demais imagens (figura 7, 8 e 9), postadas por Thammy Miranda, Liniker e Lea T.

A seguir, observa-se que há uma predominância de valor informativo que pode ser interpretado sobre a estética, tendo ela um caráter direto com o visível. Com base na percepção, identificação e interpretação, o processo analítico da imagem produz a mensagem de acordo com a forma que esse leitor entenderá os códigos.

**Figura 7 - Print Screen da página de Thammy Miranda**



Fonte: **Instagram** (2018)

**Figura 8 - Print Screen da página de Liniker**



Fonte: **Instagram** (2018)

**Figura 9 - Print Screen da página de Lea T**



**Fonte:** Instagram (2018)

Nas imagens acima (figura 7), podemos utilizar os conceitos elencados por Lima (1985). Primeiro, ao observar a fotografia do Thammy Miranda (figura 7), temos a percepção, a composição da imagem posada e, assim, identificamos duas pessoas seminuas. Uma pessoa sobrepõe-se a outra, em uma não identificou seu rosto devido à sua posição registrada de costas e tapando parte do corpo do Thammy, pode relacionar a uma conotação sexual ou um nu artístico, pois os corpos nus induzem interpretações que exploram toda uma expressão que é composta na imagem. De acordo com Lima (1988), destaca-se que a interpretação faz parte do meio sociocultural e é uma ação puramente mental, pois relacionamos a interpretação com o nosso próprio conhecimento.

Na imagem postada pelo@ Liniker (figura 8), el@ aparece deitada fazendo pose, na qual destaca a vestimenta com bastante brilho, um cabelo *blackpower* com brincos grandes e está maquiad@. Nessa descrição, passamos pelas percepções da foto e pela leitura, a interpretação pode ocorrer nas suas roupas, que não segue aquilo determinado pela sociedade, em que rotulam que mulheres se vestem de uma forma e homens de outra. Liniker quebra esse rótulo, pois, el@ vai contra aquilo que a sociedade julga ser natural. Essa imagem pode trazer

uma reflexão do papel do indivíduo na sociedade, uma vez que seu reconhecimento também ocorre pela representação visual.

Na imagem postada pela Lea T (figura 9), ela foi fotografada fazendo uma pose em frente a uma parede que corresponde às cores da bandeira LGBTQs. Ao ler a foto, podemos construir um imaginário de uma pessoa feliz, representando dentro de suas características. Essa fotografia registra momento específico dela, que podemos interpretar uma lógica na qual passa uma ideia de pertencimento desse movimento social. Segundo Sontag (1977), o hábito de fotografar e ser fotografado tornou-se uma prática, pois a fotografia digital facilitou, além dos recursos cada vez mais acessíveis.

Com isso, abre-se a possibilidade para debater a temática de gênero e de sexualidade. Ao ler essas imagens e tendo conhecimento da existência de Thammy Miranda, Liniker e Lea T, a linguagem fotográfica possibilita refletir sobre os critérios de interpretação e informação, já que a composição da imagem se dá por diversos elementos.

O criador de imagem pode, de certa forma, dominar o descrito, mas para o leitor fica o domínio do sugestivo. É o grau de sugestão da foto que distingue, fundamentalmente, a linguagem icônica da linguística. Desde que se mostre o objeto o mais insignificante, a situação a mais banal, o indivíduo o mais comum, o espírito do leitor faz imediatamente apelo a todas as formas de noções abstratas, a emoções e a julgamentos que vêm de superpor aos elementos visualmente perceptíveis. A fotografia é assim a mídia que estimula melhor a comunicação e reflexão, sendo muitas vezes mais agressiva e mais realista que as outras formas de expressão usadas hoje (LIMA, 1985, p. 23).

A imagem visual é um dos caminhos mais consumidos para demonstrar novas maneiras de percepções. Assim, a interpretação da imagem fotográfica é causada pela maneira que construímos a informação visual. Para Lima (1988), a legenda é um instrumento que compõe a fotografia, mesmo não sendo utilizada pelo produtor da imagem e, com isso, induz o indivíduo em sua leitura e interpretação visual. Isso ocorre uma vez que a leitura de imagem causa reações espontâneas de maneiras variadas do que em uma leitura textual.

Dessa forma, a legenda contém um valor informativo sobre o estético. Para exemplificar a teoria de Lima (1988), podemos pensar nas imagens no *Instagram*, na qual um número considerável dos usuários busca colocar legenda como maneira de complementar a leitura da imagem (figuras 10, 11e 12).

**Figura 10 - Print Screen da página de Lea T**



**Fonte:** Instagram (2018)

**Figura 11 - Print Screen da página de Thammy Miranda**



**Fonte:** Instagram (2018)

**Figura 12 - Print Screen da página de Liniker**



**Fonte:** Instagram (2018)

Consideremos a (figura 10) da modelo Lea T, no dia 31 de março de 2018. À luz dos estudos de Barthes (2005), podemos observar o centro, além dos contornos, e a presença do foco na personalidade com a natureza ao fundo, o que não deixam de ser informações para construir a mensagem. Esse método proposto pelo autor em que a foto é um objeto com autonomia e estrutura e que pode dialogar com outras estruturas, no caso a legenda, exemplificam essa comunicação intertextual.

Assim, de acordo com Barthes (2005), podemos encontrar nessa imagem duas informações: a imagem em si e a legenda. Essas duas estruturas diferentes, na qual uma é linguística, não podem se misturar porque uma é formada por palavras e a outra por superfície, tonalidades e linhas. Quando ocorre o esgotamento dos estudos das estruturas, é possível compreender a forma que elas se complementam. Ao observar a imagem de maneira superficial, vê-se em sua composição feita na natureza, na qual ela se encontra sem roupa na parte de cima e abraçada ao tronco de árvore. Se considerar apenas para imagem, não relacionamos diretamente à legenda, que traz a seguinte fala de Lea T:

*Sim eu sou uma mulher trans e com muito orgulho! Vou levantar essa bandeira até a morte! Sou feliz me amo e respeito o próximo, mas o mais importante eu amo vc!!!! Aprenda a nos amar também, aprenda amar tudo e*

*todos. Ame sua vida, não perca tempo. Uma vida com amor é uma vida feliz!!! A todos os meus irmãos transgêneros quero dizer que estamos juntos e que cada um de vc está em minhas orações.*

Seu corpo é um ato de resistência. Pensando no tratamento que as pessoas transexuais têm na sociedade, a fotografia traz informação em relação ao corpo e a legenda busca dar sentido a esse corpo que está em exposição. Como aponta Lima (1988, p. 31), a legenda é parte da fotografia e “sempre colocada fora do espaço da imagem, funciona como mediadora entre a realidade vivida pelo fotógrafo e a imagem posteriormente vista pelo receptor”. Isso considera que a legenda pode ser composta por três formas diferentes, a oral nos álbuns fotográficos e fotografias domésticas; a escrita, revistas, blogs, jornais; e implícita quando é entendida pela própria imagem.

Na imagem do Thammy Miranda (figura 11), postada no dia 22 de maio de 2018, encontra-se outra narrativa que se relaciona à legenda. Constrói uma imagem sabendo o propósito, mas o interlocutor o interpreta de acordo com suas percepções e a legenda faz parte na formação dessa interpretação.

Essa imagem (figura 11) é um registro de um momento da sua vida que ele utiliza como mediador para fazer propaganda como exposta na legenda:

*Uma barba dessas bicho!  
Coisa boa a gente indica MESMO! Não deixo de tomar minhas vitaminas e suplementos da @unicpharma  
Com meu cupom de desconto #TM10 você consegue adquirir todos os produtos com 10% de desconto. Me marquem nas publicações, quero ver todo mundo na vida fitness! @unicpharma  
BORA TIME!*

Em decorrência de sua popularidade, o *Instagram* tornou-se uma vitrine para a publicidade, com isso as funções nesse aplicativo são diversas. Assim, a linguagem construída nessa postagem do Thammy Miranda é de oferecer o produto, tornando a sua imagem também um produto. Essa interpretação ocorre devido à legenda ao afirmar que com o cupom que ele disponibiliza ganha desconto no produto, tornando a imagem no *Instagram* um meio de *marketing*. Verifica-se que as estratégias das empresas nesse ambiente é a de permitir uma aproximação com os consumidores. Frente a isso, Thammy Miranda relaciona a construção estética corporal com a legenda, iniciando sua fala “*Uma barba dessas bicho!*”, dando relevância também às transformações de seu corpo com uma linguagem contemporânea ao meio. Com isso, cria-se uma aproximação a um dos preceitos do estudo *queer*, ao afirmar que o corpo não é algo terminado, que ele é mutante e mutável.

Na imagem (figura 12) publicada pelo Liniker, no dia 9 de maio de 2018, a sua relação com a legenda é de forma curta. Consta o cenário de uma foto posada trazendo ela vestida uma camiseta com a imagem de duas travestis negras, uma é a Linn Quebrada e a outra é a Ju, ambas são cantoras que fazem uso constante das redes sociais. A camiseta possui a seguinte legenda “*Elas vêm de bando*”. Para compreender essa relação da imagem com a legenda, apoia-se um olhar na teoria *queer*, que implica em rompimento de uma lógica binária e a percepção da sexualidade sobre si mesma.

Os estudos *queer*, feitos por Butler (2003), apontam que os gêneros são operacionalizados por múltiplos saberes e são produzidos nos corpos homens-mulheres, possibilitando viverem diversas formas de prazeres e desejos. Assim, na imagem postada no Instagram do Liniker (figura 12), é possível notar a expressão vinculada a uma interpretação pautada em gênero e sexualidade e ao relacionarmos com a legenda, os elementos são desconstruídos dos papéis tradicionais e deterministas do ser em sociedade. Reconfigura-se, portanto, a partir de experiências da performance e de gênero. Outra questão que é possível observar na imagem é a das personagens negras que fazem parte do cenário que a foto foi produzida, garantindo uma visibilidade que envolve o reconhecimento dos gêneros e da sexualidade. Em síntese, há a afirmação de identidade em busca de reconhecimento.

Considerando o que fora abordado até o presente momento, verifica-se que a imagem fotográfica produz sentido, desde sua técnica até sua relação com os indivíduos e ambiente, quando o assunto é o processo de autorrepresentação. Vale trazer ao presente trabalho a discussão feita por Walter Benjamin (1985) sobre a imagem fotográfica, destacada por ele como um importante recurso que tem retratado a família, de forma a reforçar tradições, tornando a fotografia algo simbólico e inerente à construção e à história familiar. Dessa forma, a fotografia poder ser tomada como mídia que reflete as atividades sociais e suas relações, mesmo que a instituição familiar sofra alterações no decorrer do tempo.

Anteriormente, a imagem social já saía do imaginário através das artes. Indivíduos e famílias eram retratados através da pintura, por exemplo. Com o passar do tempo foram desenvolvidos recursos para a reprodução técnica da imagem que se desenvolveu ao longo da história.

Com a invenção da fotografia, houve mudança na forma de retratar os indivíduos tanto pela instantaneidade quanto pela fidelidade imagética. Ainda segundo Benjamin (1985), pela novidade e transformações, a primeira década da invenção fotográfica foi a mais encantadora, pois transmitia riqueza de detalhes e também novas sensações que impressionavam aqueles acostumados com antiga reprodução de imagens através da arte.

Assim sendo, a representação simbólica dos indivíduos e das famílias, já existente na era da pintura, foi reforçada ainda mais com o meio fotográfico, tornando a fotografia algo essencial para o capital cultural. Nessa perspectiva, Bourdieu (1996) explica que o espaço social é multidimensional, pois engloba os capitais cultural, econômico e simbólico. O capital cultural estrutura o espaço social como escola e a família; o capital econômico se refere a bens materiais, à riqueza; o capital social é um conjunto de relações que os indivíduos criam e que determinam seu espaço social; o capital simbólico corresponde aos elementos que trazem reconhecimento na sociedade, status e prestígio, que funcionam como papel estruturador.

Nesse sentido, ressalta-se que o uso da fotografia possui funções sociais para que se possa registrar, marcar os acontecimentos e os ritos sociais. Com o desenvolvimento tecnológico, aumenta a possibilidade para que os indivíduos produzam narrativas sobre o meio social e sobre si mesmos. Narrativas possibilitam visibilidade às pessoas e causas sociais, quando a imagem é veiculada nas redes sociais e aplicativos de telefones celulares. Dessa forma, a imagem fotográfica é um instrumento para que se possa guardar memórias e divulgar ideias, configurando-se em um importante recurso que impulsiona as práticas sociais, pois seu uso é construído culturalmente (BOURDIEU, 1996).

A imagem fotográfica carrega consigo sua própria linguagem, que se alarga nesses tempos de computação gráfica e softwares de edição. Registro da realidade, carregada de uma interpretação de quem fotografa e ganha novos contornos quando é manipulada e recriada em plataformas digitais, no que se tem chamado de mobigrafia (fotografia com celular), movimento tão difundido no *Instagram*. Para Gabriel Bauret (1992), o campo da fotografia se diversifica devido aos novos acessórios ópticos e ao seu desenvolvimento e aperfeiçoamento. Assim, com o decorrer dos anos, a imagem fotográfica ganhou novas proporções e significados, com um meio de levar informações e, inclusive, de manipulá-las.

#### **4.4 Uma Análise da (In)visibilidade Trans no *Instagram***

Como apresentado, uma das principais características da sociedade pós-moderna é o desenvolvimento das mídias sociais em rede que vêm promovendo modificações nas noções de tempo e de espaço. Essas mudanças ampliadas pela internet geram um sistema importante de informação e interação na sociedade. Para Thompson (2008, p.15), com esse desenvolvimento, o campo de interação é mediado por imagens, vídeos, textos e com a repercussão acarreta visibilidade e as relações tomam caminhos imprevisíveis.

Nas reflexões proposta por John Thompson (2008, p.16), pode parecer óbvio, mas vale registrar que ter visibilidade na sociedade é poder ser visto e isso é um problema para pessoas que vivem em “zonas opacas”, como denomina Milton Santos (1997, p. 261), aquelas que vivem às margens da sociedade. O invisível não pode (ou não merece) ser visto, é excluído da sociedade, dos meios de comunicação e dos espaços institucionais.

Com isso, pode-se inferir que um indivíduo torna-se visível na sociedade quando possui um reconhecimento social e pode usufruir com dignidade seus direitos. Um exemplo de visibilidade e invisibilidade são as pessoas transexuais, uma vez que essas não podem ocultar sua existência, devido à sua construção de identidade de gênero estar relacionada com seus corpos e, com isso, tornam-se visíveis e ao mesmo tempo invisíveis devido ao preconceito e à violência que sofrem por ser quem são.

Como apontam Chagas e Nascimento (2017), a invisibilidade trans resulta em um sistema de preconceito que exclui essas pessoas em diversas esferas da sociedade, como na educação, no trabalho, na saúde, nas políticas públicas que atendam suas demandas. Além disso, pouco se discute ou se escreve sobre essa população, deixando-a ficar à margem da sociedade, por não estar no padrão imposto pela sociedade.

É fácil vivenciar essa experiência da invisibilidade trans inclusive ao andar pelos postos de trabalho e notar quantas pessoas transexuais estão alocadas em postos de liderança ou certa projeção. Nos meios de comunicação, como a televisão e canais abertos, por exemplo, a quantidade de apresentadores, jornalistas, cantores trans que estão com música em evidência é insignificante.

No Brasil, a invisibilidade das pessoas trans é marcada por violência, motivada pela transfobia, sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. Segundo dados recentes, entre 2015 e 2017, foram assassinadas 25 pessoas trans, uma média de um assassinato a cada 44 dias. Estes crimes que envolvem transfobia são pouco detalhados e divulgados nos veículos de comunicação. A luta por direitos é uma realidade que essas pessoas vêm enfrentando e dar visibilidade para essa população é uma forma de fortalecer essa luta.

Os números de assassinatos publicados pelo site Grupo Gay da Bahia (2018) também mostram a vulnerabilidade e desamparo que as pessoas trans vivem. Viver em uma sociedade que condena e faça um ser invisível é muito difícil, pois são poucos os espaços que essas pessoas podem ocupar socialmente. Os corpos dos indivíduos sexualizados ou não são condicionados a uma perda de valor e, outros que se acham superiores devido a sua sexualidade, punem o próximo com ações violentas.

Dessa forma, Chagas e Nascimento (2017) apontam que compreender transexualidade é bastante divergente em várias regiões do mundo e isso interfere na visão dos indivíduos que não reconhecem seus corpos, influenciando de forma negativa suas relações. Na sociedade, as pessoas trans recebem pouco apoio e uma das alternativas que encontraram para ter sua voz ouvida diante da luta para conquista de seus direitos são as redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, meios na qual possam ser ouvidas e vistas. Mesmo não deixando de sofrer preconceito, esses veículos de comunicação têm se tornado uma alternativa para as pessoas trans.

Thompson (2008) apresenta que o mundo construiu novos meios de comunicação o que gera uma nova visibilidade mediada, tornando tudo mais visível e difícil de ser controlado. Na sociedade, a visibilidade mediada, as ações e os acontecimentos não são formas de controlar o conteúdo. Diante disso, podemos exemplificar como o aplicativo *Instagram*, ao publicar uma foto em um dado perfil, permite que muitos possam ter acesso a esse. Nesse contexto, o indivíduo perde o controle de quantas pessoas irão comentar, curtir, compartilhar, o que pode ser um aspecto tanto positivo quanto negativo.

Esse processo de não ter o controle quando se publica algo em uma rede social, quando o perfil da pessoa é aberto para que possam ter acesso, merece novas discussões. A imagem pode estar veiculada tanto para a informação como para a desinformação e cabe aqui analisar como ocorre o processo de visibilidade diante do sistema comunicacional.

A imagem (figura 13), que é uma publicação feita no *Instagram* pelo perfil do Thammy Miranda, no dia 8 de março de 2018, antes de sua transição de gênero, foi utilizada e repercutida no espaço comunicacional, como no site *Correio Brasiliense*<sup>20</sup>, do *Extra*<sup>21</sup> e do *Jornal de Brasília*<sup>22</sup>, o que ocasionou visibilidade. Nesse caso, para o Thammy Miranda e para a temática transexualidade houve ganhos, mesmo que não tenha sido esse o objetivo dos referidos veículos de mídia ao tratarem do tema.

No site *Brasiliense* (figura 14), ao reproduzir a imagem postada pelo Thammy Miranda, eles colocaram como manchete “Thammy Miranda posta foto como mulher e critica machistas em seu Instagram”, completando: “celebridade agradeceu ‘de coração’ os desejos de ‘Feliz Dia das Mulheres’ que recebeu nas redes sociais”. Durante a reportagem não houve

<sup>20</sup> Disponível em:

<[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/03/08/interna\\_diversao\\_arte,664854/thammy-gretchen-posta-foto-como-mulher-e-critica-machistas-em-seu-inst.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/03/08/interna_diversao_arte,664854/thammy-gretchen-posta-foto-como-mulher-e-critica-machistas-em-seu-inst.shtml)>.

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://extra.globo.com/famosos/thammy-miranda-publica-foto-antiga-no-dia-da-mulher-essa-ai-que-me-fez-homem-que-sou-22469740.html>>.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://www.jornaldebrasil.com.br/nahorah/em-desabafo-thammy-miranda-posta-foto-antiga-no-dia-da-mulher/>>.

uma explicação sobre transexualidade, o que é ser um homem transexual, ele apenas reproduz uma informação baseada no que foi publicado no *Instagram*.

No site *Extra*, a manchete era a seguinte: “Thammy Miranda publica foto antiga no dia da mulher: ‘Essa aí que me fez o homem que sou’”. Nesse site, eles falam que Thammy Miranda rebateu o deboche de alguns seguidores ao publicar sua foto antes de fazer a transição.

O site *Jornal de Brasília* traz a seguinte manchete: “Em desabafo, Thammy Miranda posta foto antiga no Dia da Mulher”. No site, relatam que Thammy Miranda foi alvo de preconceito nas redes sociais ao publicar uma foto antes de sua transição. Por fim, o site apenas faz uma matéria recordando o que estava no *Instagram* e finaliza com a quantidade de curtidas que a imagem tinha recebido até aquele momento, que era de 112 mil.

Esses três sites não abordaram a temática da transexualidade de forma esclarecedora para contribuir na fundamentação de ideias e opiniões, apenas apresentam um personagem trans conhecido pela mídia. Ao elaborar o discurso é necessário analisar a possibilidade para deter conhecimento. O gênero, nesse sentido, é visto a partir das relações do que é ser homem e mulher na sociedade. Na teoria *queer*, apresentada pela Butler (2003), ser *queer* é entender que o gênero é uma construção social, um conjunto de significados culturais que o corpo sexuado assume, desconstruindo aquela divisão entre sexo e gênero.

**Figura 13 - Print Screen de Thammy Miranda**



Fonte: Instagram (2018)

**Figura 14 - Coletânea de manchetes com diferentes narrativas sobre Thammy Miranda**



Fontes: Correio Brasiliense; Jornal Extra; Jornal de Brasília (2018)

Com aumento do uso das redes sociais, foi favorecida a construção de novos repertórios, que antes não tinham repercussão nos meios de comunicação de massa

tradicionais. Assim sendo, antes o repertório e informação eram extremamente controlados e limitados. Mesmo que na internet encontramos um campo em que a informação e a desinformação podem andar juntas, o indivíduo tem espaço para verificar e pesquisar sobre o assunto que está em pauta diante do sistema de conteúdo. Esses espaços comunicacionais aumentam as práticas que podem ou não favorecer a legitimidade do que está sendo circulado pela mídia.

Essa nova visibilidade apontada por Thompson (2008) está vinculada aos caminhos e aos avanços das mídias comunicacionais que modificaram as interações sociais dentro e fora desse espaço. As formas de agir e interagir são formadas por mediações como, por exemplo, ao publicar uma imagem, *gifs*, um vídeo, com propriedades distintas e específicas de acordo com o assunto que está em pauta, diferenciando as formas de interagir virtualmente.

De acordo com Martín-Barbero (1997), a comunicação encontrou proposta dentro desse espaço para oferecer modelo de informação e estética centrada em mensagens e códigos não somente ligados ao sentido, mas também a do poder. Com isso, os conflitos de interesse entre o que se busca produzir, acumular e disseminar informação criam problemas de desinformação e do controle que esse indivíduo obterá.

Para contribuir na compreensão de como é dada essa nova visibilidade mediada, podemos observar os perfis no *Instagram* (figura 15), em que cada perfil constrói um tipo de narrativa mediada pela imagem e obtém números de seguidores retratando e o cotidiano da vida de cada um. Thammy Miranda possui 986 mil seguidores, @ Liniker, possui 409 mil seguidores e a Lea T que possui 120 mil, são artistas de diferentes áreas que, ao observar as últimas fotos de cada perfil, podem-se encontrar três narrativas diferentes.

**Figura 15 - Print Screen das páginas de Instagram**



The image shows three Instagram profiles stacked vertically. Each profile includes a circular profile picture, a name with a verified badge, a category, contact information, and statistics for posts, followers, and following. Below the statistics are buttons for 'Enviar mensagem' and a dropdown menu.

Nome	Publicações	Seguidores	Seguindo
Thammy Miranda	2888	986k	946
Liniker	942	409k	1231
Lea T	1863	120k	1139

Fonte: Instagram (2018)

As mídias digitais fornecem aos indivíduos condições para criação de canais alternativos para se tornar visível, pois só os meios de comunicação de massa não dão espaço para todos. Quando nos referimos aos canais alternativos, são aqueles em que os indivíduos têm acesso mediante ao uso de aparelhos tecnológicos e internet. No *Instagram*, o aplicativo fornece aos seus usuários ferramentas as quais possam interagir e a imagem fotográfica possui caráter mediador dessa interação, proporcionando geração de conteúdo que o próprio usuário pretende abordar.

Martín-Barbero (1997, p.292) fala das mediações na televisão e que se relacionam às mídias digitais. Para o autor, “a única coisa que parece importar decisivamente para os produtores e ‘programadores’ das tecnologias de vídeos é a inovação tecnológica, enquanto o uso social daquelas potencialidades técnicas parece estar de fora de seu interesse”. A função comunicativa é tornar visíveis as mediações para a distribuição do que está sendo publicado, promovendo configurações e delimitações nas expressões que estão sendo expostas.

Ao utilizar as redes sociais, as interações vão além do espaço-temporal e o uso da imagem como mediação, transmissor de informação e conteúdo simbólico envolve a participação e circulação em rede. Braga (2012, p.35) destaca que, mesmo quando a questão comunicacional é fundamental para a sociedade, os processos sociais tomam iniciativas midiáticas. “Com a midiatização crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade”.

Braga (2012) aponta ainda que os novos meios de comunicação acarretaram modificações nas ações dos indivíduos, uma vez que, em uma sociedade midiatizada, o sentido à expressão do que está sendo publicado e a circulação está ligada entre o emissor e o receptor do conteúdo. Sendo assim, no *Instagram* o intuito é que, ao publicar uma fotografia, o seu reconhecimento ocorra através da estimulação de curtidas e compartilhamento, tornando visível cada vez mais, pois quanto maior forem esses números, maior será a sua visibilidade.

Nota-se nas três imagens abaixo (figura 16, 17 e 18) que o número de curtidas irá selecionar qual será a imagem mais visualizada, pois no *Instagram* a visualização é favorecida seguindo algoritmos que privilegiem esses números.

As postagens mais recentes do Thammy Miranda, d@ Liniker e da Lea T foram selecionadas. A primeira imagem (figura 16) foi publicada pelo Thammy Miranda no dia 7 de julho de 2018 e possui 24.597 mil curtidas. A imagem (figura 17), publicada pelo @ Liniker, no dia 9 de julho de 2018, possui 11.533 mil curtidas. Na publicação feita pela Lea T (figura 18), no dia 9 de julho de 2018, possui 1.061 curtidas.

**Figura 16 - Print Screen da página de Thammy Miranda**



**Figura 17 - Print Screen da página de Liniker**



**Figura 18 - Print Screen da página de Lea T**



**Fonte:** Instagram (2018)

Para Thompson (2008), a nova forma de visibilidade mediada não é tipicamente recíproca, pois o campo de visão do indivíduo tornou unidirecional, eles só podem ver sem ser capaz de serem vistos. Assim, ao publicar uma imagem no *Instagram*, o usuário não tem controle da visualização, pois nem todos irão curtir, compartilhar ou comentar a imagem. Na imagem (figura17), uma publicação feita por Liniker tem o número de curtidas, mas não possui um número de quantas pessoas visualizaram.

O desenvolvimento das mídias comunicacionais trouxe, desse modo, uma nova forma de visibilidade – ou, para ser mais preciso, novas formas de visibilidade cujas características específicas variam de um meio para outro – que se diferencia em aspectos essenciais da visibilidade situada da copresença (THOMPSON, 2008, p. 21).

Portanto, o processo de visualização no *Instagram* não é uma dimensão isolada. Ela carrega consigo as legendas que moldam aquilo que o indivíduo quer e pretende transmitir e também influenciam na sua interpretação. Pode-se observar que a imagem (figura 18), postada no *Instagram* pela modelo Lea T no dia 6 de maio de 2015, possui uma legenda para moldar ou construir uma ideia do que ela quer transmitir diante a imagem e, assim, estimular

as pessoas a curtirem, de forma a ganhar visibilidade. A escolha dessa imagem se dá pelo fato que a interpretação da imagem será construída com a legenda, como aponta Lima (1988), uma releitura da imagem pode possibilitar uma nova interpretação.

Nessa imagem (Figura 19), se olhar apenas para a fotografia em si, constata-se uma foto em que está de costa, olhando a natureza - não dá pra relacionar a um agradecimento presente na legenda. No texto que acompanha a imagem, lê-se: gratidão, com mãos em forma de *emotion* e duas *hashtag* #alto #peace - lembrando que no *Instagram* o uso da *hashtag* é um mecanismo para expandir a foto e ter maior número de visualizações e curtidas. É importante compreender como a legenda induz a uma nova interpretação diante da imagem.

**Figura 19 - Print Screen da página de Lea T**



**Fonte:** Instagram (2018)

Thompson (2008, p. 24) afirma que com a internet e as tecnologias digitais as novas formas de visibilidade aumentaram e tornaram complexas, pois aumentaram a produção e reprodução dos fluxos de conteúdo audiovisual nas redes de comunicação. Além do mais, tais ferramentas consentiram que os alcances dos números de conteúdos chegassem aos indivíduos, sendo que na internet é difícil obter um controle daquilo que está publicado. O autor destaca que “o desenvolvimento das mídias comunicacionais fez nascer assim um novo

tipo de visibilidade desespacializada que possibilitou uma forma íntima de apresentação pessoal, livre das amarras da copresença”.

Com as mídias digitais, nasceu um novo tipo de percepção, possibilitando uma forma íntima de apresentação. No *Instagram*, o usuário, além de postar a foto no seu perfil, pode fazer uso de ferramentas disponíveis que podem dar capacidade de falar diretamente com seus seguidores ao vivo, chamado na plataforma de *live*. Assim, Thompson (2008, p. 25) destaca que “a visibilidade mediada foi um presente para os adeptos da utilização da mídia para melhorar a imagem ou atingir seus objetivos”.

As redes sociais proporcionam visibilidade, pois criaram um campo complexo para circulação de imagens e de informações. Com isso, permitiram novas formas de emergir acontecimentos e como vão repercutir, os usuários tornam-se conhecidos e ganham poder.

No mundo atual, ter visibilidade é conquistar um tipo de poder, que pode influenciar opiniões, permitindo que poucos estejam visíveis para muitos, sendo os que detêm o poder estão sujeitos a um novo tipo de visibilidade. Essa capacidade sente necessidade de compartilhar um domínio comum que está ligado às interações (THOMPSON, 2008).

Dessa forma, a visibilidade reformulada nas redes sociais e o seu campo de atuação modificam conforme os interesses e as carreiras profissionais e, ao mesmo tempo, esse campo relaciona-se à experiência de vida do indivíduo.

Nas imagens abaixo (figura 20 e 21), publicadas, uma no dia 16 de agosto de 2014 e outra no dia 8 de janeiro de 2018, por Thammy Miranda, exemplificam a sua experiência de vida. Na figura 19, está em processo de modificação e a outra, (figura 20) com ele já modificado, após ter feito a mamoplastia masculinizadora. É possível notar outras mudanças e alterações no corpo, como nascimento de pelos e barbas.

O intuito dessas imagens é mostrar como a fotografia representa mudanças e mostrar como o uso desse perfil pode trazer informação sobre transexualidade, uma vez que as mudanças presentes na imagem podem gerar e influenciar opiniões das mais diversas. Para compreender essas mudanças, recorreremos aos estudos *queer*, em que o gênero é entendido como construção social. De acordo com a teoria, o gênero que uma pessoa se identifica não é determinado pela sua fisiologia, mas por filtros sociais que são feitos a partir das influências de padrões pré-determinados pela sociedade (ANDRE; CLITON; MARTINS, 2016).

**Figura 20 - Print Screen da página de Thammy Miranda**

Fonte: Instagram (2018)

**Figura 21 - Print Screen da página de Thammy Miranda**

Fonte: Instagram (2018)

A imagem publicada pelo Thammy Miranda cria diversas interpretações que não são possíveis de controlar, uma vez que as interpretações podem ser múltiplas. Embora ele possa estimular ou não a visibilidade da imagem, colocando legenda e direcionando o porquê da publicação, pode-se perceber que a transexualidade ganha espaço independentemente da conceituação individual de quem o acompanha.

Nesta perspectiva, a teoria *queer* levanta um questionamento sobre as mudanças políticas sexuais dos próprios indivíduos, destacando que é importante estabelecer uma relação de igualdade entre as pessoas. Assim, a teoria “adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘normal’, seja heterossexual ou homossexual”. Busca-se, assim, construir um olhar de estranhamento em sua forma de pensar (COLLING *apud* GAMSON, 2014, p.2).

Pensando na visibilidade das pessoas trans nos meios de comunicação, normalmente ampliava com vazamento de vídeos, imagens, informações relacionadas a alguém que tenha visibilidade midiática - isso vai para a categoria escândalo. Assim, a crítica de Butler (2003) parte de que, em uma sociedade pautada em conceitos heteronormativos, na qual existem dois sexos e dois gêneros (masculino e feminino), entende-se que o indivíduo tem seu gênero e sua sexualidade determinadas pelas normas de uma sociedade. Antes de a pessoa nascer, são impostos quais papéis eles serão desenvolvidos com um corpo preestabelecido.

A teoria *queer* “surgiu, pois, de uma aliança (às vezes incômoda) de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria de sujeito”. Dessa forma, é importante destacar que o termo *queer* anteriormente foi usado para inferiorizar as pessoas e sua resistência parte de um movimento contínuo e que não se preocupa com definições (SALIH, 2012, p.19).

O que deve estar claro é que ocorre um olhar de estranhamento, um movimento, uma releitura sobre as múltiplas facetas de ser do sujeito. “A teoria *queer* empreende uma investigação e uma desconstrução dessas categorias, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e ‘generificadas’”. Privilegiam-se, então, os estudos da teoria *queer*, inclusive ao considerar que foram importantes para dar respostas às reações violentas causadas por pessoas que associavam o vírus da AIDS aos gays na década de 1980 e 1990 (SALIH, 2012, p. 20).

Por conseguinte, as novas tecnologias têm dado espaço aos indivíduos, uma vez que podem as utilizar para mostrar seus comportamentos, opiniões, através das imagens. E isso, relacionadas às pessoas trans, pode ser um campo para que elas possam trazer informações ligadas a essa temática, como a postagem da Lea T, no dia 9 de julho de 2018.

Na imagem (Figura 22) com ela ao lado e uma frase “eu sabia que você existia”. Como uma mulher transexual, podemos relacionar sobre a existência das pessoas trans e refletir o quanto poderia ficar invisível se não fosse o acesso a esse veículo.

**Figura 22 - Print Screen da página de Lea T**



**Fonte:** Instagram (2018)

Na teoria *queer* há necessidade de que os indivíduos assumam suas identidades e desejo a fim de subverter uma ordem sexual preestabelecida, buscar questionar o que é homem ou mulher na sociedade.

A teoria apresenta que os corpos têm possibilidades para uma sexualidade múltipla e sua maneira de agir, (comportamento e desejos), estão além das normas impostas (MONTEIRO; ZÓIA, 2016).

Conquistar visibilidade pela mídia é conseguir um tipo de presença ou de reconhecimento no âmbito público que pode servir para chamar a atenção para a situação de uma pessoa ou para avançar a causa de alguém. Mas, da mesma forma, a incapacidade em conquistar a visibilidade através da mídia pode condenar uma pessoa à obscuridade – e, no pior dos casos, podem levar a um tipo de morte por desaparecimento (THOMPSON, 2008, p. 37).

Para Thompson (2008), na sociedade hodierna, a busca por visibilidade tem se tornado comum entre alguns indivíduos. A facilidade dos aparelhos digitais e o desenvolvimento das diversas mídias digitais criam um espaço complexo em que as informações escritas e visuais buscam atenção à medida que os usuários procuram ser vistos por outros. Tal fato leva ao medo do desaparecimento, como aponta o autor. Assim, a disputa ou a busca por visibilidade assume uma importância na contemporaneidade.

Essas representações são mais compreensíveis quando são representadas no campo das imagens, uma vez que a ideia da visibilidade está relacionada ao reconhecimento. No *Instagram*, para obter um maior número de visualização e expandir imagens para alcance de outros usuários, uma técnica utilizada é a *hashtag*. Notamos na imagem (Figura 23) que ao usar #liniker estabelece um direcionamento para todas as fotos que usaram essa *hashtag*. Foram publicadas 31,6 mil fotos usa essa *hashtag*, mesmo não relacionado apenas à imagem direta d@ Liniker.

**Figura 23 - Print Screen da busca pela #liniker**



Fonte: Instagram (2018)

Esse modelo de visibilidade está ligado às mediações culturais que o indivíduo faz ao usar a produção e o compartilhamento de imagens no *Instagram*, o que contribui para ganhar visibilidade. O uso da *hashtag*, além de ampliar o alcance de mais usuários, possibilita a reprodução de informação que o usuário quer transmitir.

A compreensão da relação entre os conceitos de mediações e midiatização é fundamental. Conforme Braga (2012, p. 42), “na sociedade em midiatização, já não se podem apreender os processos sociais segundo essa inclusão de um campo especial, através da cessão de mediações pelos outros campos ao campo mediático”. Sendo assim, a midiatização da sociedade é resultante da atuação dos meios, seja em relação aos acontecimentos das novas tecnologias ou dos espaços institucionais e profissionais.

Braga (2012) propõe ainda uma reflexão sobre as diversas maneiras de interagir nas redes sociais, pois as novas formas de interação mediada por imagens, vídeos, áudios, circulam com grande velocidade de forma instantânea a que muitos têm acesso. O intuito nesses espaços é que as interações tenham repercussões diante das publicações e acarretar visibilidade. Sendo assim, as imagens publicadas no *Instagram* refletem as percepções que os usuários estabelecem com suas práticas sociais e constituam sentindo diante de sua publicação.

A publicação feita por Thammy Miranda, no dia 10 de maio de 2018, , ilustra essa discussão (figura 24):

**Figura 24 - Print Screen da página de Thammy Miranda**



**Fonte:** Instagram (2018)

Neste contexto dual, o *Instagram* e a transexualidade se viabilizam, pois esse aplicativo é um espaço na qual há representatividade, sendo os usuários protagonistas da sua própria beleza e tem sua participação na construção de uma narrativa da experiência transexual. Embora muitos reforcem valores hegemônicos devido à formação de imaginários de ideias estereotipadas, o estudo *queer* compreende a necessidade de reconstrução da identidade do indivíduo e suas relações estruturantes. Com a finalidade de entender os impactos dos padrões dominantes de uma sociedade heteronormativa e como pensar o sujeito fora deles, evidencia-se um olhar nos deslocamentos identitários.

Dessa forma, a linguagem visual traz em si uma gama de informação que permite compreender os contextos que são estabelecidos no campo da comunicação. As publicações feitas pelos usuários no *Instagram* são repletas de valores e singularidade relacionados à vida desses usuários e que, por mais que sejam influenciados pelo ambiente social e coletivo, as imagens têm algum sentido aos seus olhos.

O ambiente virtual faz com que seus usuários reproduzam na imagem suas vivências sociais e momentos de vida. Podemos observar na imagem postada pelo @ Liniker, um momento de sua vida.

Por mais que as interpretações sejam múltiplas, a sua experiência de vida está sendo registrada e suas influências fazem parte desse processo. Na imagem (figura 25), postada no dia 10 de fevereiro, Liniker se utiliza de roupas e acessórios considerados femininos como: a saia, blusa, brincos, cria um impacto nos padrões dominantes.

**Figura 25 - Print Screen da página de Liniker**

**Fonte:** Instagram (2018)

É possível refletir sobre o determinismo do sexo e gênero, já que formam uma organização social do sexo a partir das interpretações de comportamento dos indivíduos. Assim, Butler (2003, p. 71) afirma que “se aceitamos que gênero é construído e que não está sob nenhuma forma, ‘natural’ ou inevitavelmente preso ao sexo, então a distinção entre sexo e gênero parecera cada vez mais instável”. Nesse sentido, a performatividade possibilita a reprodução uma quebra daquilo determinado por fatores culturais do que é ser homem ou mulher na sociedade heteronormativa.

A exposição de imagem potencializa uma mobilização dos usuários que ocorre de acordo com a participação e interação. Essa forma de interação e participação é diferente de outros meios de comunicação como, por exemplo, a televisão, já que nas redes sociais, proporcionam maior interatividade, pois são diversas funções em que ocorre a participação do indivíduo.

Considerando Gregolin (2007, p.23), somos submetidos à interpretação das narrativas midiáticas, pois os discursos podem ser apresentados na imagem que está sendo exposta e, assim, reconstrói e apresenta novas identidades. Ocorre, então, uma interação entre o emissor e o receptor, pois “os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente,

reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser”. Assim, os indivíduos criam novos sentidos e não deixam as identidades permanentes, mas sim produz fluidez.

Através dos estudos *queer*, o questionamento do que é ser mulher e homem na sociedade se dá a partir da construção de gênero, da concepção de que sexualidade é múltipla e é importante que ocorram as representações das variadas formas de comportamento. Com isso, a imagem caracteriza uma narrativa visual ao ser estruturada por meios de signos imagéticos, construídos numa lógica indutiva, o que faz com que sua compreensão seja construída através da estrutura contextual que a imagem processa.

Barthes (2005, p. 1) sustenta que a totalidade da informação é expressa por duas estruturas diferentes: “essas duas estruturas são convergentes, mas como suas unidades são heterogêneas, não podem se misturar; aqui (no texto) a substância da mensagem é constituída por palavras; ali (na fotografia), por linhas, superfícies, tonalidades”. A fotografia se articula com outras estruturas, pois ela não comparece isolada nas mídias. Ao se relacionar com um produto cultural ela proporciona uma representação do meio em que o indivíduo está, assim transmite informação e comunica-se com outros suportes.

**Figura 26 - Print Screen da página de Lea T**



Fonte: Instagram (2018)

Vejamos a imagem (figura 26) feita por Lea T e publicada em sua página no dia 27 de março de 2018. Levando em consideração os apontamentos de Barthes (2005, p.2), além do conteúdo analógico que é a cena, objeto e paisagem que forma o conjunto do material informativo, podemos nos atentar à mensagem suplementar que está no estilo da produção “e cujo significado, quer estético, quer ideológico, remete a uma certa cultura da sociedade que recebe a mensagem”.

Assim, atua em sua legalidade e visibilidade, estrutura planejada da imagem e, dependendo do interesse dos usuários, pode conquistar seguidores, curtidas, comentários e compartilhamento. Para Barthes (2005), a mensagem é evidente na produção fotográfica comportando uma mensagem conotada, a maneira de como dá, ler e como ela pensa, lidando com o signo da objetividade.

As relações estabelecidas no campo comunicacional atingem diversos segmentos, fazendo milhares de pessoas disputarem uma busca por visibilidade. Nessa disputa, as formas de apresentação e representação são múltiplas, pois chamar atenção é um foco nessa conquista de visibilidade.

Ao considerar a transexualidade e visibilidade na sociedade midiaticizada, compreende-se que esta é estigmatizada devido à violência e ao preconceito. Isso fica evidente quando se busca por notícias no *Google* sobre transexualidade e travesti, as questões que envolvem essas pessoas são apresentadas de maneira sensacionalista, hipersexualizada ou ligada à violência. Ao ocupar esses espaços midiáticos, mesmo que a proporção e as interpretações não sejam suficientes, abre-se o leque para compreender as narrativas de pessoas transexuais, que historicamente estiveram reprimidas e marginalizadas, em “zonas opacas” da vida social.

Destarte, baseia-se nos estudos *queer*, reflexões sobre as mudanças políticas sexuais dos próprios indivíduos devem ser constantes. A contribuição para que seja visível a importância da ação política e assumir um caráter libertador das lutas estabelecidas por militantes e apoiadores é fundamental. A pluralização dos debates e uma integração em uma sociedade múltipla são relevantes para uma reafirmação da identidade e às formas de representá-las (LOURO, 2001).

O corpo reflete o sexo e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisa esquisita (BENTO, 2008, p. 45).

Nos estudos *queer*, os suportes para seus estudos são “mecanismos históricos e culturais que produzem as identidades patologizadas, invertendo o foco de análise do indivíduo para as estruturas sociais” (BENTO, 2008, p.52). Nesse processo, as posições de gênero que são ocupadas nas estruturas sociais são entendidas como um sistema complexo que coloca diversas relações de poder em movimento, tornando possível criar um espaço de interferência e resistência na construção de novas narrativas.

Ao se veicular essa temática nos diferentes meios de comunicação constrói-se um caminho para que se reconheça a existência e atuação das pessoas transexuais, de forma que seja criado um ambiente de colaboração e respeito em relação ao outro, numa valorização da alteridade. Não podemos supervalorizar o *Instagram* como rede social capaz de desconstruir preconceitos e de oferecer conhecimento aos indivíduos, de forma idealizada.

Todavia, a veiculação do tema e a visibilidade das pessoas trans nas redes de comunicação e informação podem ajudar a desmitificar a questão e superar visões estereotipadas. A frequência do termo transexualidade nas redes sociais pode gerar apoio social e permitir que as pessoas trans possam ser vistas e reconhecidas como seres humanos iguais aos outros, capazes de desenvolver diferentes papéis na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da transexualidade tem sido tratada pelos meios de comunicação, em especial das redes sociais como o *Instagram*, confirmam a relevância da temática discutida nesta dissertação de mestrado.

Na atual sociedade, as pessoas trans ainda são marginalizadas, postas à margem, o que torna esses indivíduos, de certa maneira, invisíveis. Ao ocupar espaços nas redes de relacionamento existentes na sociedade interconectada atual essa minoria social encontra projeção e coloca em debate seus direitos e demandas. Mesmo que a rede seja um terreno aberto, são criados espaços que permitem o compartilhamento e afirmação de sua existência e maneira de ser.

Com os avanços tecnológicos da comunicação, em especial as redes sociais, os indivíduos trans encontram uma alternativa à sua limitada presença nos meios de comunicação de massa. A internet, conectada às redes sociais, torna-se um campo de atuação dos indivíduos e grupos sociais, o que possibilita deixar suas ações cada vez mais visíveis. O acesso a essas redes possibilita inclusões sociais, uma vez que qualquer pessoa pode ter acesso a elas.

Os seres humanos criam significado interagindo com ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informação. Para a sociedade em geral, a principal fonte de produção social de significado é o processo da comunicação socializada (CASTELLS, 2013, p. 15).

Os meios de comunicação são espaços importantes, pois podem ser usados como auxílio ao combate às intolerâncias, articulações, mobilizações, além de produtores de conteúdo para indivíduos e grupos sociais que antes não tinham espaço e nem visibilidade na estrutura social.

Como aponta Wilton Garcia, (2015, p. 27) a diversidade produz “pluralidade de vozes por inúmeras vertentes do pensamento contemporâneo, a integrar a estratificação de possibilidades enunciativas”. No contexto plural da sociedade interconectada, que permite interações sem a intermediação de instituições formais, como editoras e canais de rádio e televisão, as pessoas trans ganham repercussão e voz num ambiente de ampla divulgação de informações e de interatividade.

As teorias apresentadas neste trabalho mostraram as articulações das práticas de comunicação diante da construção de suas narrativas e as mediações comunicativas através da cultura em sociedade. Entender como a transexualidade e gênero são mostradas pela mídia diante dos dados e das estatísticas de violência que afetam essas pessoas são aspectos fundamentais a serem discutidos em pesquisas no campo da comunicação social.

Nesse sentido, este trabalho teouxte algumas discussões relativas à constituição dos grandes veículos de comunicação. Muitos deles são ligados a instituições religiosas e, assim, estigmatizam as pessoas LGBTQs como pecaminosas. Esse tipo de visão repercute nos meios tradicionais de comunicação, influenciam algumas pessoas e marginalizam outras.

Os meios de comunicação, seja através da música, do cinema, da linguagem jornalística, ou da fotografia, constroem um ambiente, difunde valores e, de certa forma, escreve a história do tempo presente. Dá-se lugar, assim, a uma multiplicidade de narrativas, numa aparente polifonia percebida nesses meios, mas que ainda mantém a ordem estabelecida e pouco espaço dá a segmentos minoritários. Faz-se necessário, então, pensar em novas formas de construção dos discursos e das relações e em como colaboram ao se relacionar com outras formas em prol de uma sociedade mais plural.

Os meios de comunicação estão presentes na vida dos indivíduos; seja na pesquisa, objeto de trabalho, nas práticas sociais, experiências de vida, interações; tornando-se uma forma de facilitar e compreender as recepções ou transmissões de mensagem. Além disso, permitem visibilidade às pautas e também mostrar as violências simbólicas como, por exemplo, no *Instagram*, com comentários preconceituosos que os indivíduos sofrem.

A sociedade midiaticizada é decorrente do desenvolvimento das tecnologias e com isso desperta nos indivíduos o desejo de se tornarem visíveis diante das possibilidades das mídias interconectadas em rede. Braga (2012) apresenta que, na sociedade midiaticizada, as novas tecnologias geram no indivíduo uma necessidade de consumir e interagir com os produtos. Assim como acontece no *Instagram*, na qual as relações que os usuários têm com essa rede social são de produzir e reproduzir imagens e sentidos, afetos e reconhecimentos.

Jenkins (2009) chama esse movimento de “cultura participativa”, uma vez que o consumidor se torna ativo, uma vez que ele tem diferentes possibilidades de interagir com os meios de comunicação. Na cultura midiaticizada, a imagem fotográfica nos remete à questão da notoriedade e constrói sentido diante da percepção estética, plena de estesia, de afetos e afetações. Em síntese, a fotografia tem uma função social de representar a sociedade e ao mesmo tempo ser representada por ela.

A atuação dos meios de comunicação, quando se relacionam ao contexto social, cria espaço para compreender o que é gênero, sexualidade e transexualidade e pode questionar preconceitos e padrões de comportamento. Em especial, com os novos meios de comunicação da sociedade em rede, é possível confrontar tabus que precisam ser rompidos. É fundamental, portanto, a desconstrução de pensamentos impostos socialmente sem reflexão prévia, sem o reconhecimento do direito do outro. Pensamentos que excluem o outro, que alimentam preconceitos e estigmatizações.

No *Instagram*, a imagem vinculada a uma temática, como a transexualidade, é extremamente necessária. Vivemos em uma sociedade imagética, na qual somos estimulados visualmente, seja na propaganda, na televisão, nas redes sociais ou no cinema. A imagem exerce poder sobre a vida social. E no caso das redes sociais os fluxos de informação e a abertura ao debate entre diferentes opiniões favorecem a abertura para o outro e o reconhecimento das diferenças como algo vital para a vida em sociedade.

As teorias apresentadas nesta pesquisa mostram articulações das práticas comunicacionais diante da construção das narrativas no *Instagram*, mediando-as em uma cultura midiaticizada. Para Barros (2012, p.85), “a cultura na sociedade midiaticizada tem na comunicação um elemento estruturante; não na perspectiva de um agendamento cego de pautas sociais, mas como dimensão contemporânea da esfera pública”.

A sociedade midiaticizada se utiliza constantemente do que é visual e os aparatos tecnológicos facilitam a circulação e o consumo de imagens que levam temas diversos como é o caso da transexualidade, o que provoca o agendamento de novas questões nas dinâmicas sociais e afeta as relações e interações dos indivíduos.

Mesmo aqueles que não tenham acesso às plataformas digitais acabam sendo influenciados pela circulação dos debates, que extrapolam os meios de comunicação. A mídia está na sociedade, como elemento estruturante. Somos cercados constantemente pela mídia e esta tem grande influência nos relacionamentos e na construção da opinião pública e das identidades dos indivíduos.

Os estudos *queer* sugerem que se lance um novo olhar sobre as identidades de gênero e contribui a uma reflexão social. Butler (2003, p.65) explana que a identidade de gênero “é uma sequência dos atos (uma ideia que assenta em teorias existencialistas). Mas ela também argumenta que não existe um ator (um *performer*) preexistente que pratica esses atos, não existe nenhum fazedor por trás do feito”. Assim, reforça argumentos em torno da diversidade e de que o indivíduo torna parte da sociedade conforme suas ações.

Portanto, a visibilidade das pessoas trans, nos meios de comunicação interconectados em rede, implica ter espaços que evidenciam suas experiências de vida, que as incluam na sociedade. Ao ocupar esse espaço, esses indivíduos evidenciam que estão ali, enfrentam as dificuldades estabelecidas pelos preconceitos e mostrando sua identidade. O fato de ser uma pessoa transexual já implica na ideia de que a luta é diária. Como aponta Butler (2003, p. 43), “essa luta de vida e morte como um encontro erótico nos quais sujeitos que confrontam a si mesmos tentam superar seus limites corporais para, mais uma vez, conhecer o Outro e, desse modo, o Eu”.

Nesse campo complexo, na qual o sistema de visibilidade é mediado pelas tecnologias, sendo possível estabelecer mudanças nas relações entre indivíduos e grupos sociais. Assim, como sustenta Sorokin (1969), para que ocorra progresso é necessário estudar a dinâmica sociocultural e também seus ritmos, oscilações e repetições.

Ter visibilidade na sociedade é ter reconhecimento, isto é, como aponta Thompson (2008,p.37), “a visibilidade mediada não é apenas um meio pelo qual aspectos da vida social e política são levados ao conhecimento dos outros: ela se tornou o fundamento pelo qual as lutas sociais e políticas são articuladas e se desenrolam”.

Ainda no que se refere às redes sociais, Recuero (2009, p.79) entende que as dinâmicas estabelecidas por elas dependem das interações que podem influenciar as ações dos indivíduos. Essas dinâmicas se transformam, pois as interações que ocorrem nesse espaço visam construir ou destruir determinados laços sociais. Isso vale, por exemplo, no *Instagram* que aumenta a visibilidade e permite interações diante do que é publicado. Nesse espaço há artifícios para aumentar número de curtidas e ganhar visibilidade, como na utilização das *hashtag* para popularizar sua postagem.

Com os avanços tecnológicos dos sistemas de comunicação, em especial as redes sociais, o espaço para as atuações dos indivíduos pode ser usado igualmente para o reforço de valores tradicionais e conservadores, ou para a construção de uma sociedade democrática e igualitária. Ao mesmo tempo em que o uso das novas mídias pode se dar para a disseminação do ódio e do preconceito, a pesquisa aqui relatada aponta que o *Instagram* também pode servir como um mecanismo de quebra de barreiras e de construção de visibilidade àqueles que não têm espaço na sociedade. Suas representações sociais nessas novas plataformas ajudam no processo de construção de identidade e superação de preconceitos.

O espaço das redes sociais é aberto e isso possibilita disseminar preconceito. Mas vale lembrar que as pessoas transexuais também sofrem agressões verbais e físicas fora das redes. Como aponta Castells (2013), as transformações tecnológicas modificaram as formas de

participação e interação e possibilitam a formação de espaço com apropriação de conteúdos de multiplicação de acontecimentos, construída dentro das redes.

Nem todos acessam ou se utilizam das redes para potencializar suas reivindicações, já que ainda existem barreiras de inclusão digital e uso de mídias digitais. O acesso aos meios de comunicação não garante a desconstrução de preconceito, é fato. Entretanto, oportuniza o combate para fins de informação, interação em relação às organizações de pautas voltada as questões da transexualidade.

Ao observar os perfis das personalidades mencionadas no trabalho, tanto do Thammy Miranda, d@ Liniker e da Lea T, notamos que a visibilidade trans se faz presente em suas postagens. Há um discurso imagético em suas postagens, mesmo quando o intuito não é para gerar discussão em torno do gênero e da sexualidade.

Por exemplo, na imagem postada por Liniker (figura 17 e 25), ao usar roupas com significado feminino e masculino, el@ não remete ali uma relação com o gênero ou sua sexualidade, apenas publicou uma imagem registrando um momento de sua vida como artista. Fez-se o ato político, pois seu gênero contribui para intervenção de uma existência.

Outra imagem que observamos foi de Thammy Miranda antes de sua transição de gênero, houve uma repercussão em como foi apresentada por outros veículos, constante no capítulo quatro. A visibilidade proporcionou e abriu um espaço para a temática da transexualidade, mesmo que não tenha sido o foco da publicação.

A importância do *Instagram* quando relacionamos à transexualidade é tornar visíveis as mensagens imagéticas, mesmo que não tenham um discurso pronto, mas sua representação torna-se relevante diante de sua transmissão. Somos influenciados diante da nossa existência e buscamos identificação no processo de construção da identidade. A visibilidade é constituída enquanto valor porque proporciona a potencialização do reconhecimento, em especial ao interesse da população trans.

Por fim, buscamos nessa pesquisa compreender o uso da fotografia postadas no aplicativo *Instagram* por pessoas trans, que não têm seu gênero e sexualidade estabelecidos pelas normas sociais, mas que conseguem suscitar reflexões. Assim, carregam significados e informações ao transmitir uma mensagem que dialogam com a fotografia no aplicativo. Essa mensagem será entendida a partir da percepção, identificação e interpretação do indivíduo.

Diante dos resultados oriundos dessa dissertação, verifica-se que a linguagem visual visibiliza a temática da transexualidade e gênero. Como foi apresentado, foi na década de 1980 que o termo transexualidade ganhou notoriedade e o que vivemos hoje é a construção da informação mediada pelos meios de comunicação.

Ainda que o *Instagram* tenha a política de privacidade, é difícil ter o controle da atuação de indivíduos preconceituosos. Essas atuações vão contra a proposta do trabalho, uma vez que esse ambiente é um meio para colocar em pauta as temáticas que não teriam espaço em outros meios de comunicação.

Uma palavra final neste relato de pesquisa nos leva a reconhecer os limites da empreitada realizada e a necessidade de que os estudos sobre as representações da transexualidade na mídia ganhem novos investimentos e possam interessar a outras pessoas que lancem a temas sociais contemporâneos na sociedade midiaticizada. De nossa parte, fica a esperança de ter contribuído, ainda que modestamente, para a superação de estigmas e a inclusão de segmentos minoritários que ainda se encontram à margem da sociedade. Esperamos ter contribuído para superar a invisibilidade desse e de outros segmentos LGBTQs.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÍLIO, A. G. M. **Travestilidade e transexualidade: o reconhecimento jurídico das identidades sociais**, 2016. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/hispecielemaonline/sumario/45/25012017122055.pdf>>. Acesso em: 12 out.2017.

ALVES, G. B. **Transexualidade e direito fundamentais: o direito à identidade de gênero**. 2013. 33 f. Trabalho conclusão de curso (Direito). Universidade Estadual da Paraíba, 2013.

ANDRÉ, H.; CLITON, H.; MARTINS, A. **A representação da transexualidade no programa Profissão Repórter**. 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0854-1.pdf>>. Acesso em: 12 out.2017.

ARAÚJO NETO, J. G. **A Utilização das Mídias Digitais na Sociedade Midiatizada**. 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/A%20utilizacao%20das%20midias%20digitais%20na%20sociedade%20midiatizada.pdf>> Acesso em: 3 jan. 2018.

BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Parma, 2005. 92 p.

BARROS, L. M. **Imagem e Reconhecimento: Experiência estética, identidade e alteridade**. In: DRIGO, M. O.; SOUZA, L. C.; BARROS, L. M.; COSTA, M. R. (Org). **Imagem e Conhecimento que relação é essa, afinal?**. 1 ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. v.1. p.216.

\_\_\_\_\_. Recepção, mediação e midiaticização: conexão entre teorias europeias e latino-americanas. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). **Mediação & Midiaticização**. 1ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012. p. 79-103.

BARTHES, R. A Mensagem Fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (org.) **Teoria da Cultura de Massa**. 7. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 325-338.

\_\_\_\_\_. “Introdução à Análise Estrutural da Narrativa”. In: **Análise Estrutural da Narrativa**. TODOROV, T; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U. GRITTI, J.; MORIN, V.; METZ, C.; GENETTE, G. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 1976. p.19-60.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. RIO DE JANEIRO: Zahar, 2001.

BECK, U; GIDDENS. A; LASH, S., **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: ADORNO et al. *Teoria da Cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

BENTO, B. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008, 222 p.

BERNARDES, M. **Uma reflexão inicial sobre feminismo na internet: gênero e corpo**. Congresso internacional comunicação e consumo, 2014.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). **Mediação & Mdiatização**. 1ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012, p. 31-52.

BOURDIEU, P. **“Espaço Social e Espaço Simbólico”**. In: *Razões Práticas*. Campinas: Papirus, 1996.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 118 p.

CÂNDIDO, C. **As Transformações da Subjetividade no Contexto das Tecnologias Intelectuais Contemporâneas**. São Paulo: USP, 2003. Dissertação de Doutorado em Psicologia Social, Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2003.

CASSEMIRO, L. C.. **Homofobia, Lesfobia, Transfobia: toda forma de preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero e a repercussão nos meios de comunicação**. 2015. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/homofobia-lesfobia-transfobia-toda-forma-de-preconceito-e-discriminacao-por-orientacao-sexual-e-identidade-de-genero-e-a-repercussao-nos-meios-de-comunicacao.pdf>>.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança – movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAGAS, E. N.; NASCIMENTO, T. E. P. . **(IN)VISIBILIDADE TRANS: uma breve discussão acerca da transfobia na vida de travestis e transexuais**. In: VII JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2017, São Luis. **QUESTÕES DE GÊNERO, ETNIA E GERAÇÕES**, 2017. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/invisibilidadetransumabrevediscussaoacercadatransfobianavidadetravestisetranssexuais.pdf>>.

COLLING, L. **Dossiê teoria queer: o gênero sexual em discussão**. 2014. Link disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>>.

COHEN, P. **Teoria social moderna**. RJ, Jorge Zahar, 1976.

COSTA, C. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, D. S; FERREIRA, D. S; SILVA, J. A – **Mídia como recurso para compreensão da vida social**. Artigo Apresentado ao III encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica. 2013.

COSTA, R. P. da. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. 4ª edição. São Paulo-SP: Kondo, 2005. 256 p.

CURIONI-MERGULHÃO, R. T; ALMEIDA, M. R.. **Transexualidade, na sociedade contemporânea- o enfoque da psicologia e do direito: um estudo de caso**. 2013. Disponível em: < <http://www.revistajurisfib.com.br/artigos/1395810486.pdf>>.

DORNELLES, J. Antropologia e internet: quando o “campo” é a cidade e o computador a “rede”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n.21, p.241-271, jan./jun. 2004.

ESPANHOL, J. **A estética fotográfica do aplicativo instagram a partir do diálogo com os aspectos da mobilidade de sociabilidade**, 2013. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)- Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FAUSTO NETO, A. **Mediatização, prática social – prática de sentido**. Artigo apresentado no Encontro da Rede Prosul, no seminário Mediatização, UNISINOS. PPGCC, São Leopoldo/RS, 2006. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_544.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf)>.

FERREIRA, V. S. **Cenas Juvenis: Políticas de Resistência e Artes de Existência**. Trajectos, n.16, p-111-121. 2010.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística. I - objetos teóricos**. São Paulo:Contexto, 2002. 000 P.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 152 p.

FURTADO, E. J. C. **Mediatização e Consumo Colaborativo no mundo digital: Uma Articulação de Conceitos**. In: Congresso Internacional em Comunicação e Práticas de Consumo, 2014, São Paulo. Anais do COMUNICON 2014, 2014.

GARCIA, W. Cinema brasileiro. **Corpo e diversidade cultural/sexual: estudos contemporâneos**. Conexão (UCS), v. 8, p. 79-91, 2009.

\_\_\_\_\_. **Consumo e fotografia em Erwin Olaf: uma perspectiva contemporânea**. Discursos Fotográficos, v. 11, p. 57-76, 2015.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GREGOLIN, M. R. F. V.. **Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), v. 04, p. 12-26, 2007. Disponível: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787116P6>>.

GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. 1996. Disponível em: <[http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935\\_identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935_identidade_genero_revisado.pdf)> Acesso em 15 jan. 2018.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo, Aleph, 2009. 432 p.

JESUS, J. G. **Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. Brasília. 2012. Disponível em: <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>> Acesso em 20 jan.2018.

KOEHLER, S. M. F. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. **Interações**, v. 9, p. 129-151, 2013.

LIMA, I. **A fotografia é sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.250 p.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e Significado**, 2ed. Lisboa: Edições 70, 2007. 39 p.

\_\_\_\_\_. (1976) **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, p.41-49.

LOPES, M. I. V. Proposta de um modelo metodológico para o ensino da pesquisa em comunicação. In: MOURA, C.P.; LOPES, M. I. V. (orgs.) **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 99-108.

LOURO, G. L. **Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n.2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>.

MARCONI, D. **Documentário queer no Sul do Brasil (2000 A 2014): narrativas contrassexuais e contradisciplinares nas representações das personagens LGBT**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações**. Comunicação. Cultura e hegemonia. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 322 p.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 206.

MAYA, E. E.. **Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem**. Discursos Fotográficos, v. 4, p. 103-129, 2008.

MAZZOTI; A. J. **Representações sociais: Aspectos teóricos e aplicações à educação Múltiplas Leituras**. V. 1, n. 1, p. 18 – 43, jan. – jun. 2008.

MONTEIRO, P. R. C; ZÓIA, C. C. G. **A DELÍCIA DE SER O QUE É: Identidade sexual e Identidade de gênero. Um perfil das vivências identitárias mais populares na nossa sociedade**. 2016. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/anteprojeto\\_facom\\_ufjfSUBGENEROS1.pdf](http://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/anteprojeto_facom_ufjfSUBGENEROS1.pdf)>. Acesso em: 09 out. 2017.

MORENO, J. C. A internet em McLuhan, Baudrillard e Habermas. **Observatório (OBS\*) Journal**, vol.7 - nº3 (2013), p. 59-77, 2013. Disponível em: <<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/viewFile/697/624>>.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOTT; L. **Etno-História da homossexualidade na América Latina**. 1994. Disponível em: <[https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/02/04.-Luiz\\_Mott.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/02/04.-Luiz_Mott.pdf)>.

MUNIZ, A. D; SILVA, D. R. **Sexualidade e Gênero**. 2007. Disponível em: <[http://www.servi.adm.br/arquivo/servi\\_20090930\\_162804.pdf](http://www.servi.adm.br/arquivo/servi_20090930_162804.pdf)> Acesso em: 10 jan. 2018.

NERY, J. Disponível em: <http://erosdita.ne10.uol.com.br/2014/10/transexualidadehistoria-de-joao-w-nery/> Acesso dia 25 jan.2018.

NOVAES, S. C. **Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico**. Mana, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Oct. 2008.

PAULA, S.; MARQUES, K. A Imagem Fotográfica Como Objeto da Sociologia da Arte. **Revista de Ciências Sociais**, v.41, n. 1, p. 17-26, 2010.

PARSONS, T. **A estrutura da ação social: um estudo de teoria social com especial referência a um grupo de autores europeus recentes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

PRADO, C; CAMINATI, F; NOVAES, T. Sinapse XXI: Novos Paradigmas em Comunicação. In: FILHO, A. B; CASTRO, C; TOME T. **Mídias Digitais. Convergência Tecnológica e Inclusão Social**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 25-49.

PRIMO, A. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Conversação como Apropriação na Comunicação Mediada pelo Computador**. In: Dulcilia Schroeder Buitoni, Roberto Chiachiri. (Org.). Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo. 1ed. Sao Paulo: Almedina, 2012, v. 1, p. 259-274. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/raquelrecuerolivrocasper.pdf>>.

RIBEIRO; S. D. **Reflexões sobre mitos nos manuscrito autobiográfico de herculine barbin, Nuntius Atiquus**. Universidade Federal de Minas Gerais, n. 6, dez., Belo Horizonte, 2010.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações: Ensaio de hermenêutica**. 1. Rio: Imago, 1978.

RONSINI, V. M. A perspectiva das mediações de Jesús Martin-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: GOMES, I. M. M; JIANOTTI JR, J. (Org.). **Comunicação e Estudos Culturais**,. 1ed. Salvador: EDUFBA, p. 75-98, 2011.

SAADEH, A. **Transtorno de identidade sexual: Um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino**. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **O Que é Semiótica**. 1 ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, In: SANTOS, B. S. (org.), **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**. São Paulo: Cortez Editora, 777-821, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo / razão e emoção**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SÊGA, Rafael Augustus. **O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. Anos 90**. Porto Alegre, n. 13, julho. 2000. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/6719-20751-2-PB%20(1).pdf>.

SILVA, Gislene. Pode o conceito reformulado de *bios midiático* conciliar mediações e mediatização?. In: Mattos, Maria Ângela; Janotti Junior, Jeder; Jacks, Nilda. (Org.). **Mediação & Mediatização**. 1ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012 , p. 107-122.

SIMMEL, G. A Metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Jorge Zaar Editora, 1979.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

SOROKIN, P. **Novas teorias sociológicas**. São Paulo, Globo, 1969. Cap. XVII.

SZTOMPKA, P. **A Sociologia da Mudança Social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

THOMPSON, J. B. **A nova visibilidade**. Tradução de Andrea Limberto, Matrizes, 2 (2008), pp. 15-38, 2008. Disponível em:  
< <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/38190/40930>>.

TRAGTENBERG, M. **Burocracia e Ideologia**. São Paulo, Ed. Ática, 1974.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2004.

WYLLYS, J. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1059446.pdf> Acesso em 23 jan. 2018.